

ÓRGÃO DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO DO PIAUÍ
ANO VII • Nº 15 • TERESINA, JULHO/OUTUBRO 1985

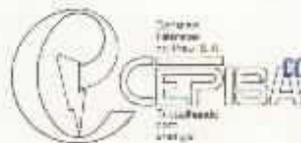
PRESENÇA

**Encerra o Ano Da Costa e Silva
O Folclore Piauiense
Considerações sobre o retábulo de Oeiras
A poesia de Álvaro Pacheco**





A iluminação pública de Teresina é uma das melhores do País.
Este fato é reconhecido pelos teresinenses, como pelos visitantes.
Tornou-se cartão de visitas da cidade.



BIBLIOTECA
— DO —
CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA



Editorial

Encerrar-se-á, no próximo dia 23 de novembro, o Ano Da Costa e Silva. Instituído pelo Governo Estadual, tem por objetivo comemorar o transcurso do centenário de nascimento de nosso poeta maior. Vasta programação será cumprida, inclusive em sua Amarante, onde se pretende construir o Parque Da Costa e Silva, que abrigará o memorial do poeta e seus restos mortais, para cumprir-se desejo expresso no poema dedicado a terra natal.

Em Teresina, dentre outros atos comemorativos, haverá, no Theatro 4 de Setembro, sessão solene com palestra de Fausto Cunha e lançamento de Poesias Completas, edição da Nova Fronteira. O Liceu Piauiense, onde estudou de 1900 a 1905, promoverá simpósio sobre sua obra.

No Palácio de Karnak, o Governador Hugo Napoleão fará entrega da Medalha do Mérito Cultural "Da Costa e Silva" a várias personalidades com serviços prestados ao Piauí nas letras, artes e ciências. No curso do Ano muita coisa se fez.

Divulgou-se o poeta dentro e fora do Estado. Sua obra foi amplamente discutida. Muita coisa também deixou de ser feita. Não importa: o poeta é universal. Sua obra transcende a temporalidade e assim jamais poderia estar adstrita a um evento, por bem planejado que seja. Não mais haverá, pois, Ano Da Costa e Silva. Todo momento, doravante, deverá refletir o espírito que motivou essa promoção e, de forma continuada, exaltar a grandeza espiritual do poeta.

BIBLIOTECA
— DO —
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

Jesualdo Cavalcanti

PRESENÇA

Órgão Oficial da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí

Governador do Estado do Piauí
HUGO NAPOLEÃO

Vice-Governador
JOSE RAIMUNDO BONA MEDEIROS

Secretário de Cultura, Desportos e Turismo
JESUALDO CAVALCANTI BARRÓS

Presidente do Conselho Estadual de Cultura
BENJAMIN DO RÊGO MONTEIRO NETO

Editora
Lena Monteiro de Carvalho

Conselho Editorial
Carlos Evandro Fialho
Glória Sanches Freitas
Amarury Teixeira Nunes

Diretor Comercial
Jose Elias Martins André Lado

Secretária
Sônia Maria Seubal Cunha e Silva

Colaboradores:
Jose Elias de Anjo Lino, Miguelães da Costa, Maria C. Figueiredo dos Reis, Harid Filho, Francisco Miguel de Moxa, Maria do Socorro Borges Leal, Oliveira Neto, Nise Mendes, Luiz Pires de Freitas, Cunha e Silva Filho, Jose Ribesqui, Garcia, William Pella Dias, Maria do Socorro Nery da N. Rego, Beryla Brito, Eteza Alhamdrin, Jose Elias de Brito, A. Tilio Filho, Fabiano de Cristo Reis Nogueira, Maria do Socorro Reis Nagalães.

Dr. Maranhão Siqueira, Renato Castello Branco, William Moss Soares, Leuzineze Azevedo, Carlos Esquivel M. Galvão, Sebastião Gonçalves Junior

Endereço da redação:
Praça Marechal Deodoro, 836 - Centro
Fone: 223 4096
04 000 - Teresina - Piauí - Brasil

Os conceitos e opiniões aqui emitidos, são de responsabilidade exclusiva dos autores dos textos

Huilação:
Paulo Moura

Redator:
Francisco Leal

Planejamento gráfico, composição, layout e impressão
Companhia Editora do Piauí - COMEPI

Sumário

	A PRESENÇA DA MODERNIDADE NA POESIA DE FÉLIX PACHECO	14
	A POESIA DE ÁLVARO PACHECO	18
	HIGINO CUNHA – O MESTRE	22
	O EXPERIMENTALISMO DE DA COSTA E SILVA	24
	TENTATIVA DE UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DE "CÍRCULO VICIOSO"	31
	SANGUE: A IMAGEM DA MULHER E A REPRESENTAÇÃO DO DESEJO	47
	PANORÂMICA DA OBRA DE GUIMARÃES ROSA	49
	CONTO DE FADAS: UMA LITERATURA PARA CRIANÇAS	59
	SINCRONISMO DO HERÉTICO	62
	A TALHA NO PIAUÍ – CONSIDERAÇÕES SOBRE O RETÁBULO DE OEIRAS	66

NOSSA CAPA:

Da esquerda para a direita: Raimundo Moraes – o homem que mais escreveu sobre a Amazônia; José W. Paizoli, Marilisa Paizoli, Da Costa e Silva e Artur Reis.



Cartas



Acusamos e agradecemos o recebimento da Revista Presença, parabenizando essa Secretaria pela enriquecedora publicação.

Zélia Duarte Monteiro Szucs
Rondônia-RO

Na oportunidade em que agradecemos o recebimento da edição trimestral PRESENÇA, parabenizamos a V. Exa. e a Equipe responsável pela realização de tão significativa publicação.

José Otmar Goettfert
Porto Alegre-RS

Agradecemos o envio da revista PRESENÇA, em edição especial comemorativa ao Centenário de Nascimento do poeta Da Costa e Silva.

Jail Mirinho
Instituto Histórico e Genealógico de Santa Catarina-Florianópolis-SC

Parabéns-me, não só com o Governo do Estado mas com V. Exa. e o grande povo do Piauí pelo alto nível das comemorações do Centenário de Da Costa e Silva, o maior de nossos poetas, consagrando-lhe a memória numa patente e louvável demonstração de amor a um dos seus filhos-homens, imortalizado pela singularidade de sua própria e maravilhosa Arte Poética.

Ribeiro Ramos
Sobral-CE

Acusamos o recebimento da edição especial da revista Presença, "100 Anos Da Costa e Silva". Agradeço e parabéns de sua atenção e cumprimento V. Exa. pela iniciativa.

Jury de Cunha Lima
Secretário da Cultura São Paulo-SP

Temos a máxima satisfação em acusar o recebimento da revista Presença, número especial dedicado ao inesquecível poeta piauiense Da Costa e Silva já-lá, todos os números de Presença são especiais.

Em nosso nome e no da Academia Nilopolitana de Letras, respei-

tosos cumprimentos, extensivos ao Deputado Jesualdo Cavalcanti.

João Aragão
Nilópolis-RJ

Sensibilizado agradeço magnífica edição revista Presença solenizando Centenário conterrâneo Da Costa e Silva.

Alvina Gameiro
Brasília-DF

Apraz nos agradecer o envio de um exemplar da revista Presença nº 13, Edição Especial, cujo excelente conteúdo encerra valiosas informações bibliográficas, propiciando ao leitor um conhecimento mais amplo da trajetória poética do grande vate amarantino Antônio Francisco da Costa e Silva.

João Gomes Cardoso Barrato
Secretário de Estado da Educação e Cultura Aracaju-SE

Recebi, com especial prazer, a edição especial de "Presença", dedicada ao centenário de nascimento do Poeta Da Costa e Silva.

Trabalho primoroso, pela abrangência e zelo com que foi elaborado, primando pelo valor literário e histórico.

Francelina Pereira dos Santos
Belo Horizonte-MG

Recebi a Revista Presença, que apresentei na sessão da União Brasileira de Trovadores, do dia 1º de junho e os poetas trovadores já começaram a homenagear o grande Da Costa e Silva, declamando seus versos.

Cândida Galeno
Fortaleza-CE

Agradeço o recebimento do exemplar da revista Presença, dedicado ao primeiro centenário de nascimento do excelso cantor de Saudade e Mueda, verdadeiras obras-primas da literatura nacional.

Manoel Rodrigues
Natal-RN

Não pode você (permita-me o in-
timidade) avaliar a satisfação que experimentei com a leitura de Presença, em seu belo número dedicado ao soberbo Da Costa e Silva.

A. Isaias Ruyter
Rio de Janeiro-RJ

Tenho o prazer de vos agradecer a dívida de um exemplar da revista Presença, edição especial, comemorativa do centenário do nascimento do Poeta Magno piauiense, Da Costa e Silva (1885-1985).

Viva a cultura do Estado do Piauí! A revista excelente!

Antônio de A. Cavalcanti
Niterói-RJ

Vimos pelo presente acusar e agradecer a V. Exa. a remessa da Revista Presença que já enriquece o acervo de nossa biblioteca.

Anna Bernardes da Silveira Rocha
Presidente do Conselho Estadual de Cultura - Vitória-ES

Foi com muito encantamento espiritual que lemos tudo que a citada Revista apresenta sobre a vida e a obra de Da Costa e Silva, personalidade nobilitante da criação humana.

Inocêncio Candelária
Mogi das Cruzes-SP

Recebi, sensibilizado, a edição especial da revista Presença, referente ao grande poeta brasileiro Da Costa e Silva, no ano do centenário do seu nascimento.

Cumprimento ao Governo do Estado pela iniciativa da publicação e, em particular, ao seu ilustre secretário de Cultura, Desportos e Turismo, responsável pela coordenação dos trabalhos.

Paulo Klumb
Santa Maria-RS

É um grande prazer acusar o recebimento de uma bela revista Presença que mostra um brilhante trabalho desse órgão na divulgação de nossa cultura.

Parabenizamos a V. Sa. e equipe por um trabalho valoroso.

Maria José de Castro Ramalho
Teresina-PI

Agradeço-lhes muito cordalmente, e ao Governo do Estado do Piauí, a bela oferta que me fizeram, do nº especial da revista Presença!

Muito bem-elaborada, honra seus idealizadores, seus colaboradores e até mesmo os gráficos que a organizaram e a fizeram nascer! E Da Costa e Silva bem o merece.

Lothar F. Hessel
Porto Alegre-RS

Agradeço a remessa da Presença, expressão viva do dinamismo que hoje caracteriza a vida cultural do Piauí.

Renato Castelo Branco
São Paulo-SP

Recebi a edição especial da Presença e fiquei feliz com a iniciativa. A cultura que sempre foi postergada, tem, no Piauí, uma defesa inconfundível. V. Exa. está de parabéns. Coragem e destemor, eis como vejo a obra que vem desenvolvendo. Que outros Estados sigam o exemplo. Apesar anúncio da pág. 21 é fenomenal. Parabéns, mais uma vez. Vou mostrá-lo ao nosso governador do Amazonas.

Jayme Pereira
União Brasileira de Escritores
Manaus-AM

As minhas mãos chegou um exemplar da revista Presença Edição Especial em comemoração dos 100 anos do poeta Da Costa e Silva. Estive folheando-a e achei-a magnífica, sob todos os aspectos.

Congratulações efusivas. Posso também afirmar que despertou-me vivo interesse o valioso e original trabalho, não apenas pela parte lírica da vida do poeta, mas, principalmente, pelo próprio valor histórico e cultural da publicação.

Gisela P. Schimmelpfeng
Fortaleza-CE

Agradeço a gentileza do envio da Edição Especial da revista "Presença".

Cato Pompeu de Toledo
São Paulo-SP

Venho aqui agradecer ao ilustre amigo o obsequio de me ter ofertado o excelente número de Presença, consagrado ao centenário de Da Costa e Silva.

Jonas Montello
Rio de Janeiro RJ

Cumprimentando-o, agradeço o muito bem apresentado e contendo matéria de real interesse, exemplar da Revista PRESENÇA, órgão da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí.

Walter Luna
Chefe de Gabinete do Ministério do Interior - Recife-PE

Recebi o número 13 da Revista PRESENÇA, dedicada ao primeiro Centenário de Nascimento do inextinguível Cantor de Saudade, por sinal excelente. Grande contribuição para o estudo da vida e da obra de Da Costa e Silva.

Manoel Rodrigues
Natal-RN

É honroso estar incluído entre os distinguidos com o recebimento desta revista. Com a oportunidade feliz apresento os meus agradecimentos.

Theobaldo Costa Jamundá
Florianópolis-SC

Agradeço-lhe o exemplar da "Presença 100 anos Da Costa e Silva". Trata-se de justa e merecida homenagem ao poeta maior desse Estado, àquele que tão bem cantou a terra piaulense.

Abelardo F. Montenegro
Fortaleza-CE

Carta de

Theodemiro Tostes poeta e crítico literário, ainda vivo, que conviveu com Da Costa e Silva em Porto Alegre, quando o piaulense era Delegado Fiscal na capital gaúcha.

Porto Alegre, 23 de dezembro de 1984

Prezado amigo A. Tito Filho

Recebi, há três dias, seu amável cartão, acompanhado de uma cópia das páginas de um livro piaulense relativas ao poeta Da Costa e Silva. Conheci realmente aquele poeta, quando ele esteve em Porto Alegre, no longínquo ano de 1925, como Delegado Fiscal do Tesouro Nacional, cargo que exerceu durante menos de três anos, período em que teve alguns contatos com o nosso grupo literário. Na nota intitulada "Simbolista e Parnasiano", que também está incluída entre as páginas remetidas, há um pequeno equívoco do autor quando diz que "Da Costa e Silva ligou-se a Alberto de Andrade Queiroz, com quem dirigiu o suplemento do Diário de Notícias". Ora, o Diário de Notícias, jornal em que colaborei desde a sua fundação em março de 25, nunca teve qualquer suplemento, mas sim uma "Página Literária", publicada aos domingos e dirigida pelo nosso saudoso amigo Luís Vergara, na qual os componentes do meu grupo colaboraram assiduamente. Se Andrade Queiroz, que viveu mais tempo em Porto Alegre, colaborou algumas vezes na nossa página, Da Costa e Silva, talvez dividiu às suas

ocupações burocráticas, nunca figurou entre os colaboradores, apesar de suas inegáveis qualidades literárias.

Lembro-me bem do poeta, quase cinqüentão naquela época, por isto mesmo, pouco freqüentado no nosso grupo de rapazes mais ou menos boêmios e de vagas tendências modernistas. Era um homem simpático mas de uma vida perfeitamente retraída. Achei curiosa a parte da nota que se refere ao seu pretendido ingresso, quando moço, na carreira diplomática, um fato de que nunca nos falou e que eu, até agora, ignorava. Apesar de ele não ter um belo tipo físico, não creio que isso fosse motivo para que o Barão e Rio Branco (que, pelo que mostra seus retratos, estava longe de ser um Adonis) transformasse a entrada na carreira numa espécie de concurso de beleza. Ainda conheci e namorei alguns velhos embaixadores dos remotos tempos do Barão, entre os quais o poeta Da Costa e Silva não faria má figura fisicamente.

Não sei se o amigo conhece o interessante livro "O Grupo", de Paulo de Góes publicado em 1971 em convênio com o Instituto Estadual do Livro. Nela, Paulo refere-se à vinda de Da Costa e Silva a Porto Alegre e transcreve o soneto "Saudade", que é um dos seus poemas mais conhecidos. É interessante notar que, ao contrário do Barão, Paulo descreve o poeta piaulense com "um belo tipo de homem", o que mostra que a beleza física, com tantas outras coisas neste mundo, é uma questão de ponto de vista, muitas vezes de simpatia.

Retribuindo sinceramente os seus votos de boas festas, envio-lhe um cordial abraço.

Theodemiro Tosta
Av. Independência 1206, ap. 801
Porto Alegre

O Estado do Piauí, talvez por bem, trazet seu ilustre filho Da Costa e Silva, à memória brasileira.

Em 1928 chegava eu a Manaus e como recitalista, privei com o mundo intelectual da cidade. Neste mundo Moraes, o homem que mais escreveu sobre a Amazônia, José W. Pozzoli (meu esposo), Marília Pozzoli, Da Costa e Silva, Artur Reis.

E o jornalista Euclides - que já não sei o sobrenome. A chapa foi batida por Carlos Mesquita, diretor da revista local Amazônica. Al está, pois, Da Costa e Silva em 1928. Nesses encontros, lia-se, declamava-se poesia. Encontrou de poetas, de que falar então?

Cordialmente,
Marília Pozzoli
São Paulo

com o repentista-trovador

Rodolfo Cavalcante

PRESENÇA — A verdadeira poesia brota da alma do povo. Um dos maiores representantes desta verdadeira poesia é Rodolfo Cavalcante. Disto ninguém tem dúvidas. Todo mundo sabe e o Brasil inteiro conhece. E, é uma honra para o Piauí hoje, dia 17 de agosto de 1985, durante o X Festival de Violeiros, Rodolfo estar aqui sempre representando esta alma do povo com esta poesia imensa que nasce de verdade... Antes de Rodolfo falar desta poesia, gostaria de perguntar o seguinte: o Rodolfo, criança, o Rodolfo menino, a poesia que brotou. Como é que ela nasceu, como apareceu?

RODOLFO — O senhor está falando pra quem? Qual é o canal de comunicação?

PRESENÇA — O canal é a revista PRESENÇA, uma revista da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

RODOLFO — Bem, eu sou alagoano. Nasci no Rio Largo, cidade de Alagoas, distante da capital umas cinco léguas. Aos seis anos de idade eu já fazia peça de "Pastoril", "Chegança" e "Reisado". Num dia de sábado, o trem cargueiro de Maceló, chamado trem de suturu ia pras edificações alagoanas, meu avô criava animais e ia cortar capim numa fonte próxima à cidade que eu morava, numa distância de três quilômetros. Então, meu avô o trem matou. E era mestre de "Chegança" em minha terra... E tem "Chegança" de adultos e as crianças participavam também. Eu era mestre.

PRESENÇA — Aos seis anos?

RODOLFO — Sim. Foi isso em 1925. Meu primeiro verso foi esse: foi um assombro na cidade: aquele Reisado todo dia tinha que levar uma peça pra Maceló. Como meu avô morreu, eu tirei a peça (cantando). "Mas num dia de sábado/ às seis horas da tarde se deu um horror/ O trem que vinha de Maceló/ No mais da pior matou meu avô...". Aí nós cantamos a noite toda, junto ao mestre da rua da Barca que cantou: "Mestre Rodolfo você diz que tem valor/ Pra que apanhou daquela nega sua/ Que vida de louco que



Rodolfo Cavalcante.

vida apetreada/ Carregando água vendendo no mei da rua...". É que meu irmão Ari e eu carregávamos água pra botar em casa. E eu com raiva respondi: "Seo Mestre da Barca eu não tirei peça roubada/ Isto é uma farsa de home sem educação/ Prego no senhor, sacudo na cadeia? Puxo na orelha teje preso ladrão...". Aí me chamaram de poeta com seis anos de idade.

PRESENÇA — Aí começou a história de Rodolfo?...

RODOLFO — Começa a minha vida. Meu pai era um alcoólatra. Minha mãe, coitada, era uma operária pobre, e fui obrigado a sustentar a família, eu e meu irmão mais velho um ano. Eu vendia jaca, manga, pegava frete na feira, aí começou a minha vida... Com doze anos eu comprei uma casa pra mamãe.

PRESENÇA — Mas nesse período que você fazia tudo isso — vendia jaca e pegava frete na feira, a poesia já existia forte?

RODOLFO — Eu fazia versos na hora. Nasceu comigo a poesia popular. Mas não era cordelista.

PRESENÇA — Nasceu com a morte de seu avô?

RODOLFO — No momento, avise aos seus leitores da revista que vai sair a minha vida no livro de Érico Teodoro Wankee por três semanas no Caso Verdade da Globo. Já tão filmando. Entre outubro e novembro no Brasil. Eu tenho um desses livros pra vender, agora é caro. Só me deram 30 livros.

PRESENÇA — Mas eu queria um depoimento do Rodolfo para o povo do Piauí que lhe quer tão bem.

RODOLFO — Mas eu sou filho. Aláás, eu tenho sangue aqui pois censei com uma paulistense.

PRESENÇA — Pois conte esta história moço.

RODOLFO — Pois bem, eu fugi em '34. Meu pai era irresponsável, bebô; minha mãe, também.

PRESENÇA — Seu pai não gostava de poesia?

RODOLFO — Meu pai era alcoôlatra, era irresponsável, modéstia à parte. Deus que o tenha em bom lugar, mas era eu que tomava conta da casa, junto com meu irmão Art. Foi preso por Lampião, com ele...

PRESENÇA — Você tem que contar esta história, também.

RODOLFO — Ah, isso é muito longo. Tem que ser um dia, não dá.

PRESENÇA — Você conta em minutos.

RODOLFO — Vocêis vão pegar na filmagem, num é? (referindo-se ao gravador). Pois bem, resultado: em 1934, quando eu pegava pisas por qualquer coisa, então meu irmão perdeu um bilhete da Loteria Federal. Meu pai vendia bilhete, e eu também. O resultado é que meu irmão disse: "perdi o bilhete; vamo levar uma pisa". Uma pisa, meu irmão, naquele tempo...

PRESENÇA — Era uma coisa honrada?

RODOLFO — Honrada não, era uma coisa desgraçada! Então nós fugimos com medo da pisa. Encontramos o capitão João Bezerra, que era meu amigo, eu dormia com meu irmão na delegacia, quando meu pai me batia. Não podia ir pra hotel, ia pro quartel. Os documentos naquele tempo não era carteira de identidade, era uma declaração do delegado. A gente passava num lugar, e o delegado passava um carimbo da delegacia.

PRESENÇA — Você era carimbado de vez em quando.

RODOLFO — Eu não, os meus documentos. O delegado escrevia assim: "passou aqui o poeta, o artista, não tem nada a desabonar".

PRESENÇA — Siga mais adiante.

RODOLFO — Bom, você quer a história de ano em ano?

PRESENÇA — Eu quero é tudo.

RODOLFO — A história de Lampião? Bom, então eu fugi mais meu irmão. Quando cheguei a Pão de Açúcar, Alagoas, eu tava sem dinheiro. Mas era um camelo dos longes. Eu dizia: "vestruz se chama Ana, água se chama Henriqueta; burro se chama Manuel; dona Vera é borboleta; cachorro se chama Paulo; cobra se chama Cecília; carneiro se chama João; o camelo é Jeremias; cobra se chama Teresa; coelho se chama Vicente; o cavalo se chama Celso; elefante se chama Clemente; galo se chama Pereira; gato se chama Goidino; jacaré se chama Pedro; o leão é Severino; o mato é Nicolau; porco se chama Velho Chico; o porco se chama Antônio; o peru é Frederico, touro se chama Fernando; tigre se chama Conrado; urso se chama Hamunido; o veado é Bernardo — quando o delegado se chamava Bernardo, eu mudava o nome, né? — a vacinha é Juliana, tá o jogo terminado. O que eu cantei todo mundo sabe. Tem mais de mil pessoas aqui em Teresina que sabem música.

PRESENÇA — E quando foi que você chegou a Teresina?

RODOLFO — Bom, fui o seguinte: eu trabalhava em circo, me chamava Pirulito.

PRESENÇA — Ah, você trabalhava em circo?

RODOLFO — Ah, oito anos trabalhei. Chocolate, Carrapicho, Mané Quindim, Silvio Show e eu vimos trabalhando. Quando cheguei aqui, em Conceição do Canindé, Paulistana do Piauí, eu era namorado de uma moça em Brejo do Anapuru aqui perto. Meu amigo! Ai os irmãos da moça lá eram muito ricos e queriam me matar. Eu fugi pra Alagoas. Mas eu gostava da moça. Digo: "vou me casar mesmo com ela". Ai eu vim com destino de roubar, matar, morrer e vinha casar com a moça. Eu desci por um lugar que não tinha compromisso com as moças. Mas, eu era bonito, jovem, diretor de circo.

PRESENÇA — Dizia coisas bonitas, né?

RODOLFO — Eu dizia assim: "a tua boca mímusa, parece hotão de rosa, da minha consolação. Faz de meu peito um canteiro, que serê teu jarimpeiro, dona de meu coração".

PRESENÇA — Oh, coisa linda (rindo).

RODOLFO — As mulheres me entregavam e as moças me beijavam as mãos. Eu dizia pras moças: "ontem à noite eu tive um sonho, despertei muito risonho, quase que não acreditei. Sonhava nós se beijando, será seu tava sonhando na hora que te beijei?" (risos). Eu era poeta. Eu era poeta e as namoradas trovejavam. Eram três, quatro, em cima de mim, e eu num queria. Eu ia me casar com a que deixei em Anapurus, Maranhão. Quando eu chego em Paulistana, vinha trabalhar, vinha por minha conta, vinha com meu irmão e um capanga. Meu irmão fazia o papel de homem e de mulher. Nós já tínhamos três pessoas e não vamos pagar mais artistas, né?

PRESENÇA — Qual era o circo?

RODOLFO — Era o ABC. O nome era Grupo ABC. E nós tava apertado. Nós ia ganhando o pão onde chegava. Era pano de roda, inventava, eu fazia o papel de mulher, era mágico, levava a cédula e tirava a nota do bolso do delegado, e outras coisas... Era autor de drama ainda. Pois bem, quando eu chego a Conceição do Canindé, lá tinha a festa do dia 16 que era a festa de Nossa Senhora da Conceição. Ai apareceu a moça. Quando eu olhei pra menina, era aquela tal, né? Visconde de Taunay, aquela inocência, aquela pureza.

PRESENÇA — Em Paulistana?

RODOLFO — Não. Em Conceição do Canindé, mais conhecida como Paulistana. Eu cheguei pra ela: "minha filha, você é filha de quem?" — Doca Moreira. Pálida aquela menina Ingênia. Eu me lembrei de um romance que li do Visconde de Taunay.

PRESENÇA — Inocência?

RODOLFO — Meu irmão não lia nada. Meu irmão era nada, mas eu lia, era sabidão, modéstia à parte.

PRESENÇA — Você sentia toda a pureza naquela beleza agreste.

RODOLFO — Foi da pureza, né? A flor é pura. Eu dizia: "minha filha, você quer casar comigo?". Mas veja bem, a primeira vez, saído de Maceió, pegando cidade por cidade.

PRESENÇA — E ainda ia atrás de outra mulher?

RODOLFO — Outra mulher não, ia atrás da minha noiva, mas os irmãos dela queriam me matar, andando com bacamarte, eu atravessava o rio à meia-noite. A moça lá era rica, ai me deu essa vontade: vou me casar pra acabar logo com essa briga. Ainda me deu vontade de ir lá.

PRESENÇA — Mas você estava a caminho era disso.

RODOLFO — Era, mas enfrentando a morte. Se encontrasse uma coisa mais suave, não ia morrer.

PRESEÇA — Af aconteceu a inocência?

RODOLFO — Aquela imagem pura, e ela: "não, meu pai é sério, num sei o quê" — Eu disse: "você quer casar comigo?" Lá era domingo. Af eu me casei. Tenho 46 anos de casado. Hoje somos pais de treze filhos, temos criando oito netos e mais cinco filhos doentes.

PRESEÇA — Como é o nome dela?

RODOLFO — Hilda Moreira Cavalcante. Você vai fazer uma homenagem a ela. Cuidado para ela não chorar. A velha é espírita, é muito.

PRESEÇA — É do Piauí?

RODOLFO — Piaulense, e você não tem nada a ver com isso?

PRESEÇA — Não! Mas eu tenho. Eu me sinto feliz com isto.

RODOLFO — Mas viu? Então eu cheguei aqui, como palhaço de circo. Mas em Berlenga — você conhece Berlenga?

PRESEÇA — É Valença.

RODOLFO — Af ela mandou dizer: "traga uma rapadura pra mim, de Berlenga".

PRESEÇA — Ela não tem vindo ao Piauí?

RODOLFO — Não. Eu não posso. Sou pobre.

PRESEÇA — Mas você vem muitas vezes.

RODOLFO — Mas eu venho por conta dos movimentos poéticos.

PRESEÇA — Não! Então, sua mulher tem que vir também.

RODOLFO — Você paga a passagem dela?

PRESEÇA — A gente dá um jeito aí.

RODOLFO — É mesmo? Para o ano, agora não. Você já ouviu falar em Pedro Brito? Um grande poeta, advogado.

PRESEÇA — Já. Ele é satírico.

RODOLFO — Ele me trouxe pra Teresina. Eu tiva em Berlenga. Como era antigamente que você falou?

PRESEÇA — Valença.

RODOLFO — Vim num camião. Só dava o dinheiro pra passagem pra Teresina, de Berlenga pra cá, em 42. Af o Pedro Brito batendo papo comigo, fazendo versos, sone-tista.

PRESEÇA — O velho Pedro Brito.

RODOLFO — Ah é, boêmio, gurdão, igual ao Quintino do Cunha.

PRESEÇA — Feito como a necessidade.

RODOLFO — Não senhor.

PRESEÇA — Era bonito?

RODOLFO — Eu não acho homem bonito. Mas tinha simpatia... Pedro Brito eu trago uma grande recordação. Ele fazia verso pra mim, e eu respondia. Eu fazia pra ele, e ele respondia. Era um repentista.

PRESEÇA — E era poeta, também.

RODOLFO — O xente, poeta e trovador. Era um boêmio. Fui visitar a casa dele, lá vi um corredor de quase um quilômetro: "minha Nossa Senhora, esse home gasta esse dinheiro todim?". Eu fiquei entusiasmado pelo Brito. Af eu era um camelô comercial, fazia propaganda política, no tempo de Leônidas Melo, interventor, quando não havia rádio, não havia nada. O rádio era o meio da rua.

PRESEÇA — Tudo era censurado?

RODOLFO — É, a ditadura. O pessoal do Palácio mandava eu gritar no meio da rua: "O governo Leônidas Melo convida a população de Teresina, amanhã vai ter uma manifestação tal, e tal", falava sobre a gasolina. Era uma espécie de propagandista oficial do governo. E ele pagava.

PRESEÇA — Também você só fazia aquelas que sua consciência mandava fazer?

RODOLFO — Não, não. A gente não tinha liberdade. Era a ditadura. Comecei fazendo propaganda no Cine São Luis, o Rex, ganhando meu dinheiro. Eu era o rádio em toda a cidade. Af teve o caso do motorista Gregório, fui no cemitério levar um anjo, e lá me contaram o caso do chofer Gregório. Era aquele negócio na beira do rio. Af ia fazer um livro, e os motoristas: "Faça o livro, que nós compramos aqui mil...". Era o-tenta mil réis a impressão. Eu disse: "É duzentos mil réis". Eles disseram: "Pagamos!".

PRESEÇA — Nesse tempo você estava escrevendo livros, que tempo era isso?

RODOLFO — Primeiro livro: "Os Clamores do Incêndio de Teresina". Ninguém podia falar na política, no tempo do Evilásio Vila Nova que era secretário de Polícia. Ninguém podia falar em incêndio, porque aquilo foi criminoso. E o jornalista Ovídio do Espírito Santo meteu o pau. Foi verdade. Todo mundo sabia que era o governo. Aquele governador do Pernambuco, como era o nome dele? Foi contra os mocambos. Então em muitas capitais incendiaram os mocambos. Eram criminosamente mesmo. Eles tacavam uma bomba, um negócio de gás. Umás 30 casas eram incendiadas por dia.

PRESEÇA — E a culpa ficou por o governo?

RODOLFO — Não. Para o povo. Ninguém podia falar. E como se podia falar? E como se podia fazer um livro contra o governo, sem poder falar? Mas eu via o Corpo de Bombeiros indo pra lá, e tal, e fui a favor do Governo: "E o Corpo de Bombe-

ros que é a nossa segurança, vai na casa dos pobres que é toda confiança". Mostrei isso ao Evilásio, e ele: "Muito bem. Você é um patriota. Tem aquele sem-vergonha que fez um livro contra Teresina, dizendo que a rua Olavo Bilac havia se transformado na rua do Demônio, mandei meter ele na cadeia. Mas você não, você é um patriota, pode publicar esse aí". E botou o carimbo dele: "Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda". Ah, meu filho, quando ele carimbou, eu vendi seis mil numa semana. Sabia quanto ganhei em cada um? Eu imprimia e ostenta mil réis e vendia o quinhentos. Af comprei meu escritório, minha máquina, móveis, cama...

PRESEÇA — Venha cá, mas quem mandava fazer os incêndios?

RODOLFO — Era o governo mesmo. O Ovídio Espírito Santo escolheu. Mas eu não ia dizer que era o governo. Não sou maluco. Não tinha a ver com isso. Não vou entrar na briga de ninguém.

PRESEÇA — Mas qual era o interesse que o governo tinha em queimar estas casas?

RODOLFO — Bem, eles queriam que a turma saísse pra construir outras casas. Não casas de palha, queriam reformar a cidade.

PRESEÇA — Isso aí fica na incógnita do tempo, ninguém pode responder.

RODOLFO — Ninguém pode dizer mais nada. Resultado: aí foi o meu primeiro livro "Os Clamores". Foi autor de 1.733. Lancei agora o último livro, uma biografia da vida de Corumbá. Publiquei também "O Valor da Raça Negra", e lancei as biografias de Platão, Sócrates e Aristóteles. Agora vou escrever sobre Pitágoras. No ano 2000 vai ter uma festa nacional, se Deus quiser. Já tô ficando velho e tal.

PRESEÇA — Acha que não?

RODOLFO — Acha que não? Pois bem, muito obrigado. Pois o resultado da minha vida é o seguinte: tenho três Estados no meu coração, e queria fazer um apelo aqui: em mereço o título de cidadão piaulense. Sebe por quê? Eu tenho título de cidadão de Salvador, sou alagoano de nascimento, e no Piauí comecei a levar o nome desta terra pelo mundo todo, viu?

PRESEÇA — Um esquecimento idiota, né?

RODOLFO — Não, mas eu vou exigir.

PRESEÇA — Mas isso aí tem que acontecer mesmo. Quem vai batallar agora por isto sou eu.

RODOLFO — (declamando)

"Teresina é uma criança que vive sempre a sorrir / Num lado o rio Par

naíba; no outro o tio Poty/ É a cidade de criança, berço da nova esperança/ Capital do Piauí...” Ora, piauiense, casado com piauiense, três filhos piauienses.

PRESENÇA — Amado esse pedaço aqui.

RODOLFO — Rapaz, eu elogio esta terra em todo canto, eu gosto desta terra, eu amo esta terra, como amo a minha própria terra. Fiquei aqui de 42 até 45.

PRESENÇA — Como é que foi a mudança?

RODOLFO — Foi o seguinte: é que a minha esposa, a mãe dela já velhinha, mas o pai dela cego, estavam morando em Salvador. Queria ver a mãe, e eu mudei com ela de uma hora pra outra, fui embora. Quando cheguei o Getúlio Vargas caiu. O Góes Monteiro hotou ele pra fora. Quando morreu, escrevi: “Pode o povo ser grãfino, pode o pato não nadar, pode o leão ser molino, pode o gato não miar, a galinha criar dente, gente virar serpente, mas o Getúlio vai voltar”. O povo dizia: “tu vai é preso rapaz”. Eu não me importava. Aí começou a minha carreira. Publiquei o livro: “A Linda Moça Bateu na Mãe Virou Cachorra”. Construí minha casa em Salvador, construí mais duas em Jequié, que são meu patrimônio. Sabe quantos livros eu vendi da “Moça Virou Cachorra”? 445 mil. É meu best-seller.

PRESENÇA — Eu já li também.

RODOLFO — Pode fazer pergunta, tem mais coisa, não?

PRESENÇA — Eu quero ouvir o Rodolfo brasileiro, o Rodolfo que cresceu e rompeu barreiras.

RODOLFO — Bom, eu vou mostrar a você aqui a minha “Medalha Machado de Assis”, que é a maior comenda dos intelectuais do Brasil. Muitas não a tem, e nenhum trovador brasileiro a conseguiu. Pois bem, isto me dá muita luta. Toda hora tô viajando pras universidades: Espírito Santo, Alagoas, Pernambuco, pra fazer conferência sobre Literatura de Cordel. Eu sei quem foi o primeiro trovador do Brasil, quer dizer, repentista.

PRESENÇA — Qual foi?

RODOLFO — Bom, o primeiro “violeta-repente” nasceu na Península Ibérica (Espanha e Portugal) e França. A Literatura de Cordel podia ser vendida em folhas soltas que chamavam “fuépos” na Espanha, e na Itália chamavam “littegal”, “literatura de cordel”. Mas, por que literatura de cordel? Pergunta o povo. Muita gente vem me chamar de doutor cordel. Não tem nada de doutor. É que a litera-

tura de Portugal, da Península Ibérica, os volumes não eram somente de poesias, cantigas de namoradas, cantigas de ninar, não: qualquer obra de pequeno volume que fosse de bolso, eram expostas no cordão, no cordel. Mas a nossa literatura de hoje é diferente daquela literatura antiga. A nossa literatura é nacional, nascida na Paraíba, na Serra do Teixeira, pela família Nicano Nunes da Costa. Esta família, o tronco, o patriarca, era Agostinho Nunes da Costa, que era filho de Sabóvi, Rio Grande do Norte. Ele era uma espécie de “Patativa do Açaré”, como eram também Zé da Luz e Catulo da Paixão Cearense. Ele escrevia poemas e não era cordelista. Quer dizer, não havia folhetos naquele tempo. Então ele tinha três filhos: Agostinho Nunes da Costa Filho, era igual ao pai, escrevia poemas. Mas, o Ugozinho Nunes da Costa, eu considero o primeiro violeta repentista. E o Nicano, três anos mais moço que o Ugozinho, foi o primeiro poeta de cordel, trovador que escrevia nas bancadas os seus folhetos. E tinha um apelido: era chamado “Poeta Ferreiro”. Nós temos o primeiro fac-símile, o primeiro folheto dele.

PRESENÇA — Ei, quero lhe fazer uma pergunta: e os condoreiros?

RODOLFO — Aí já não é cordel.

PRESENÇA — Os condoreiros como Castro Alves, você aceita eles como repentistas?

RODOLFO — Nada! Não, não não. Eu também faço poemas, mas aí já é outra coisa. Faço poemas e faço repentistas pela convivência com os violetos. Eu poderia ser apenas poeta.

PRESENÇA — Mas o repente, qual a distância entre o repente e...

RODOLFO — O cordel, trovador de cordel, autor de poemas só pode escrever em sextilhas, septilhas ou décimas. Fora disso, nada tem a ver com cordel. O camarada pode escrever poemas bonitos, o “Patativa do Açaré” faz poemas da gente chorar, o Zé da Luz, mas num é. Aí é poema!

PRESENÇA — Pode brotar de repente, mas...

RODOLFO — Mas num é cordel. Nós temos uma estrutura diferente da de Portugal. Nossa poesia popular é genuinamente nordestina, nasceu na Serra do Teixeira, cresceu em Pernambuco; hoje está em Alagoas, Paraíba, Piauí...

PRESENÇA — E o Sul?

RODOLFO — Lá são os filhos do Nordeste que se espalharam, mas nasceu na Paraíba. Eu tô agora empregado numa Fundação cultural, e hoje existe uns tal de “poetas da praça”, quer dizer, poetas livres

que só escrevem imoralidades, pornografias — me perdoe, não são todos não. Estou generalizando. Mas não aceitamos por que temos a nossa entidade nacional que é a Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel, cada um tem sua carteirinha, temos embaixadores que são delegados e até um elemento da ONU. Por isto não aceitamos imoralidades. Mas chamaram esse movimento para Salvador. Chega um elemento e diz: “A Bahia é terra de abutre... tem um homem atrás da madame e RANG...” uma imoralidade. A poesia é uma mensagem. E pra ser uma mensagem é preciso a pessoa sentir. Tem que ter sentimento. Mas aí vem outro e diz: “Numa estrada, lava um cavalo e uma égua...” Assim num dá meu irmão! Poesia é amor, sentimento. E é metendo o pau no governo, entendeu? Sem pé, nem cabeça.

PRESENÇA — Mas existe muita poesia como crítica séria, não é verdade?

RODOLFO — Rui Barbosa, com justiça, lançou o seu protesto, de tanto ver injustiça, faz vergonha ser honesto. Quando houver injustiça, meta o pau. O problema social, esse negócio da terra, tá direito. Mas não pra esculhambar.

PRESENÇA — Pior é esculhambar sem nenhum fundamento.

RODOLFO — Pois é isso. Mas a poesia de cordel não. A poesia é amor. Você vai assistir a dois violetos e você sente a poesia. E o cordel é isso. Então não sei se sou radical, se sou velho, mas não aceito esse negócio de pornografia. Um camarada agora escreveu um livro: “A Mulher que Perdeu a B... Para Arranjar Emprego”, com retrato da mulher nua e tudo, com o hum-bum pra cima... E tem graça, isso? Num é esculhambar? Então eu tô entrando em campanha contra isso. O cordel tem uma finalidade: educar, instruir. Desde 55 que venho lutando com isso, moralizar a Casa do Cantador, lá em Salvador, e agora aqui em Teresina, nesta que o João Cláudio inaugurou.

PRESENÇA — O trovador como crítico político e transformador social, como é que é?

RODOLFO — Meu filho, se você for procurar os ângulos em que literatura de cordel é útil em nosso país. Primeiro é um documentário histórico. Tudo que você pensar na história do Brasil, tá na literatura de cordel — a guerra do Paraguai, as guerras de independência, a vinda do Papa, tudo. Ora, todos os nossos grandes escritores são a nosso favor. Eu tô escrevendo agora as vidas de Jorge Lima, Machado de Assis, Jorge Amado, José de Alencar, Castro Alves, Rui Barbosa e expli-

cando quem foi tuiano e sicrano. E nós alfabetizamos o nosso Nordeste. Em 1955, quando realizei o primeiro congresso nacional de trovador, com 170 homens em Salvador, o governo me deu 30 contos, não deu coisa nenhuma e hospedei 40 homens em minha casa. Fiquei pobre. Naquele tempo era rico com duzentos e tantos mil cruzeiros. Fui pra Jequiê, larguei a capital sem recursos, e continuei a luta. Por que é o seguinte: antes do Mohral, eram os poetas populares e a literatura de cordel que alfabetizou o Nordeste. Estavam José Condé, o José Pernambuco com o irmão dele, o Maurício Meira, jornalista; o Jorge Amado com a Associação de Imprensa e o Herbert Moss, numa homenagem ao poeta Rodolfo Cavalcante. Eu já tinha fundado a Associação dos Periódicos. Então o José Condé disse em meio a todo mundo: "Eu aprendi a ler com os folhetos de João Martins de Ataíde e Rodolfo Cavalcante". Que coisa bonita!

PRESEÇA — Isso é lindo!

RODOLFO — Eu sei que me entusiasma. Sei que estou há 43 anos como trovador, tenho 30 anos de luta, sofrendo pelo cordel, e quero continuar. Só quando morrer, é que deixo.

PRESEÇA — Que beleza de depoimento, que beleza de entrevista. Agora eu gostaria de encerrar com uma poesia bem brotada de você.

RODOLFO — Antes da poesia, eu quero lembrar para meus queridos irmãos piauienses, quando a poesia brotou em Teresina, o hino dos trovadores, criado por mim. Neste hino eu digo o que é um trovador de cordel: cantando! "Somos nós trovadores brasileiros/ Que cantamos a vida com prazer/ Nossos versos são humildes e fagueiros/ Mas são grandes e nos dão pra viver/ Somos unidos, vamos marchando/ Cantando versos, nos alegrando/ Quando o amargo da vida nos domina/ Nossos versos têm mais inspiração/ Nossa alegria nos fascina, ser poeta é nossa profissão/ Somos unidos, vamos marchando/ Cantando versos, nos alegrando/ Somos unidos, vamos marchando/ Cantando versos, nos alegrando/ Viva Teresina!"

PRESEÇA — Agora, o poema.

RODOLFO — Você é quem escolhe: quer histórico, quer lírico?

PRESEÇA — Quero alguma coisa do Piauí, seria melhor ainda.

RODOLFO — Bem, meu filho, vou contar a minha vida. Não falo do Piauí, falo quando fui palhaço e passei por aqui, não falo na vida atual, da vida passada, que sou espírito, conto minha vida de reencarnação. Diz assim: "Nasci pobre, sem roupa

e até chorando/ Me criei numa rústica pobreza/ A minha escola me lembro com franqueza/ Foi na vida me vendo trabalhando/ Pelo mundo sozinho viajando/ Treze anos eu tinha, com certeza/ Aprendi o valor da natureza, e a escola do bem, melhor falando/ O meu pai, o meu mestre, foi o mundo, e não se sabe se hoje sou vagabundo/ Tenho no mundo meu grande professor/ Fui palhaço de circo, fui artista e depois de ser propagandista, me alegro dizer: sou trovador!" Primeiro soneto, agora o segundo: "Venhi doces

de frutas pela fetra/ Até prego carreguei quando criança/ Dancei Palupi até Chegança/ Fui palhaço de circo a vida inteira/ Mas depois que casei, a companheira/ Me pediu que deixasse as andanças/ Eu deixei o teatro com pujança/ De repente abracei esta carreira/ Inspirado, atraído e outro ator/ Logo aí me tornei um trovador e editor popular periodista/ Porém hoje consultando com prudência/ Amor à rima e à luz da inteligência/ Já me leva a dizer: sou jornalista

(*) Apresentação: Cláudio Roberto Cavalcanti da Silva



Teresina,

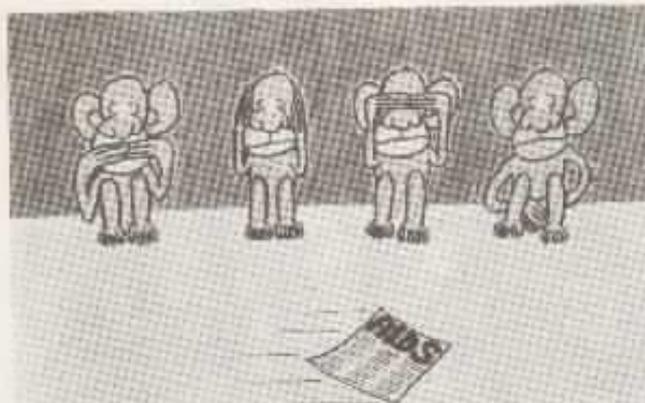


Governador Hugo Napoleão e Secretária Joséabel Cavalcanti.

O brilhoso Dodé Macedo (na foto à esquerda), a bela Márcia Pereira Braga (melhor caricaturista) e os bailarinos Nelson e Orlando (melhor par) foram os vencedores do IV Sítio de Humor do Piauí, promovido pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, no período de 23 a 27 de agosto, com apoio da FUNARTE. Cada um recebeu prêmio no valor de Cr\$ 1 milhão.

Nem classes, receberam menção honrosa Francisco José da Rosa Rocha (Gofina), Mécio Lessa (na foto), São Paulo e Naci Gonçalves da Rosa (Cartões).

Quase 100 cartunistas de 15 estados brasileiros participaram de Sítio, que apresentou um alto nível, de acordo com depoimentos dos humoristas Milton Fernandes, Chico Cruzado, Edson Cavalcanti, Claudio Oliveira, Sublime, Carlos Eduardo Nogueira e Marco Antônio, que tiveram a Teresina como cidade-hospedeira.



Chico Cruzado



Carlos Eduardo Nogueira



São Paulo

capital do humor

A SELEÇÃO

Das 400 obras inscritas foram selecionados 100 para exposição na Galeria de Artes do Theatro 4 de Setembro. A seleção ficou a cargo de A. Tito Filho, Albert P. Hill e Arnaldo Albuquerque, enquanto que a comissão de premiação foi formada por Milor Fernandes, Chico Caruso, Cláudio Oliveira, Laísion Cavalcanti e Maria Antonia, este último representando a FINARTE.

Após a análise das obras inscritas, a comissão garantiu que o Salão de Humor do Piauí fosse se destacar entre os de melhor nível do País, tendo sido qual continuará atraindo, cada vez mais, expressivo número de artistas.

A FESTA DE ABERTURA

A abertura do IV Salão de Humor do Piauí, feita pelo governador Hugo Napoleão e pelo secretário de Juízo, Camalcanti, foi uma grande festa. Desde cedo a Praça Pedro II estava lotada e centenas de pessoas visitaram a exposição logo em seu primeiro dia.

Além da Galeria de Artes do Theatro 4 de Setembro, o evento ocorreu praticamente todo o Theatro, com shows dos cantantes Cláudio e Chico Caruso e "A Fúria do Imperador" (SESC).

No Centro de Comercialização Artesanal, também na Praça Pedro II, ficaram a mostra "Sinhônia: Dez anos de Jornal O Povo" e uma exposição sobre o humor piauiense do passado, coordenada pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Piauí, focalizando o jornal "O Pirralho", dentre outros.

No domingo, 25, a Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo, através do Projeto Torquato Neto, lançou o disco "Gália Gera", com as 12 músicas classificadas no I Encontro de Compositores e Intérpretes do Piauí, realizado em setembro do ano passado.

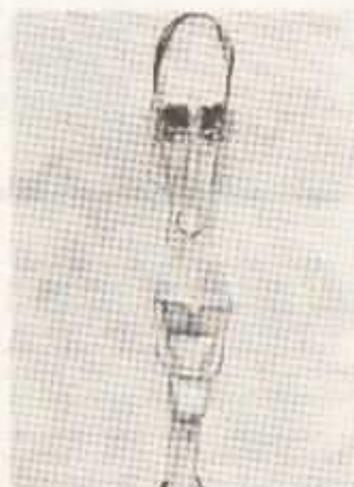
Várias outras atividades foram desenvolvidas durante a semana, paralelamente ao Salão, como a mostra de cinema animado com filmes nacionais e estrangeiros, exposição e venda de livros e artigos de humor, giras de locação e a encenação da peça "As confidências de um espartaco" do jornalista Carlos Eduardo Novães.

PRÊMIO IMPRENSA

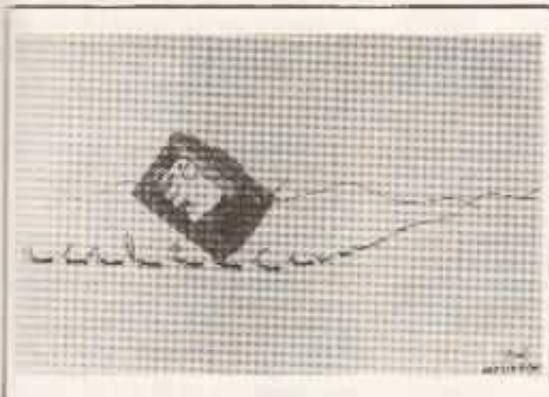
Paulo Moraes (chacpe), Rócha (sechotural) e Erno (antuni) foram os vencedores do Prêmio Imprensa, atribuído pelo jurado composto dos jornalistas Cláudio Bassa, Luiz Brandão, Edinaldo Cirino, Kenard Kraze, Edsonildo Moreira e Francisco Alves Barbosa. Cada um recebeu Cr\$ 500 mil.



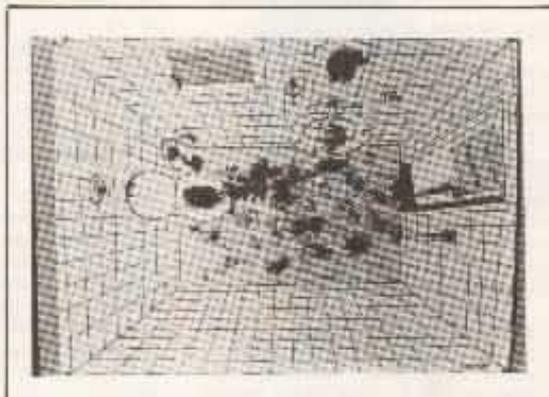
Chacpe - Prêmio Imprensa.



Chacpe - Prêmio Imprensa.



Chacpe - Prêmio Imprensa.



Chacpe - Prêmio Imprensa.

Crítica Literária

A PRESENÇA DA MODERNIDADE NA POESIA DE FÉLIX PACHECO



M^g G. Figueiredo dos Reis
Prof. de Literatura Brasileira da UFPA

FÉLIX PACHECO, uma das inteligências mais brilhantes da Cultura Paraense, faleceu no Rio de Janeiro, em setembro de 1935, sendo portanto, 1985 o ano do cinqüentenário de sua morte. A maior homenagem que poderíamos prestar ao Autor de "O Pendão da Taba Verde" seria a leitura de sua obra, o que procuramos realizar com este breve estudo, e o que será possível à geração de hoje, já que o Governo do Pará, através do Projeto Petrólio Portella, lançará, ainda este ano, uma edição comemorativa das "POESIAS" de Félix Pacheco.

Nascido em Teresina, no ano de 1879, Félix Pacheco aqui viveu sua infância e os primeiros anos da adolescência, passando, contudo, a maior parte de sua existência no Rio de Janeiro, para onde partiu a fim de seguir a carreira militar, conforme desejo do pai. Tendo abandonado o Colégio Militar, ingressou na Faculdade de Direito, iniciando-se, em seguida, na carreira jornalística, chegando a diretor proprietário do Jornal de Comércio, no qual trabalhou durante 36 (trinta e seis) anos.

Como jornalista policial, fundou e dirigiu, no Rio de Janeiro, então, Distrito Federal, o Gabinete de Identificação e Estatística, hoje Instituto Félix Pacheco.

Como homem público, Félix Pacheco foi deputado federal, em quatro legislaturas e, em 1921, finalmente eleito senador, tendo, em seguida, exercido as funções de Ministro das Relações Exteriores, no governo de Artur Bernardes.

Começou sua vida literária aos 18 (dezoito) anos, publicando "Chilcutadas", versos de cunho satírico. Depois, assumiu sua veia lírica, publicando *Via Crucis*, *Mors Amor*,

Luz de Amor, *No Limiar do Outono*, *Estes e Pausas* e outros trabalhos, que marcaram sua carreira de poeta, crítico e jornalista e lhe garantiram uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, onde tomou posse no ano de 1913.

Reunindo todas suas obras no volume *POESIAS*, Félix Pacheco confessa, no prefácio da edição definitiva de 1932, que seu livro contém composições datadas de mais de trinta anos, já nascia "bastante velho, e atrasadíssimo", reconhecendo, também, que andava "muito distante das correntes luminosas de hoje". Isto porque, das 207 (duzentas e sete) composições do livro, apenas 11 (onze) não são sonetos e "ao soneto, já lhe passaram, desde muito, a certidão de óbito. A poesia moderna, pelo menos, sustenta que fez inteiramente caso dele". Afirma, ainda, Félix Pacheco que o seu "simbolismo de emergência nunca deixou de manifestar pelos cânones párnasicos, se ele próprio, no fundo, não era, acaso, puro romantismo, ou deleite retrógrado de árcade".

Como classificar a poesia de Félix Pacheco, se é o próprio poeta que assim se define? Realmente n. par nasianismo se acentua em muitos poemas, como é o caso do soneto *PERSÉPHONE*:

"Vilhos e em pagens da Grecia das legadas
Paras e as flocos douzadas on Levante!
Praxinos fogue de háraro distante,
E antígona a cotro-estre estambis senda

De mesma forma que são de se bor romântico os versos de "NOI VOS ETERNOS":

"Volvo ao passado e vil arpedido e roto
E mek a lingua estrada pendorida
Para no ar em colos de desperdida
Tudo se há no turbilhão non xate

Como de cunho simbolista é o poema *LIRIO ROXO*, que vem introduzido, inclusive, por uma epigrafe de Cruz e Sousa e onde aparece uma aliteração, tão ao gosto do poeta carlinense:

Da que te oculta a fronte amargurada,
Perdida em ritmos e espiritos brumosa!
Sob o teu peplu rosa, a boca orgulhosa
Dona a beleza a carne estacada!

Rosa, rubra, roscha, rosa rosa,
A boca em fúria pela cor mudada,
Escurtes sombra a boca labada,
Cinge de novo a perfume a rosada!

Já nos versos d'O BATISMO DA
ELEITA, o poeta nos lembra o cen-
ter de Mafalda de Dirceu!

Amor, transeste tu, transeste do serpendida
Amor, a aljava e as mãos retivas no arco, a seta
Capota a seta! Tu dou-te o amor, mais do que a seta
E a seta que há de levar a cruzar no poeta!

Então, no soneto AS MENTIRO-
SAS, confuso pelo comportamento
volúvel, pela inconstância das Mu-
sas que deixam vazio de inspiração
o coração do poeta, um momento de
desencanto, um desalho, um grito:

É esta lindas mulheres que eu cantava
Essas que me levava do zumbido,
Tempus ferax de lazar me simbolismo
A atrair dos céus a modelava.

Românticas visões, lírios que achava
Excedidos na essência do lirismo
Mas, a esta luz em real, estão no abismo,
E o vazio de setas murcha a joia.

Como, poeta falaz, mentiras meve,
Que o mundo sol d'ela, passaram breves,
Destacando-se em al, veridicasas.

Ai falso bardo, já me sinto alho,
Nem te prolixo em cômico a mentirava!
Que, hoje, todas mudaram no teu seu.

Iniciando-se na vida literária no
final do século passado, através do
jornalismo, e cultivando o verso até
a década de vinte, percorreu Félix
Pacheco um itinerário poético bas-
tante indefinido, marcado pela re-
jeição parnasianista ao simbolismo e
pela luta futurista contra as duas
correntes passadistas. Vivendo in-
tensamente suas carreiras política e
diplomática, Félix Pacheco não par-
ticipou das investidas de uma cor-
rente contra as outras, ancorando
seu caminho poético entre os anos
de 1919/1920, quando se voltou
mais, no campo da palavra, ao jo-
rnalismo, à oratória e à crítica literá-
ria.

Não ter participado do movimen-
to modernista de 22, em nada dimi-
nuí o valor da poesia de F.P. que
preferiu ser fiel aos cânones da sua
geração, procurando aproximar-se
de Olavo Bilac, estreia mais brilhan-
te da Via-Láctea Parnasiana.

É no Poeta das Estrelas que o
autor de ESTRANHAS LÁGRIMAS
vai buscar o motivo para o soneto A
VOZ DAS ESTRELAS QUE AMA-
RAM. Se em Bilac as estrelas são

"Virgens Mortas" no poeta para-
ense são estrelas as mulheres inspi-
radoras de grandes amores, canta-
das por Dante e Petrarca; Pôe, She-
kespeare, Flaubert e Camões; ou
atiradas por Júlio César e Marco An-
tônio.

"Ninguém ainda me hoje interpretar o meu,
Se eu sei, adorna a estrofe a palavra.
Quem ainda, a mulher e o sentimento, e rosa,
E, hoje, a luz do dia a congresso e a fúria."

Quem de uma por amor farei neste grito
Eleonora, Florita, Nicotina a amora!
Voz sob a floresta do poeta inderosa,
Surgindo de amor pela estrofe infusa!

Perpetua e na amplidão sob o ar que e terra,
E a quimera gentis a curada a morte
Cleopatra, acordar a brilha e Odisseu a reuendo!

Julietas! Salomé! Desdemonas! amores!
Luzes! Vozes de luz e de luz a amora!
Atrás da noite, me vos toda a luz a esplende!

Se Félix Pacheco não consegue
fugir do parnasianismo, que se faz
presente em sua obra principalm-
ente pela precisidade vocabular, nem
do romantismo, que se destaca no
seu lirismo amoroso: enquanto o
simbolismo tenta escapar da influ-
ência parnasiana e romântica, uma
proposta nova se destaca na poesia
felixpachequiana. É a particularida-
de de poetizar sobre a poesia, trata-
ndo a palavra sobre a palavra,
numa metalinguagem poética. Ha-
verá na literatura brasileira algum
poema sobre a própria poesia, sobre
o fazer poético, tão completo quanto
este EM LOUVOR DO SONETO?

"Outro se o encanto marinho o verso,
E a luz a luz em verso a luz a luz,
E, no meio lido a luz, me humo,
E hoje a luz a luz, me humo."

Nem a luz a luz a luz a luz a luz,
Dito lido que a luz, e a luz a luz,
Sob o meio das palavras a luz,
E a luz a luz a luz a luz a luz."

Eu quem prefiro a voz poemas ditados,
Amplas vozes em verso a luz a luz,
Onde a luz a luz a luz a luz a luz."

Eu, poeta, a luz a luz a luz a luz,
E a luz a luz a luz a luz a luz,
Que não caubesse a luz a luz a luz."

Abrindo o seu livro, Félix Pach-
eco o faz com uma saudação à Poesia,
nos dois sonetos iniciais. Continu-
ando a cantar as Muses, o autor de
MORS AMOR, sob o título de O PO-
EMA DA ROSA ANONIMADA, faz a
apologia do Poeta, capar da, ao lado
de ERATO, salvar da morte o amor
e o sonho.

"E quando, um dia não se acabasse
E o grito a luz a luz a luz a luz,
Na luz a luz a luz a luz a luz."

Quando, abraçando a luz,
Na luz a luz a luz a luz a luz,
Salvando da morte o sonho a luz."

O professor Eduardo Prado Coe-
lho, no seu ensaio SOBRE O CON-
CEITO DE MODERNIDADE, apor-
ta esta preocupação do escritor em
tematizar sobre si, sua obra e o fa-
zer literário como uma tendência
surgida na França, a partir de Bau-
delaire e Mallarmé e que se vem
acentuando como característica da
modernidade. Ele conclui afirman-
do que "podemos ver no domínio
da arte um movimento que prom-
overá a linguagem a um plano essen-
cial. A poesia volta-se sobre si com

o intuito de se interrogar sobre o
seu ser e o seu estatuto. O artista to-
ma agora consciência de si como ar-
tista, formulando no interior de sua
própria obra as condições que a tornam
possível" (1).

Estudando a poesia de Hölder-
lin, Heidegger o considera o "Poeta
do Poeta", ao constatar na sua obra
uma "determinação poética que
consiste em poematizar expressa-
mente a essência de própria poe-
sia" (2). O crítico alemão aponta a
criação metalinguística do poema
como uma possível frustração na re-
lação do poeta com o mundo. Con-
trariando o ponto de vista do crítico
alemão, o próprio Hölderlin con-
firma, segundo o professor Eduardo
Prado Coelho que "pensar poético-
mente a linguagem da poesia é esta
beleza, no limite de tensão da lin-



guagem, uma relação total com o Ser e a Verdade". (3)

Félix Pacheco talvez pretenda alcançar esta relação total com o Ser e a Verdade, de que fala o poeta alemão, quando poetiza sobre o poema, a poesia, o poeta.

São inúmeras as composições em que Félix Pacheco questiona o fazer poético: Pórtico I e II, A Grande Musa, Fios-Forum, A Esfinge, Panóplia Azul, Mors Amor, Perdão Sem Alvo, Crepúsculo de Ouro, A Glória, Do Climo da Montanha, O Poeta e o Tempo, A Mulher e o Poeta e muitas, muitas outras.

Ao lado deste questionamento, desta interrogação maior e mais constante na poesia do lírico Piauiense, surge uma outra preocupação, um outro questionamento filosófico sobre o destino da humanidade. E o poeta procura, então, uma razão, uma explicação para as dúvidas do homem, numa ânsia de resposta ao Indecifrável. Assim, a maior parte da lírica pachequiana traz o sinal da interrogação. Interrogação sobre a vida, a morte, o amor, o destino, a matéria, o espírito, a eternidade.

"Almas, sombras do corpo, efêmeras espumas,
Quintessências sutis em ânforas de argila,
Dizei-me: onde ides vós, se a carne se aniquila
Na eterna escuridão que reina sob as loucas?"

Ascenderás um dia a região mais tranqüila,
Ou ficarás na terra a palpitar nas cousas?
(Anima Rerum)

O poeta segue perguntando. Onde estarão as respostas, para que seja alcançada aquela relação total com o Ser e a Verdade, de que trata Hölderlin?

"Que sabes, alma? Coração, que sentis?
Quem te afundou assim num tal anseio?"
(Máscaras)

Perguntas que são, às vezes, uma ADVERTÊNCIA, mas, ao mesmo tempo, uma decisão e uma homenagem à Poesia.

1. COELHO, Eduardo Prado, A Palavra sobre a Palavra, Porto, 1972, p. 12
2. Friedländer, Marin, Approche de Hölderlin, Paris, 1962, p. 43.
3. Coelho, Eduardo Prado, Op. Cit. p. 11

"Deusa, que es de outra esfera luminosa,
Por muralhas de estrelas defendida,
Por que desceste à varzea corrompida,
Se aqui só pode estar quem sofre e goza?"

Que queres tu de nós, alma curiosa?
Ver o que existe quem da grande viria?
Seis aqui tens, nos versos da acolhida,
Minha homenagem franca e pressurosa!"

E NÁUFRAGO, caminhando rápido para A MORTE LENTA, o poeta interroga o destino, se interroga e decide-se em favor da Poesia:

"Onde é que estás? Para que lado é norte?
Onde é que estás? Destino, aonde me levas?"

Poeta, que enorme dor te alige e te subiuja,
Que profundo pesar te punge e te entristeja?"

Repara no alto o sol como tremendo e vibra!
— Antes descer de vez a escuridão das loucas,
Do que tapar o ouvido à música das cousas,
E consentir na morte assim líbia por líbia!"

Que deve fazer o poeta para salvar o seu JARDIM FANADO, cujas flores são palavras, versos, poesias?

"Meu Deus! Que rude sol queimou sem pena assim
As flores do meu horto incantado e risonho?
Que rajada cruel, que vendaval melancólico
Ritubou desta maneira a vista ao meu jardim?"

Quantas perguntas! Que é feito do cosmos? Por que o caos? Onde o perfume, o brilho, o poder, a bravura da natureza? Onde está a poesia daquele LEÃO DOMADO?

"Flores, que é do perfume? Estrelas, que é do brilho?
Quem acabou de vez com o teu prado, oceano,
E te pôde mudar, de glorioso e utano,
No tristonho deserto inútil que partilho?"

Que tormento brutal sufocou na garganta
Aquele grande voz, que agora já não canta?
Ah! Luto é triste e cruel! "morte em plena vida!"

Félix Pacheco conclui o seu discurso lírico, afirmando que haverá para a humanidade, para o poeta, para a poesia O SUPREMO CONSOLO da vitória final do amor sobre a morte:

"Que mais queres ainda? Não te basta
Haver sentido e haver gozado tudo?
O fulgor do teu sonho inencho e mudo
Não dura no declínio que te arrasta?"

A glória morre, a viria tomba, e é o nada,
Mas, para além desse final da estrada,
Retulga sempre o sol no eterno assento.

Derme em paz, e abençoa a tua sorte,
Que laurea mais soberba ao sofrimento
Do que servir ao Amor "vencendo a Morte!"

Concluindo estas breves notas sobre a poesia de Félix Pacheco, queremos, apolados no ponto de vista do professor Eduardo Prado Coelho, justificar o título do nosso estudo e considerar que o filosofar sobre o destino da humanidade e o tematizar sobre o poema, o poeta e a poesia, que percorrem a lírica felixpachequiana, da sua VIA CRUCIS, de 1900, alcançando seu MORS AMOR, passando pelo LUAR DE AMOR, pelos LÍRIOS BRANCOS, indo até O LIMIAR DO OUTONO e atingindo, finalmente, os seus ESTOSES E PAUSAS, definem A Presença da Modernidade na Poesia de Félix Pacheco, o primeiro grande nome da poesia piauiense.



Poemas

SIDARTA

Um dia descobrirás
que o oposto de cada verdade
é igualmente verdade.
é igualmente verdade,
como o bem e o mal
o efêmero e o eterno
o finito e o infinito
a tese e a antítese.

Um dia descobrirás
que no pecador está contido o santo
como na ilusão a verdade
como na luz a treva.

Porque o pecado
traz em si a graça,
como o sofrimento
traz a redenção,
como o futuro contém o passado
e a vida contém a morte
e o Ser antecipa o Nada.

Um dia descobrirás
que no recém-nascido
já existe o anelão,
no feto
o moribundo,
no moribundo
a vida eterna.

Renato Castelo Branco

CLAREAR

Um dia virá um poema
sonhado por outras vias
um sonho de muito longe
num rebento de alegria
Virá como estrela guia
na lucidez das manhãs
voando no azul celeste
clareando toda cor
virá na luz dos teus olhos
clarear o nosso amor

William Melo Soares

A PROCURA

Francisco Miguel de Moura

o cheiro do silêncio
a velhice das coisas
o preço das nuvens.

meu chapéu de cabelos
minha capa de pele
meu rabo de peixe
minha dama de areia
meu amor de primícias.

o silêncio das coisas
nas origens da vida.
o preço da paisagem
no fim do princípio.

a procura de minha sede
e a sede do meu vício.

(este poema foi premiado no
concurso da Banca Nacional
de Literatura Independente,
em 1985).

EXÍLIO

Prepara-te
A noite é longa
E terás que enfrentar
A ti mesmo
Escolhe um canto
Para te encostar
E cria coragem
Porque o pó
Que te fez
Já não mais existe
A brisa da tarde
Levou-o para longe
Prepara então tua cama
Entre folhas caídas
E contempla a escuridão
Que te cerca
E não esperes nada
A não ser a aurora
Da redenção de tua alma

Jaqueline Dourado

A poesia de Álvaro Pacheco

Hardi Filho*

I — BREVE NOTÍCIA BIOGRÁFICA

Álvaro Pacheco nasceu em Jaciçós, Piauí, em 26 de novembro de 1933. Estudos primários no antigo Ateneu Piauiense, e ginásios no Liceu, hoje Colégio Estadual Zacarias do Góis, em Teresina. Desde cedo manifestou tendência para as letras, datando seus primeiros ver-

sos e escritos, de 1946, quando, com apenas 13 anos, fazia parte da diretoria do Centro Estudantil Piauiense, e colaborava no jornalzinho do CEP, a época única entidade de classe estudantil no Estado. Em 1950 transferiu-se para o Rio de Janeiro, preparando-se para ingressar na Faculdade de Medicina. Mais tarde, verificando ser outra a sua vocação, abandonou a futura carrei-

za médica e ingressou na Faculdade de Direito da Catete, onde concluiu o curso. Em 1956 ingressou no jornalismo profissional, integrando a equipe do Jornal do Brasil. Exercer a advocacia por alguns anos, abandonando-a em 1962, para dedicar-se às atividades de editor e empresário. Fundou, entre outras, a revista "Arquitetura" e a Editora Artesana Ltda., das quais é diretor.

II — CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para Assis Brasil o início da Nova Literatura Brasileira data de 1956, e foi marcado pelo aparecimento dos "Contos do Imigrante", de Samuel Rosset, da romancista "Deramundo", de Gerardo Ferraz, e principalmente com a publicação de "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa, que já nos leva "Sagorana". Estava, assim, a poesia brasileira desvinculada do casermeo português, através de modernas formas de expressão.

Também a poesia não ficou atrás. Seguiu caminhos novos à procura de objetividade palpável, de imediatismo, de síntese comunicadora (concretismo); de dinâmica interior (existencialismo); de pensamento (poesia crítica); de uma estrutura funcional, e, acima, da criação poética (forma-prótese).

Colaborador do Jornal do Brasil, em seu "Suplemento Dominical", operando naquele ano de mudança literária, Álvaro Pacheco integrou a geração jovem de poetas decisamente apoiados por aquele Suplemento Literário.

Segundo a Prof.^a Maria Gomes Eguarado dos Reis, "não se pode falar validamente Álvaro Pacheco e nenhuma destas correntes literárias, embora um poema revele um pouco da técnica de cada uma delas. O poeta sempre viveu na grande corrente literária do Brasil, o Rio de Janeiro, sofrendo, pois, a influência de todos os movimentos artísticos nacionais".

Apesar das influências de autores importantes e poesia de Álvaro Pacheco é em "Zaca por tempo" que se registram pontos fortes e consistentes. Seus poemas dizem de tristeza e solidão humanas, e vezes epis-

ódicas; insistentemente vocábulos, palavras-chaves, tais como: vida, sonho, sangue, fome, morte, mundo, modo, orgasmo, etc., e apresentam forma e ritmo bastante variados, que vão do tradicional, no verso livre, dos poemas longos, aos mais curtos possíveis. Também como os cursos pessoais de estilo utiliza a interrogação, o parentese, a metáfora, a aliteração, o palavrão, etc. Tudo numa poesia que fala do homem e da perspectiva da morte, fonte maior de toda inspiração, assim delectada por Schopenhauer. Há, ainda, o uso de palavras e versos às vezes o poema inteiro em língua francesa. Há, inclusive, o que o torna, no nosso opinião, um poeta de elite. Como bem enfatiza Ledra Leal em "Álvaro Pacheco é poeta intelectual". De as coisas comuns da alma e do espírito de forma elegantemente intelectualizada."

III — DETERMINANTES TEMÁTICAS

Dentro dessa característica podemos observar em Álvaro Pacheco três determinantes temáticas em sua evolução poética:

- a) O evocativo da infância e da terra;
- b) O tema existencial (tristeza, solidão);
- c) A constatação da vida amor-morta.

Em "Caminheiros da Sensibilidade" - Vol. II de J. Miguel de Matos, encontramos a afirmação de que "na poesia de Álvaro Pacheco a infância se mistura com as águas do Paraíso, e os bois meditativos pastam na solidão do pensamento do tempo e da saudade". Muito certo, pois vamos encontrar em "A Nova Literatura Piauiense" de Revolução

Morras, o conceito também de que "os temas de Álvaro Pacheco são atuais sempre, tratadas de comovimento físico do Poeta com os personagens de sua terra. A cidade e o rio, suas imagens têm permeado a Poesia nos seus melhores instantes".

Exemplificamos:

"Muito cidade se ergue no silêncio
das ruas que a partir de longe temo-

po e lê-lo de meu lado de meu filho
co meu pai do outro lado do rio e
do meu filho por aqui em qualquer momento

Muito cidade se ergue no pensamento
de todos os dias em qualquer dia

Essa cidade, o pensamento de poeta
tem lembrança é o tempo que se faz
e se vai, os habitantes ligando
sua vida com o tempo
e o tempo de um dia de tempo

As lembranças da infância e da terra nata, são realmente a temática preponderante dos seus primeiros livros, justificando, até, o título do terceiro: MARGEM RIO MINDO. As imagens retidas e os fatos acontecidos na margem (o rio) do mundo, em "Paraíso", constituem um verdadeiro mundo de lembranças que o Poeta só podia mesmo extravasar em forma de poesia.

Deixa Costa, Filho, de crua amando privar, estreitamente, disse que a poesia de Álvaro Pacheco é "voltada para a mesma, técnica, no que tem de mais subjetiva — sobre os temas da solidão", e em nossa poesia, a "tradução verbal de um mundo interior impregnado de recordação".

Vejamos, como exemplo, o "Conto da Lavadeira do Rio

"Sente raiva, bate o tal
bate fúria, bate pe los
bate carne dentando
na pedra, no covador

Pranteia em fúria a roupa
do patrão fúria na qualha
fúria na enxada

Rai e vida, acide toda
buje a morte, a juventude
fica na raiz, na pedra
se engata na correnteza
a punção de moinho
e sonha simples de porre
as moedas esperando
ela só não vem lá nada

Preve roupas, tapou
as fúrias de tudo
que reboga na água

é esta outra jóia lembrança que é o
"Canto do Molqueiro em Rio"

"Muda sua prole
morta na sua idade

Proble a mulher de hoje
fazer banana da boca

O comandante profe
fazer peixe no vapor

E se profe por tudo
ver mulher fazendo banho

(Por que se profe tanto
tudo bem que tem na mão?)

Não se pense, todavia, que tudo
seja pacífico desde o começo. O pri-
meiro livro de Alvaro Pacheco apre-
senta poemas curtos, porém próprios de
quase todo estranho. De Adonias
Filho, crítico de renome nacional,
temos um testemunho formalizado
na época do casamento de "Os Ins-
tantes e os Gestos". "Não houve
seleção nos poemas desse estran-
ho, que com a mesma facilidade vai
do malhar ao pior. Realizado o as-
purgo com base no rigor crítico, tor-
na-se possível apresentar o poeta em
Alvaro Pacheco. Apesar da esmer-
tandade no jogo das imagens, que
denunciam uma inteligência dialética,
é a forma narrativa local que ain-
da realça os poemas de "Os Ins-
tantes e os Gestos".

Firmava-se, no entanto, definiti-
vamente no segundo livro "Poeta
do Solício" com aplausos unân-
imes de críticos e literatos, entre os
quais Leandro Tocantins. "Alvaro
Pacheco, através de sua poesia lírica,
pura e de seu gosto pelo emprego
das palavras exatas, jamais recor-
rendo às aproximações vocabulares
ou aos recursos decorativos, está
bem próximo dos imagistas. No que
estes possuem de precisão e clareza
nas idéias de perfeita comunicabi-
lidade das imagens e dos símbolos
propostos, sem nunca chegar ao
conventional. Os poemas de Alvaro
Pacheco são mensagens que nos
aproximam de verdades univer-
sais.

"A hora que fia, essa hora que fia
é hora de balço, a hora do doido, a hora
de mência, a hora do tempo, a hora
de morte. A hora sempre"

Em "Margem Rio Mundo", se-
tenta e dois poemas, sem se libertar de se-
mélina provinciana, a arte do poeta
tenta novos rumos, sempre em busca
de autenticidade. São visíveis
ainda as influências de grandes
mestres do modernismo, principal-
mente do brasileiro Drummond. E
quem não teve, no Brasil, depois de
Carlos Drummond de Andrade, es-
se problema? A pergunta é de Fran-
cisco Miguel da Moura, poeta e crí-
tico literário dos mais considerados
do Brasil, numa análise atual e mais
profunda da obra poética de Alvaro
Pacheco: "um lírico existencialista
que se esgotou por muitas águas".

Aqui, cremos nós, toda ran-
mente uma fase, ali certo por-
tando a do poeta ligado estreita-
mente às suas raízes.

b) As endanças do poeta pelo
estranjamento ignoramos quase tudo
do mundo. Nova York, Paris, Lon-
dres, Tóquio, etc.) lhe proporcionam
com uma gama muito grande de no-
vas impressões e considerável acú-
mulo de conhecimentos vivenciais,
fazendo com que a partir de "O Sa-
rdo dos Cavalos Selvagens" (1º li-
vro) sua poesia experimente vãos
mais amplos e siléncios mais ou-
sados, ganhando em densidade simé-
tica e lírica, epi e ali nascendo
para o harmônico, não em termos de
artesanato vocabular, mas de sim-
bologia representativa de um uni-
verso sentimental figurado e para-
doxalmente ermo, onde o homem
aparece a sua própria solidão. O
homem, afinal, se perde irremedi-
avelmente condenado.

Como não ser afeto
com toda esta viagem (levar)
e as emoções libertas esperando
e não pouca tempo para a morte?

Aqui vem a propensão considera-
ção de Hélio Lucas, sobre "O Sar-
do dos Cavalos Selvagens": "Angus-
tado sentido lírico repartido entre
as solicitações carais do amor e as
sugestões tortuosas da morte. O
lírico ainda não emergiu da poesia
brasileira. A boa tradição lírica
encontra sempre boas condições,
embora o amor se sumente tanto
das experiências da vanguarda." E
diz que o livro é de "intensa polari-
zação, amor lírico, amor animal, o
abismo e o transitório, a busca do
mili".

"É o que caracteriza do estilo do estranho
que a vida não faz mais para não morrer"

Dizemos que dentro desse qua-
dro de descrença e estranheza, vale o
lírico largo erótico do poeta,
quando a mulher faz-se objeto e ra-
ção do momento e da vida, vale "a
esperança do amor, a carne do
amor".

"Mas eu deito nessa cama
sem a tua presença, mulher
Não me engane sobre
sem a tua sono, mulher,

Não me torço este desejo,
sem a tua chama, mulher
Não me perca a noite
sem a tua saudade, mulher"

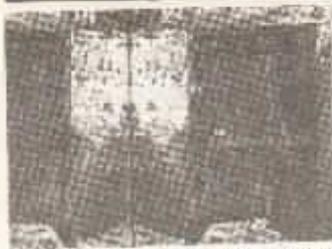
E não podemos deixar de referir,
nessa determinante temática (sua
alabado lírico erótico vivencial), o
pequeno grande poema "Uma Mu-
lher Branca".

"Uma mulher branca é como uma fruta madura
deve-se comer sempre que possível,
para assim não se perca em seu esplendor
na altura que não é mais da terra e com ela
margem se perde."

Uma mulher branca é como a morte
que não se perca em seu esplendor
que se deve encontrar de qualquer jeito.

c) Nos livros que poderiam cons-
tituir uma segunda fase na poética
de Alvaro Pacheco ("A Força Humana",
"A Matéria do Bônus", "Tempo In-
tegral" e o último "O Homem de Pe-
dral", e constante vida amor morte
mas se evidencia em termos de in-
quirição de divida, de conceitu-
ção e aprofundamento filosóficos.
Na caminhada do homem (a vida)
acentua isto e mais isto (a vida)
amor, mas inevitavelmente acen-
ta aquilo (a morte). De 10 cento
realista e amargo do ser constante-
mente sob a ameaça do definitivo. É
nesta exatidão simbólica que o
Poeta, sereno, é bom e se dige,
mas no último "atômico e frené-
tico" se alige, se angustia "premi-
tando uma esperança" pelos "co-
mibus mortis" que "levam a fugir
nem um". Não se que este alige
é diferente do de quem sofre o in-
previsto. O mundo, em seus fundos





mentes infinitas de espaço-tempo, é possível, mas a vida do homem, da quem Deusinho se apieda, é um jogo aberto e solido. As cartas estão na mesa. O Poeta desbrava a multiplicidade de seres e vestígios, desnuda e traduz os significados escondidos da percepção comum.

Nesse trabalho, onde fazendo Nômade cria um "lúdico" que se equilibra, todo vindo de dentro, entre uma herança poética de harmonias comitativas e uma busca gratuita aventureira da palavra, o Poeta desce "ao mais fundo impensável da vida", e é resultado obtido de várias sem parecez iniciais. É o Poeta, ao mesmo por necessidade estética, crítica-se do paratense imo recurso capotivo. Ainda assim, muitos dos seus versos, estrofes e poemas são de difícil entendimento (interrogatório).

Citamos, por exemplo, estes: (ver Cx)

"Não se pode captar quizes avés, contem-
plamos na língua o doçido poeta e de asas
e flutua no domo no voo de homem,
certos no espaço cede de penas."

Nesta que poderíamos chamar de segunda fase, embora se encontrem nos mesmos temas, o bastante significativas a diferença da fase inicial quando o "canto" de inutilidade do rio, do barquinho do rio, do moinho e do rio, era em um rio fletido, mesmo se, por isso mesmo, mais acessível. Alvaro Pacheco volta o tempo a reiniciar.

Truque se vê agita
e vive seu peixe à sua sombra
vive no corpo semibre
realiza de uma lacuna
que se volta ao tempo cheio.

Mas o certo é que tanto na poesia de Alvaro Pacheco o entendimento do fenômeno humano (vade), onde "a solidão é um colosso pleno de sol", o estímulo do amor-carne su-tilizado em amor-esperança, e a morte sempre presente, figuração de um último orgasmo.

"Viva a faz das memórias
das coisas mais maravilhosas
progrando o orgasmo
será um momento
transcende em momentos
e
flutua no espaço
e afasta o poder."

Ahã: o poema orgasmo que aparece insistidamente na poesia de Alvaro Pacheco, simboliza sempre a busca de fecundidade amada pelo homem em tentos transmutantes.

IV — CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES

Mate Francisco Miguel de Moura, já citado, é o poeta da "A Força Humana" que Alvaro Pacheco elige a maioridade poética, se universalizante. Observando o processo evolutivo do Autor, os "desvios" mais visíveis do que sabemos, e a produção discursiva com pouca imagem estática, rende o crítico a impressão que Alvaro Pacheco "quando não se limita, abre as portas da imagética, vai ao símbolo e cria "O Homem de Acrição", realmente um dos pontos culminantes de "A Força Humana". Mas pondera que "o mesmo recurso do discursivo que é capaz de produzir um poema dentro, um bom poema produz também "Belaia para o Homem do Braço Forte", e "Odisséia ou o Novo Mundo", e "Fingidos de poeta já amadurecido. Em sua análise, César Miguel de Moura que Alvaro Pacheco "não se contenta no poema", dando a entender que há no Poeta muito do crítico também. E, nas experiências de forma e conteúdo rítmico, onde o palestrante é "usado com parcimônia e uma voz parece explosiva", condena o "excessivo emprego de expressões em línguas estrangeiras: **gringuisimo** na sua concepção". Há, ainda, a anotação de que Alvaro Pacheco se afirma em termos de "solução formal" na síntese dos poemas curtos, ressaltando, inclusive, a "antologização de muitos desses poemas".

Dois exemplos:

SUPERACAO

Se eu não sou tanta morte
na alegria de
de campo com o mato
sucessivo de
a decair a morte
de o resto dela.

DEFENSAO

Aqui, eu
te eiva de casa
fritas e minas da cozinha e mato.

Uma particularidade, já referida por Odylo Costa, filho, explica os "excessos" do poeta de Alvaro Pacheco. Ele te poesia é realmente "voltada para si mesma", se trata comprometido com a participação e os

sentimentos do Poeta. E, este parece ser indiferente a opiniões e ao sentido comum da realidade. Deixa a individualista. Na realidade universalista. Mas, aí está justamente o mérito de sua política: grandeza com a universalização do indivíduo.

Numa visão global a poesia de Alvaro Pacheco volta a emergir do homem dentro do seu destino. Do homem em profundidade. "Tudo do eu mundo, sem processo-pensar, le futuro", no dia de Affonso Romano de Sant'Anna.

Em fim, este austeridade de Drummond há "anos luminosos e confortadores" na poesia de Alvaro Pacheco, estufa de grandeza (militar) na constelação literária brasileira e original na PIALE contempôanea.

Falando de um poeta, não damos mais tentativas sem reverência, mas uma vez à sua poesia:

"Quem pode ensinar a viver e a trope
e ensinar a não morrer com o sol?
Quem pode ensinar a viver e a trope
de ensinar a não morrer
sem o tempo?"

V — OBRA POÉTICA

Em 1958 publicou seu primeiro livro de poemas: "Os Instantes e os Gestos". Livros São José, Rio Verde e para "Passo da Solidão" 1965; "Magnum Rio Mundo" 1966; "O Sorbo dos Cavalos Selvagens" 1967; "A Fingir Humana" 1970; "A Morte do Sorbo" 1971; "Terreno Integro" 1973; e "O Homem de Poeta" 1975, todos editados pela Arterova, Rio.

(ver Cx)

VI — BIBLIOGRAFIA

Além das obras de Autor mencionadas acima, consultamos:

- ANTOLOGIA POÉTICA PIALE, FNSE, Arterova, Rio, 1974, organizada por J. Miguel de Moura.
- A NOVA LITERATURA PIALE, FNSE de Hercílio Moraes, Editora Arterova, Rio, 1975.
- A POESIA DE ALVARO, artigo publicado no jornal "O DIA" em 12.06.75, de autoria de Octávio de Jaria.
- A FORÇA HUMANA E OS LIMITES DO POETA, artigo publicado no jornal "O DIA" em 12.06.75, de autoria de Francisco Miguel de Moura.



Lançado o LP Geléia Gerou

O disco "Geléia Gerou", produzido pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através do Projeto Terquato Neto, reunindo as 12 músicas classificadas durante o I Encontro de Compositores e Intérpretes do Piauí, realizado em setembro do ano passado, foi lançado no último dia 25 de agosto, durante a Semana do Huiara.

O LP "Geléia Gerou" contém as seguintes músicas:

- * NÓS, de Garibaldi Ramos;
- * O MUNDO QUE VENCEI, de Faustino Medeiros e Nascimento;
- * ZEUS, de Durvalino Filho e Geraldo Brito;
- * REPENTE, de Cruz Neto;
- * DESEJO, de Magno Aurélio e Abraão Lincoln;

* SEGREDOS DO PRAZER, de Raimundo Nonato Alcântara;- * ESTRADA DE CARROÇAL, de Címerio Ferreira e Jilão Medeiros;

* MÁGICA SERPENTE, de Paulo José Cunha e Geraldo Brito;

* CONSEQUÊNCIA, de Geraldo Bringel e Pierre Baiano;

* TUDO ROSA, SÁBESSE A COR, de Abraão Lincoln;

* PEDRA DO SAL, de Felipe Cordeiro e Zéa Fonteles;

* MEU FREVO, de Eider Jales da Carvalho e Renato Castelo Carvalho;

Interpretaram as músicas os cantores: Ronaldo Bringel, Rosa Lobo, Edivaldo Nascimento, Ana Miranda, Mira Alcântara, Rosinha, Selange Leal e Ana Fonteles.

Esporte: Sectur constrói campos de futebol

Vinte municípios piaulenses receberam ajuda do Governo do Estado, através da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, para a construção ou melhoramento de campos de futebol.

Os recursos foram repassados às próprias Prefeituras Municipais, encarregadas da execução das obras. A meta é ampliar o programa, de modo que todos os municípios possam contar com campos murados.

MUNICÍPIOS

Foram beneficiados nesta primeira etapa os municípios de Dom Expedito Lopes, Ipiranga, Hugo Napoleão, Angical, Aroazes, Manoel Emídio, Avelino Lopes, Barro Duro, Barreiras, Cristalândia, Cristino Castro, Corrento, Francisco Santos, Monte Alegre, Simões, Vaznaguá, São Pedro do Piauí, Amarante, Demerval Lobão e Eli-

sau Martins (Núcleo Colonial do Gurgueia).

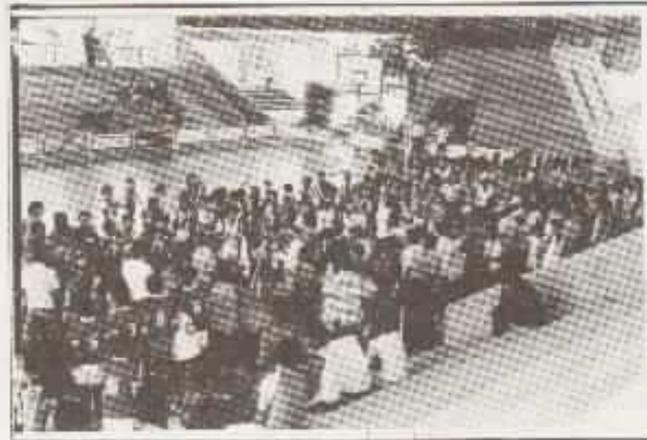
Por outro lado, mais de 40 municípios receberam recursos do MEC para construção de quadras esportivas, mediante projetos elaborados pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

Troféus entregues

A Coordenação de Esportes da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, à frente o professor Valter Soares, entregou no início de julho, no Iate Clube de Teresina, 190 medalhas e diplomas, além de troféus, aos vencedores das competições promovidas pela SECTUR de janeiro a junho deste ano.

As competições realizadas no período envolveram as modalidades de futebol de salão, futebol de campo, futebol social, vôleibol, handebol, atletismo, dominó e dama, em várias categorias.

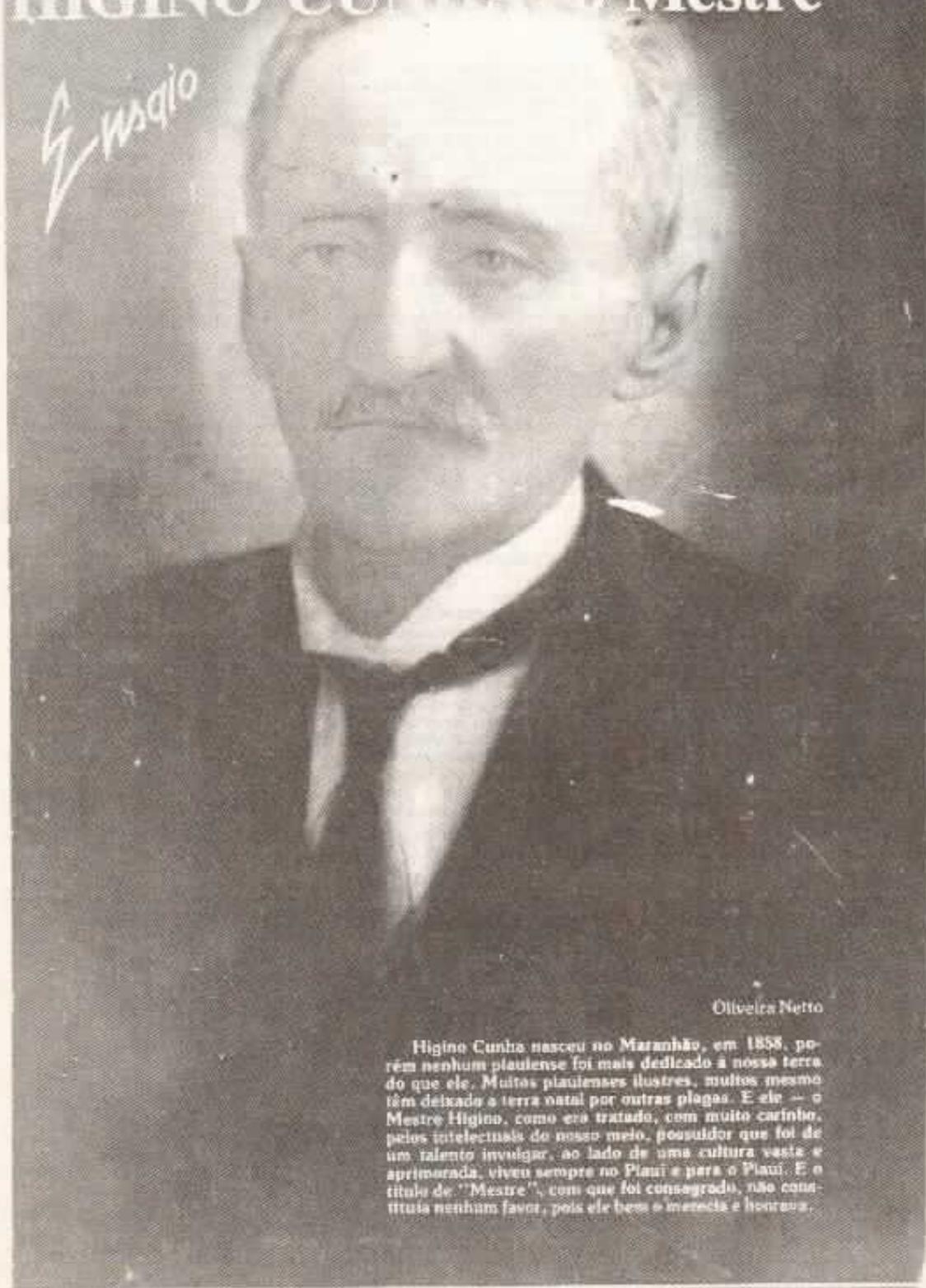
Entre as figuras premiadas figuram o Iate Clube, Sinopse, Andress, Piloto, Dom Barreto, Rubro Negro, Teresina, Bengê, Caiçara, Pedro II, São Cristóvão, Emiratat, Bradesco, Meta, Visso e Ceam.



Entrega de troféus e diplomas.

HIGINO CUNHA o Mestre

Esqueto



Oliveira Netto

Higino Cunha nasceu no Maranhão, em 1858, porém nenhum piaulense foi mais dedicado à nossa terra do que ele. Muitos piaulenses ilustres, muitos mesmo têm deixado a terra natal por outras plagas. E ele — o Mestre Higino, como era tratado, com muito carinho, pelos intelectuais do nosso meio, possuidor que foi de um talento invejável, ao lado de uma cultura vasta e aprimorada, viveu sempre no Piauí e para o Piauí. E o título de "Mestre", com que foi consagrado, não constituía nenhum favor, pois ele bem o merecia e honrava.

Poliglota, filósofo, sociólogo, historiador dos melhores, jurista, panfletário erudito e desassombroso, professor emérito, orador brilhante, poeta magnífico e músico sábio. Higinio Cunha foi o guia e mestre quinhentos mais de uma geração de parenses.

Estudioso como ninguém, estava sempre integrado no movimento político, social e literário de todas as Nações. Foi a honra da sua palestra oratória sempre enriquecida e ilustrada com fatos novos na vida das povos civilizados.

Foi incansável na elevação do cânone intelectual do Piauí, e, em todas as fases da vida do Estado, durante mais de cinquenta anos, nos movimentos cívicos e sociais, como nas agitações políticas, no triunfo e na impiedade, vultoso e constantemente acena a cantilha do seu gênio.

Espirito devotado exclusivamente às letras, em 1917 fundava com a Academia Piauiense das Letras, tendo como companheiros desse nobre empreendimento os cultos mestres de Fanalton Castelo Branco, Clodoaldo Freitas, José Pinheiro, Jônatas Batista, Galvão Pinheiro, Lucídio Freitas, Amâncio Chaves, Benedito Mangabeira e Edson Cunha.

Escreveu "O Idealismo Filosófico e a Ideia Artística", "Os Revolucionários do Sul no Piauí" (coluna Prestes em 1925), "História das Revoluções no Piauí", "A Igreja e a Constituição", "Memórias Autobiográficas" e inúmeros outros trabalhos importantes esparsos em jornais e revistas.

Quando o Mestre completava 80 anos de idade, ainda de espírito lúcido, se firm que chorado ao peso dos anos, o DIÁRIO OFICIAL do Estado, diz-se: "pode encerrar o ciclo cultural de sua existência de alto valor mental, com a glória de considerar-se o pai espiritual de mais de uma geração". A imprensa do Rio de Janeiro se ocupou amplamente do seu nome ilustre. O CORREIO DA MANHÃ num artigo de coleção de artigos do Dr. Heitor Lima, advogado, forte adepto da difusão e crítica literária, entre outras considerações proclamava — "O nome desse autêntico publicista não me conduziu em todo o Brasil, se Higinio Cunha houvesse vivido em meio mais adiantado. Nada na sua mentalidade denuncia o provincialismo; as suas idéias são amplas e universais". E finalizava — "É com real prazer que felicitamos o longínquo Estado por ter sido berço de um homem de ânimo forte, alma generosa, inteligência lúcida, devotado ao serviço de uma das mais nobres causas — a da liberdade contra a opressão, a da cultura contra a

ignorância, a da civilização contra o embrutecimento, a da consciência contra o crime". Mário Martins, em "Biografias de 5 minutos", teceu os mais justos e merecidos elogios ao Mestre insigne, em termos assim:

"Contemporâneo das letras pela libertação dos escravos, da campanha pela independência dos cultos, da propagação e proclamação da República, em que tomou parte, venceu o tempo e chegou até nós como um exemplo perene de juventude da espiritual e uma lição de valor e de coragem". Mais adiante comentava em tom elástico: — "A impressão que lhe atribuíam era quase lendária. Para ter a memória que ele tem aos 80 anos de idade, só havendo guerra com o demônio. As boatas dizem que sim".

O Mestre era adepto de revolução. Porém o seu espírito era simples e grande demais. Por isso, estava sempre pronto a partilhar os dons da sua inteligência com todos aqueles que a ele recorriam. Os frutos da sua sabedoria foram distribuídos numa massa forte e abundante, com todos os que viverem a felicidade da sua aproximação.

Pobre de perdura, era generoso e generoso. As luzes do seu saber e a grandeza e a nitidez do seu espírito, emponavam todas as fortunas materiais.

Raizadamente escoteiro de verso, Mas quando o fazia deixava transparecer a lúbrica na métrica, a beleza na forma, a riqueza na linguagem e a pujança do pensamento. Vejamos um dos seus poemas admiráveis, escrito em Teresina, no ano de 1886.

O COLERA-MORBO

Pálida e grã, malhada em êxtases do gozo,
Órfã do estuário, um deves trepitar
Prescrite no estúpido a esvanecer-se, eglês,
Onde amonta a glória, ao múltiplo apelo
De um júbilo delirante das luzes do progresso,
Não lhe feiou jamais a feição arrecesso
Nas lutas sociais por um porvir melhor.
Um sangue forte, puro e ardente de vigor
Fervente em turbilhão nos vórtices circantes,
Achei-a e o cetro e o mudo dos pastores
A ciência e a indústria ali conservadas
Frigida e morta e ali suas primícias
As carniças do século à avilção moderna,
Tudo morto e labor e a infecção letal,
Que leva a humanidade à base do ideal.
Proseguir a gin cidade em marcha triunfal
Na face do porvir. A impugna mistral e peço,
Desprezando-lhe a vista um horizonte novo
Na vida social. Os vórtices polinicos
Da liberdade vão ao encontro mais oculto
Dei después largar-te a vida luminária
Em profusos múltiplos, as pobres almas
Das tempos melhores. As nias, arguente

Pezarte a tem de festa, a clara do mundo
Do estado industrial, fuma, vestes, sibilas,
Dei novas águas impudica devida,
A não se venha apanhar a garçalha ahu
Das quinas ferrugens, a surda murmurar
Das botões deis, nos arredores do vicio,
Essas entes bocas, que no se proemexão
Dei cõpia consciência, almejam no mofino
Subar o diluio a galjo nos botões de uma Impéria
Mas ouve-se também a música mofosa
E o ritmo delirante da traste impudica
Desta vida de uma varangélica e virginal
Que na a face das das sejas, nos ahuas
Dado reluzem festivos e baticos e seções
Por isso a perla a guato e a vida mais inbense
Nesta aglomeração de garde forte e densa.

Do repanto um abalo enorme e viridano,
Empreendido a ar, grande luciferito
Por toda a gin cidade aza delictoral!
E do de apoteose tremel! Uma volta fronte,
Do zã ahuas parade! Um ofício a tempo
Nã sabe às feições delictoras dolor!
O desolado, apuro, o lato, a dore e a more
Oleto nas fronteiras a seu mofino porre!
O ódio! O colar! O colar! Quem lá se
Venha o amigo ahuas ahuas ahuas!
A crítica! A crítica! E a crítica! A crítica!
Das sejas a mofa, Niguelm, não, tem mofa
O glorio ahuas. Após trabalho mofa
Tudo é verdade ahuas. Logo a saber hãmico
Confessado ahuas ahuas ahuas ahuas
Ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
Hãmico! Nã ahuas ahuas ahuas ahuas
Do Hãmico ahuas. A vida se evocou
De mofa ahuas ahuas, e ahuas ahuas ahuas
Das mofas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
Para a sala ahuas, ahuas ahuas ahuas ahuas
E ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
E ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
Quando a crítica ahuas, após se ahuas ahuas
Ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
E ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
Ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
Ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
Neste mofa ahuas ahuas ahuas ahuas
Passam mofas ahuas ahuas ahuas ahuas
Ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
Ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
Ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas

Na trama universal
Não se abate, porém a situação geral.
A crítica ahuas ahuas ahuas ahuas
Pode ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
O mofa ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
E ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
Ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
No mofa ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
Para ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
Das mofas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
No céu ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
Com ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
Nem ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas
Dei ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas ahuas

Ele é, uma armistia de engenho
poético do Mestre.
Higinio Cunha desapareceu, diante
de seus um 1934. Mas ele conti-
nua vivo no coração do homem Pia-
uí, de cuja história seu nome ac-
rescido jamais desaparecerá.
Eu me orgulho de haver partici-
pado da intimidade do sábio e do
Mestre e me sinto feliz nesta oportu-
nidade, prestando esta homenagem
que me foi útil à sua memória.

Teresina - 1961

Dr. Portugal Lins de

Ensaio O Experimentalismo de DA COSTA E SILVA

Francisco Miguel de Moura*



Meu primeiro contato com a poesia de Da Costa e Silva deu-se através do Almanaque da Parnaíba, uma importante revista de cultura que há mais de meio século é editada na cidade do mesmo nome, em meu Estado. Não posso citar o número nem o ano, pois ficou-me apenas na memória distante, talvez começo da década de 50. Rapaz, no interior do Piauí, ocupando-me como caixeiro de uma loja de tecidos, sobrava-me algum tempo para minhas leituras. Os poetas eleitos eram Olavo Bilac e Raimundo Correia, entre os parnasianos, e Gonçalves Dias, Castro Alves, Fagundes Varela e Álvares de Azevedo, entre os românticos. Cair-me à mão um poeta nascido no Piauí, melhor do que aqueles, na minha opinião, foi realmente um alvoroço.

O Almanaque publicava um soneto. Devorá-lo:

Quel'él, s'arrêti, s'arrêti d'abord d'arrêter.
N'exist'incertitude, n'exist'incertitude.
De z'arrêti s'arrêti d'arrêter, s'arrêti d'arrêter.
C'est un sonnet, s'arrêti d'arrêter.

De novo me resta o mesmo a perceber.
Para a ilusão da glória e da vitória.
Nem a fé, nem a dúvida, perdura.
Devia ser o amor num túmulo de pedra.

Tentativa sem quarto-parâmetro.
Que, em si, por si, por si, e a alma vendida.
Não deva ser, em si, em si, em si.

Mes, como s'arrêti me fui instamente.
Acordi no coração e a alma vendida.
Pois se é o amor num túmulo de pedra.

Pois conta das minhas valências, já naquele tempo, de ser-sejador e poeta, procurei desde aquela altura, todas as letras, pensando que poderia a ver copiado inconscientemente no futuro. Ah, é por isto que os poetas que desejam ser poetas sem alguma empolgação não decoram com os seus próprios poemas! Porém, o soneto mas não perdi o poeta. De Costa e Silva ficou sempre na minha memória de intelectual, mas se perdi, mais de vista. Porém, era

muito difícil encontrar seus livros no interior. Mas minha vida ali estava encerrando-se e logo logo iria para a cidade tomar o trânsito e demais coisas posteriores.

De Costa e Silva já era meu poeta. Cabia agora, saindo pelo mundo, consultar a sua aceitação pelos outros.

Mais tarde, em notas que ainda se conservam atéditas, disse que bastava ler para reconhecer o soneto "Solidade" em "Hino do Piauí", para ficar como nosso grande poeta. Mas só li-lo, mas também li-o sem fim, épico, na minha concepção e na lista em que Manoel Mota conceitua o poema épico moderno:

Entendido como categoria poética essencial, intrínseca, atemporal, assinalada da imensidade em que o poeta alcança completo maturidade interior, o épico pode ser considerado aquele para o qual se aceita todo grande poeta não importa a época e o movimento ou corrente literária a que pertença. (2)

Não é de outra coisa que o poeta Mário Faustino fala, contestando

F. A. Pois e pensando um rolar um poema longo como a minha realização do effluo, como épico.

Ora, a mim só interessa o poema longo. (3)

Mes, meo quarto parâmetro em detalhes técnicos ou outros, não quero perder de vista o mesmo poeta e sua poesia. Não é tanto o louvor de Da Costa e Silva que vim trazer aqui, mas julgamos mais oportuno o estudo de sua poesia, ou melhor ainda, a sua fruição. Talvez não queiramos a exatidão da nota, mas um ensaio é aqui e palavras tem conotação diferente da atual forma. Tentativa que busca a despertar curiosidade por ela, curiosidade, interesse e amor. Pois só o amor pode compreender, disse Rilke. Disse também que a poesia é grave. E "poesia tudo que é grave é difícil, e tudo é grave" (4). Talara o mesmo Rilke é um jovem poeta.

Como proporcionar tal com o louvor ou sem o estudo crítico tornar o nosso poeta mais conhecido e mais amado? Seria preferível fazer um poema. Mas minha poesia é tão pobre! Um poema de Da Costa e Silva só acrescentaria mais a minha pobreza.

Na oração do livro de José Carlos de Santa Cruz "A Continuidade Poética em Da Costa e Silva" já sabemos que não desejamos perpetuar o mito DA COSTA E SILVA na condição simplesmente de mito: em que todos falam mas ninguém conhece. Escolhemos para neste pequeno o seu experimentalismo, pois além de ser um exemplo de dedicatória fez de seu instrumento — a língua, e por consequência, a linguagem e o estilo —, dá também a medida da sua impetuosidade e da sua temperança tão singulares quanto o sentimento.

Comecemos pelo soneto "Saudade" do livro de sua estreia: SANGUE (1908). Recife. O soneto é o mais famoso do poeta e conforme testemunha de Cristina Castello Branco (6) lhe foi ditado pelo poeta numa incerta noite de 1907 na "república" de quando estudantes, em Recife. Na edição de SANGUE há em algumas linhas que o poeta tira com o tempo solucionando. E seria mesmo de esperar, dado o caráter da obra de nascimento — improvisado. Embora, conforme dizem, fosse comum ganhar prêmios assim, naquele tempo. Uma das interessantes mudanças em "Saudade" foi a seguinte:

Da forma primitiva
"Noites de junho. O caburé com
vento.
Ao luar, sobre o arvoredo, prando
quando
Lá à noite as folhas bridas cantam
na (1908)
sobre a estrada:
"Noites de junho. O caburé com
vento.
Ao luar, sobre o arvoredo, prando
quando ...
E ao vento, as folhas bridas cantam
na (1934).
Outra, no mesmo soneto
Em 1908, assim:
"A saudade infeliz de um sol de es-
to.
Em 1934, assim:
"A saudade imortal de um sol de es-
to.

A primeira mudança referida além de trazer clareza e reforço, explicitando a origem do canto das folhas poeticamente, através de uma transformação sintática perfeita e perfeita, pouca as noites frias de junho com o vento cortante, o que é um acréscimo semântico; e por outro lado leva ao poeta da repetição da palavra *noites/noite*. Já a segunda mudança, de primeira vista poderia parecer como apenas uma mudança musical. O poeta troca um adjetivo por outro (*infeliz* por *imortal*), mas que a última vogal tônica do verso era também *i* (*estó*) e evoca na monotonamente ao ouvido um

sem repetido muito próximo (*infeliz*). Mas, se se analisar bem "Saudade", há de se perceber que a saudade que o poeta sente é até bem boa: lembra da mãe e do pai, dos bois e do curral. Não tem nada de infeliz. A precisão do estilo requerido ao poeta a necessidade de troca de uma palavra por outra. A saudade tinha que ser *imortal*, em homenagem à saudade do poeta. E o estrato fônico caso, bem ao verso e ao poema como um todo, no momento atualizado.

No verso 11, em seis, o final do primeiro terceto, houve também uma troca de *neve* por *névoa*, ficando assim:

"As mortalias de névoa sobre a terra...

em vez de:

"(A) mortálias de neve sobre a terra...

Neste caso basta consultar o "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa" de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (7) para verificar se esse o poeta foi muito feliz na nova substituição, visto que atende à objetividade, ao verdadeiro sentido do que gravava sua mente. Apenas as duas palavras se prestavam, talvez se prestem? a confusão, por serem parecidas formalmente. No Brasil, é claro, não pode cair neve. Há sim, névoa, nas noites de junho.

Houve, porém, uma das emendas no soneto que não reduziu, no nosso entender. Mas ele é tão grande que continua grande. Acreditamos, por outro lado, que seja resultado de um engano de revisão — como talvez tenha ocorrido também no "A Moenda" ("E, emigido a miigenda, a cana a triturar"). Mas já dem ter sido efetuadas pelo poeta já na fase da dicatância física, no como faz Alberto da Costa e Silva, "quando Da Costa e Silva começava a mergulhar na doença implacável" (7). Trata-se precisamente da troca de uma conjugação (AI) de muito maior valor emotivo, por um artigo plural (As), em que a paixão desce a terra, ficando o verso assim:

"As mortalias de névoa sobre a terra"

em lugar de:

"(A) mortálias de névoa sobre a terra"

Vamos citar o soneto todo, não por ser o mais conhecido e o mais antológico do poeta; é para não deixá-lo em pedaços ao leitor, isto é, só nos pedaços que foram substituídos por suas modificações sofridas entre 1908 e 1934.

"Saudade! Olhar de minha mãe saído.
E o pranto lento dos lavandeiros do
Saudade! Amor de minha terra... O rio
Cantando de águas cristalinas tocadas."

Noites de junho. O caburé com vento.
Ao luar, sobre o arvoredo, prando quando
Lá à noite as folhas bridas cantam
na estrada:
A saudade imortal de um sol de este.

Saudade! As de onde Perseus era
Gentil e vivo de caracaras e verde
Ao mortalha de névoa sobre a terra

Saudade! O Termino... velha morte
Ao mortalha de névoa sobre a terra... (A)

Não sei se porquê aprendemos em nossa juventude e na versão primitiva, o soneto com aquela al' de dar gostosa porque a dor infeliz e daquela que morre e a saudade não morre, aprendemos muito mais a primeira versão amorosa, com o grilo rebentado, depois suavizada pouco lentamente quem sabe?



— um afastamento que me parece fugaz. Enfim, não sajam os cantos, por Deus, pai e filho, dor e herança respectivamente da forte no poética, têm ambos seus valores para essa versão definitiva não só de "Saudade" como de toda a poesia, em "Poesias Completas" de Da Costa e Silva, revista e anotada por Alberto da Costa e Silva, em cuja edição o único grave defeito a apontar é a ilegibilidade do verso n° 6 do soneto "Velut Umbra" de VERONICA. E referindo-me ainda ao soneto "Saudade" que não chega a ser paráfrase, não obstante por ser o primeiro livro do poeta — não tem qual é uma obra literária brasileira e teve do mundo. Devia ser traduzido em todas as línguas e em todas as épocas. Embora a tradução de Verônica seja sempre uma tração, como disseram os brasileiros, não é uma tração completa e restaria alguma coisa da nossa poesia para os outros. Especialmente se numa sua tradução "Saudade" eu disse: não chega a ser paráfrase. E

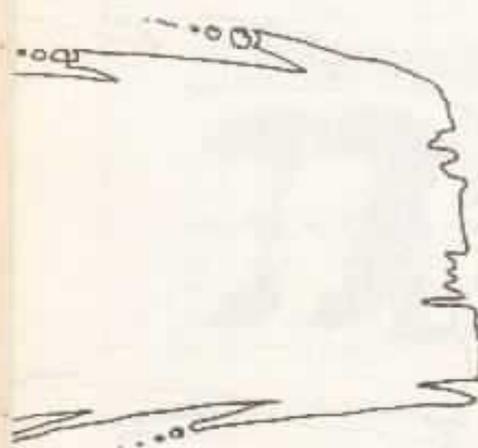
explico, nem pelo ritmo, nem pela descrição semi-subjetiva: é um poema pessoal, romântico, regional, com alguma técnica parnasiana (enjambement) e muito do simbolismo. Para que coisa mais simbolista do que o verso:

"Saúde! A sa de de do. Pensamento."

considerado em determinada época da nossa vida literária o verso mais bonito da língua portuguesa?"

Tudo evidentemente contraria as normas daquela escola: exceto os enjambements e algumas figuras retóricas (as tão ao gosto dos parnasianos) lembrando o último cartunista mais em PANDORA do que mesmo em SANGUE. Jamais pode tomar

"O ruído dos bois de minha terra"



como uma chave de ouro de soneto parnasiano. Isto não significa que entre outros sonetos dele não se achem muitos com chave de ouro à parnasiana. Lembra, por exemplo, a preocupação exagerada de Olavo Bilac com esse pequeno aspecto de do seu soneto I de "Via Lótica":

"O olhar caente para o mar baixando..." (9)

que forma um pensamento completo para encerramento, mas não de repente uma avalanche de sentimentos como a chave do soneto "Saúde". Sentimento de vida não idealizados apites. Só para exemplificar mais, também os dois sonetos sob título geral "Mater", do mesmo livro SANGUE, de Da Costa e Silva, outras duas jóias em muito superiores aos de Bilac, não são propriamente parnasianos. Já incluem em si palavras e ritmas de gosto simbolista, como de resto em toda a poesia do poeta paulista. Incrível que uma "Verônica perdida" sem cuidado entregar-se aos

desvios simbolizantes. Assim é também a "Canção da Morte", já pelo tema, já pelo denso vocabulário de gesto simbolista: vidreos, palomares, idílio anólio, ritmo cigalesco, névoas, o nosso lugar, lírios, al-degas, casuar, peregrino e estirpecer. F. "Mater II", a meu ver, deveria figurar em toda antologia de os netos brasileiros, sendo os dois. Foi só a escolha para transcrever "Mater I".

"De lázimas de meu formoso se um de
Lado, que tudo nunca decaído sei.
Mas sempre te sonho a ser termo
A sim de um árduo desígnio e símbolo."

"Fide, impido de luz, não decaído
De saudades de de, o do decaído.
Lazado à sua, não decaído de praça
Kiss a três séculos de teu."

Mãe, que ruído de meu, pedras e mite,
Em lágrimas de afofo de favelado.
Talvez se eu não que esse momento."

Não o sabes, cantado, em afofo de mite,
Há a sua favelado de favelado.
Quê, em afofo de mite, bôa mite de mite."

Mas Da Costa e Silva também contrariava o Simbolismo, escola que repartia o ritmo das letras com o Parnasianismo, na época da publicação dos primeiros livros SANGUE e ZODIACO. Melhor dizendo, à época de concepção dos poemas, no insulário, pois o poeta muito cedo começou a produzir, mais ou menos aos 15 anos, segundo consta de sua biografia. A época era de liberdade, de nenhuma separação de épocas, de fermentação da base do Modernismo de 22. Os poetas mais todos, originais, se tornavam independentes das duas correntes e se lançavam às experiências. Da Costa e Silva vinha de uma geração formada ainda no som da Escola de Recife e criou na confluência dos dois rios, ponto de observação e trabalho para outras experiências. Talvez não tenha aderido totalmente ao modelo de 22 por temperamento. O, porque, voltou a retrair-se em São Luís do Maranhão, pouco estava ligando para movimentos literários. Ao contrário, construiu um lugar próprio, voltado para o véspero para a morte de sua primeira mulher. Além de todos os livros do poeta, VERÔNICA foi o único publicado depois da Semana de Arte Moderna, em 1927, no Rio. Sobre sua linguagem nessa época é bom ouvir quem sabe:

"... é límpida, concisa e fluida, dizeta e variada. O poeta reduziu os seus metros, economizou meios, mas sempre com sentido de apurar, contendo, e de aprofundar, pelo despren-

dimento. Mais do que isso é um mestre do verso. Ao colocar-se, aguçou musicalmente cada linha, valorizou as rimas internas e as rimas finais, clareza e tristeza com palavras nítidas e concretas, conde em cada verso emoções, significados múltiplos — e sentido como lativo à sua pessoa" (11)

VERÔNICA é um livro tão elegante, de grande valor na geral do poeta. Melancólico, em uma descida à profundidade de mesmo e, dentro dessa intensidade e frieza procura, e aproximação com a verdade e o despojamento do uma melancolia, na mesma linha evolução que parece haver se trido desde o início.

Por toda a obra do poeta "Saúde" nota-se a preocupação de cronotopias — e assim, verso vai-se tornando mais simples popular, mais espontâneo, daquilo que hoje chamamos letras ("Verdes mares: rosários e lúvias, / Com os corajosos portar em guerra, / Beber de as vezes os seus dos rios, / Na área mortal avassalar a terra"). São, como já vimos, experimentos antecipados da Semana de Arte Moderna, ALIAMBRA, infelizmente, presun de projeto como livro, chegou a ser concluído. Mas a importância, pelo que se conhece na linha de pensamento a que se terminou. Pesquisou não só fora da casa do autor: arte, amor a se explicar-se por causa do vício dos sentimentalismos. Poemas publicados em periódicos, em meio ao trabalho dos primeiros tempos do Iluminismo. Destaque-se os mais importantes: "Carnaval", "Retrato Fret Noturno", "Despertar, Amargor" e "O Carricel Fartina", pois nestes o poeta mais aproxima das segundas da não modernista de composição e do seu, experimentando até as suas próprias forças.

"Cachê o dia e noite na minha vida, / poder a saúde e a vida, / a linguagem de que clima, talvez por esse, de a vida e a morte e a morte da vida, / a tolar para a mar como de para a vida, / E não, num sonho de criança convalescente, / sempre a memória ocasional que fazê-lo no seu livro contante, as memórias de minha Genário, Luis Heleny, / meus irmãos Nita e Virgínia do carricel arrebatados para."

Os primeiros versos deste poema, "O Carrusel Fantasma", nos levam imediatamente aos versos de Carlos Drummond de Andrade, de "Fazendeiro do Ar", que é de 1954:

"Gostei (para mim) o meu dia,
 O dia e a noite tua
 Também chamada noite, e o dia ao lado
 Sentimo-se entrelaçados, num suspiro." (13)

Não sabemos dizer se houve influência de Da Costa e Silva em Carlos Drummond de Andrade. Mas não se pode dizer também que não, porque sabemos o que quando Drummond e outros poetas da sua geração apelavam aos primeiros versos de Da Costa e Silva morava em Belo Horizonte. Lá foi amigo dos poemas de então: Alphonsus de Guimarães e outros. Lá conheceu um grupo de rapazes da geração mais nova a quem estimulou, entre os quais constavam Emílio Moura, Roger Kienast, Aníbal Machado e o próprio Drummond.

No seu último livro não há declínio a linha ocasional prossegue. Nas notas da última edição de POEMAS COMPLETAS, 1976, Alberto de que do poema "O Carrusel Fantasma" já duas versões, ambas publicadas em revistas da época, e uma terceira escrita à mão somente em dois rascunhos encontrados, com relação ao verso número 6 do poema:

"Lindo, como num sonho de criança condescendente,"
 1ª versão
 "Lindo, num sonho de criança e adolescência,"
 2ª versão
 "Lindo, num sonho de criança condescendente,"
 3ª versão (14)

Há muitas outras alterações no poema até chegar à forma definitiva: nos versos 1, 2, 4, 5, 7, 9, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18 etc. é separação do último verso do poema do estrofe final, deixando-o solto:

— "Ólha aqui meu pensamento!"

o que vem a confirmar o gosto do poeta por exclamações, o seu costume de começar depois desse sinal com letra minúscula. Tudo isto em apoio à minha idéia de que houve realmente um engano de revisão na mudança de

"Ai! marulhas de névoa sobre a terra..."

"As marulhas de névoa sobre a terra..."

Mas quase esquecia-me de dizer que em VERÓNICA há poemas superiores aos melhores dos seus contemporâneos. Aqui faz-se a ligação com o seu primeiro livro:

"O saque que ilumina o pensamento,
 Em forma eterna a vida reproduz.
 Assim, a imagem do meu sofrimento
 Se não em silêncio, Me dá governo em luz." (15)

É a ligação com os movimentos modernistas se concretiza também em poemas como "Última Ilusão", pois lhe bastava a música que ia absorvendo lentamente e fazendo suas escolhas: as que fossem dignas do seu saber e do seu sofrimento.

"Substância de salina, gosto de opala"

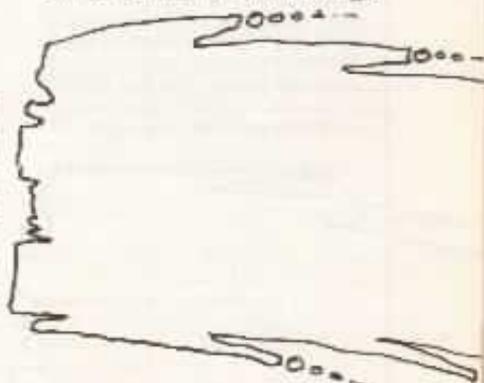
Uma vez perdida no horizonte,
 É o azul que fogo cada vez mais longe...

Ilusão de não ser azul" (16)

Antes que voltemos a ZODÍACO — pois ainda não fazemos algumas considerações necessárias — frisar-se uma mudança de Da Costa e Silva, tal como sua vida inquieta, de cigano, de cidade em cidade: era mudar, experimentar, crescer.

A volta aos temas clássicos e neoparnasianos em PANDORA, marca outra forma de procura e de

criação do objeto com palavras aventureira se pela simplicidade e pela grandiosidade ao mesmo tempo. São exemplares todos os poemas do livro, daí porque seria inútil citar um ou outro. Aqui se encontra o bellissimo estupefcente "Amaranto" que se encontram "A Moenina", "O Sapo", "A Cibria", "A Aranha", elogiados constantemente pela crítica. Ela aponta Da Costa e Silva como precursor da solução formal em concretistas: a forma usual de apresentação de alguns poemas, as paronomásias, aliterações e onomatopéias por um lado, e por outro, os requintes musicais, semânticos e simbólicos como provas incôntestadas. A mim me parece que não há necessidade de exemplificação, a única necessidade seria ler o poeta. Mas, quanto à forma, por ser o elemento mais presente na poesia anterior a 22, nos propomos a mostrar e indicar alguns pontos. Destaca, em primeiro lugar



a redundância é permanente angústia que senta ao ler os poemas de séculos: "Hera" do livro ZODÍACO, rima somente com palavras oxítonas e proposições intercaladas, em quatro poemas. Assim: oglaça/menla e paradisíaco/paga. Ou assim:

"A vida é um sonho. Evanta nos
 Há pássaros no Ar,
 Há seres sobre pántanos
 Há flores no país."

Anímel e balsâmico,
 A terra não produz,
 Na tradição durâmica
 Que a vida traz à luz" (18)

Rimas como pelas/estrelas são tão comuns em Da Costa e Silva que não nos apressamos em apontá-las. Mas ainda temos dois exemplos colhidos no poema "Luz no Mar", que achamos notáveis e dignos de por si só evidenciarem a preocupação em usar todos os recursos possíveis, indiferente aos ditames parnasianos, simbolistas ou outro que fosse:

variedade de uma maneira serena, e de permissão, o tema saudade e o canto do rio Isoroto IV, do tema geral "Sub Outros Céus". E o esforço dolorido e necessário de cantar seu complexo de homem-luz isoroto "Ego..." e "Sum". Esses temas e as experiências formais e substantivas dão unidade a sua obra. Só para mostrar a ousadia de Da Costa e Silva, vai um pouquinho transcrito do poema "Palimpsesto III":

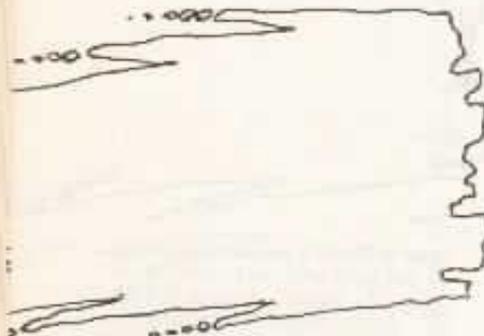
"A, de Vênus rival, formosa dama,
 De quem, meu padomim, fiquei cativo,
 Tendo por pena a dúvida em que vivo,
 Mostras-me dá cruéis de quem não vivo" (17)

Porém tudo começa em SANGUL, as grandes experiências formais e a grande luta — e vitória — através da expressão artística dos sentimentos e da evidência. Em ZODÍACO, entretanto, elas tomam corpo. De par com o verso livre no metro — só conservando as rimas para o efeito melódico desejado de quase

"A Natureza toda com
O influxo que lhe vem da luz divina e pura
Senão, em sua luz solar, de luz secularizada,
Não há viver, perfume não!"

Tronchando as esferas do
Beijou a divina luz, anseio covencem, amas
Anos curtos, rebre, permissões do espanto
Enluta-se a alma do vivo. (116)

Sobre ZODÍACO, sendo novo
ano, depois do primeiro livro, a crí-
tica nacional manifesta-se unânime,
redunção etc. Exaltavam nele qual-
dades de um poeta maior. O projeto
a crítica dava por cumprido —
era fabulosa gigante mesmo. Pro-
prio. Da Costa e Silva se propôs
uma escalada superior como está na
norma de abertura; segundo, na es-
calada, abandonou as deficiências e
defeitos que lhe marcaram as men-
tas e os movimentos, dando lugar à
sua própria intuição e ao seu próprio
fazer poético. Alguns versos do poe-
ma de abertura confirmam isto:



"Como o sol sobre essa montanha,
Que se eleva sobre a luz pura e glória,
Tudo se eleva, que não se ganha
Na escuridão familiar, ilusão."

Tudo emzebra o ar, em, disse em não se
Que a luz do sol, a luz do sol,
Que a luz do sol, a luz do sol,
Esta fábula, a luz do sol, a luz do sol.

E virá quem galgar a eterna pedra,
Beijou a luz, a luz do sol, a luz do sol,
Que dos mundos parte, a luz do sol,
Tudo o mundo é a luz do sol, a luz do sol.

Sobre o projeto, ninguém me-
lhor do que o seu filho, Alberto da
Costa e Silva, para testemunhar:
Era uma tentativa de escre-
ver um único poema sobre a
máquina da natureza. Descon-
dia dos sonetos plácidos de
SANGUE e do verso do desejo
de Da Costa e Silva de trazer
para junto de si, na distância e
no exílio, as paisagens, os fu-

nômenos naturais e os traba-
lhos dos homens de sua terra
natal. (21)

O sentimento da terra, o patri-
sismo que todo poeta tem consigo,
mais as influências do positivismo
da Escola de Recife através quem
sabe de que autores ou mestres,
contribuíam com o talento do poeta
para a construção do melhor livro
dentro da temática escolhida. É o
grande poema de Da Costa e Silva e
um dos maiores da poesia brasilei-
ra, senão o maior que tenha terra
ecológica. ZODÍACO tem unidade
como poema único, polifônico, pelos
assuntos, pelo estilo e pelas poé-
ticas, pela singularidade e acabamen-
to. Lembro-me de que alguém le-
vanteu a questão de que nele não
aparecem a mulher nem o amor,
não havendo citação dessas duas
palavras uma só vez. Não sei se isto
aconteceu, essa pesquisa não fiz.
Acho que estou errado. Ora, ve-
jam lá assim todo o grande amor do
poeta por sua terra, sua gente e
também principalmente a dedicado
à natureza. É a natureza é também
mulher e é também mãe. Quantas
vezes na obra do mesmo poeta a mãe
e a natureza não são referidas num
mesmo verso, numa única metáfora
ou imagem? Mas esse terrível de-
sajuntamento do poeta não posso apre-
hender-me, este escrito é limitado.
Mas fica o sugere para os estudos
do estilo e riqueza das imagens.
do poeta de Amarante está a exigir
um trabalho de exploração que
vibe até um livro. São muitas as
suas imagens e riquezas.

ZODÍACO é o mais épico dos li-
vros de Da Costa e Silva, pela forma
e pelo conteúdo, pela ideologia e pe-
lo estilo. Aqui Da Costa e Silva foi o
grande poeta de som e de natureza
por excelência. Polifônico, sem os
vícios do simbolismo que se per-
dia em subjetivismos doentes ou
religiosos — eis aí um acontecimen-
to. Se tivesse havido mesmo tanta-
mente, no Brasil, uma escola de na-
turalismo realismo na poesia, Da
Costa e Silva teria sido o seu funda-
dor. Lu ilusão que tenha havido
[21] escola.

Concluamos os historiadores da
literatura brasileira ainda não de-
ram o lugar que Da Costa e Silva
merece, o lugar que lhe cabe. Quan-
do um crítico do poeta de Fausto Cu-
ria diz que ele
"den nos uma obra forte e vi-
vida, em que se conciliam as
exigências de uma aristocra-
cia estética e as imprugações
de uma sensibilidade profun-
damente popular." (22)

nada mais resta senão o
maior vigor no trabalho crítico
divulgação que há de colocá-lo
um dos maiores poetas, em li-
Cruz e Souza e Alpharces
marcos por exemplo, em no-
vos da literatura. Nosso poe-
ma entendimento foi maior,
bem mais, foi mais autêntico e
outros temas do simbolismo,
o falo do parnasianismo. Sua
em nossa história literária só f-
relato com a de Augusto dos
que se enriqueceu, esqui-
quando foi um dos maiores
do mundo. O mesmo poeta, por-
que de três correntes: parna-
simbolista e moderna, senão
zer-se a nenhuma — pelo cont-
sobrepõe-se a todas — rouxi-
é muito importante salienta-
a contribuição ao evoluir da
poesia nos anos primeiros das
culto, quando se processava a
luta modernista que explodiu
1922. E, não obstante, o seu es-
munitismo, uma visão glóbi-
sua poesia nos dá uma imagem
unidade, aquela unidade di-
dentro da diversidade.

Falta-nos competência
aprofundamento do que de-
mos, etc.
Então, pedimos licença por
zer dois apêlos: um deles através
Deputado Walf Ferraz, na Câ-
dos Deputados, Brasília. Após
fixar e mostrar os versos do
delém-se o parlamento auster-
detalhadamente sobre o livro
ZODÍACO, que se termine no
lá, far este dramático apêlo.

As imagens das mercuriais
menegares que se prestar
poeta Da Costa e Silva,
continente do seu nascente
que as autoridades lhe p-
tragem a humanidade ma-
— e tem perseguição do rí-
márcou profundamente a
pração do vale e com o i-
tanto se identificou, selto
tando também as margem-
Paralaxe a meta na qual
rava mais vida, desejando
nuvem para dar vida às á-
res que morrem." (23)

Venamos a parte do poema
Arcotes "o que se relêve o pro-
sor o ilustre parlamentar

Quando ele, no inferno se secciona,
Por que seus olhos não se erguem
Terre um desajustado de ser ruem,
Para dar vida às árcades que morrem." (2)

O outro apelido meu, como poeta, é o da natureza, como reflexo da casa onde habitamos: sugro, uma edição bem estudada e bem cuidada do livro ZODIACO, mas também das obras completas do autor, por editora que se sensibilize com os dados da nossa cultura, pelas escolas privadas brasileiras que se preocupam com o ecologia, o ensino pelo governo, em distribuição nacional. Seria uma homenagem ao poeta, após o tempo que se comemora o centésimo de seu nascimento, aos seus admiradores e a todos os habitantes desta floresta planetária Terra.

Bibliografia (Citações)

Costa e Silva — Poesias Completas. Ed. Cátedra/MEC. Rio, 1973, 3ª edição, tom 6 e 7 (ou All-son da Casa e Silva, pág. 265).

Castro Alencar — A Criação Literária. Melhoramentos, São Paulo, 1970, 2ª edição, pág. 67.

Castro Alencar — Poesia, Experiência, Perspectiva. São Paulo, 1976, pág. 290.

Castro Alencar — Cartas a um jovem Poeta. Ed. Casa E. Assis, 1975, vol. Paulo Bonino, pág. 38.

Castro Alencar — História das Literaturas. Gazeta Ed. Aurora, Rio, 1946, pág. 95-97.

Castro Alencar — Boque de Heraldo Ferreira. Pag. Dir. Bras. da L. Portuguesa, Civilização, Rio, 1968, 11ª edição, pág. 94b.

Costa e Silva — In Poesias Completas de Da Costa e Silva, (edição Cátedra/MEC, Rio, 1976, 3ª edição, tom 6 e 7, anot. por Alberto da Costa e Silva, nota "Sabore Esta Edição", pág. 15).

Costa e Silva — Poesias Completas, idem, idem, pág. 74.

Castro Alencar — Poesias, LIT. Franciosa, Alagoas, Rio, 1964, 8ª ed., pág. 41.

Costa e Silva — Poesias Completas, idem, idem, pág. 107/108.

Castro Alencar — In Poesias Completas de Da Costa e Silva, idem, idem, 1ª "Notícia Sobre Da Costa e Silva", pág. 30.

Costa e Silva — Poesias Completas, idem, idem, pág. 348/9.

Castro Alencar — Obras de Andrade — Obras Completas, Cia. Aquilino Editora, Rio, 1964, pág. 296.

Costa e Silva — Poesias Completas, idem, idem, pág. 401.

Costa e Silva — Poesias Completas, idem, idem, pág. 265.

Castro Alencar — In poeta,

A Reunião dos Dez

Maria Dolores Teles
Profª de Língua Portuguesa
da Escola Técnica Federal do Piauí

Reunidos na sala estão alguns personagens. Falam sobre vários assuntos. De repente, outra abruptamente a Interjeição.

— Boa noite, diz com voz grossa e forte.

Boa noite, respondem todos.

O silêncio cai. A Interjeição, muito desajeitada, sente-se. Procura uma maneira de entrar na conversa. Com voz espantada procura atrair a atenção e diz:

— Por que pararam de conversar? Do que tratavam?

O Substantivo, o Adjetivo, tes pontão com calma.

— Senhorita Emoções, estávamos a tratar da nossa próxima festa. Não chegávamos a nenhum acordo por falta de compreensão do nosso colega, o Verbo.

— Qual é, cara? Você sempre diz isso quando não consegue estruturar bem as coisas. Credo ser mania de quem vive determinando tudo.

Nada de discussões, atende a Interjeição. Vamos aos fatos.

— Bem, falou o Substantivo. Queremos realizar uma festa no dia dos 15 anos do Adjetivo. Ele é um garoto inteligente, curioso, maníaco por adorno, pois vive a enfeitar-me, prodigalizando-me elogios. Vive em torno de mim. No popular, se diz: "Acorda vai, a vaca, o boi vai atrás". O Adjetivo vive dando qualidade e defeitos aos que se lhes aproxima. "L'art est noble!"

— E qual a divergência do Sr. Verbo?

Acho não ser divergência. É ciúme.

— Ciúme?!
— Sim, ciúme, porque não há ninguém que o peçam. O Adjetivo só lhe dá formas, conseqüências, circunstâncias. Diz-lhe QUANDO, COMO, PORQUE, PARA QUE ele exista. Nunca lhe confere qualidades. E como o Verbo se considera a alma do frase, por que lhe confere AÇÃO, ESTADO ou FENÔMENO, pensa ser maior.

Daí não aceitar que eu seja O REI das novidades, aquele que impõe meu nome a todos os seres...

Nisto se aproximam o Numeral, o Artigo e dois irmãos que, vez por outra, discutem por causa de indiferença das pessoas em não reconhecer-se UM E UM ou E O outro, a Preposição, sempre ligada a duas palavras, e a Conjunção, sempre no meio das frases que trabalham na sala.

1) O Substantivo chamou o Pronome para substituí-lo por alguns instantes. Todos observaram e se chichavam entre si sobre a preferência do Substantivo pelo Pronome. Sempre que não queria aparecer, mandava o Pronome. Este, como bem mandava, sempre obedecia, apesar de, às vezes, ele era LU ou EL, outras, ESTE, ESSA, AQUELE, E para chatear dizia-se ser AQUILO, ISSO ou ISTO. Também muito possessivo, falava MEU, MINHA, MEUS, MINHAS, muito mais vezes do que TUA, SUA. Em determinadas ocasiões ele se indefinía, interrompia-se quando se referia ao seu ser. Mas apesar disso era um espírito bom.

Depois que todas as Classes de Palavras se reuniram, foram 10 — OS VARIÁVEIS E OS INVARIÁVEIS; o Substantivo tomou da palavra e estabeleceu os planos de festa. Havia as propostas do Verbo, mais dinâmico do que nunca; pressos as alegrias, os sustos e as irroções da Interjeição, verificou as ligações da Preposição e da Conjunção, o seu direito para o Numeral e o Artigo e disse:

— A festa realizar-se-á no dia 22 de março, às 20hs 30min, na sala 16, com todo o pessoal presente. Traremos os pratos e bebidas e homenagearemos o nosso querido Adjetivo, por ser amigo de todos, mesmo com todos os defeitos que tem.

O Adjetivo, muito satisfeito, verificara que quase todas as suas circunstâncias tinham sido citadas; aplaudiu. E todos os outros também.

E assim a reunião acabou com o pensamento de que no dia 22 de março, todos se reuniram, comemoraram, beberiam e festejariam aquele aniversário.

Gerdis

Cem Anos de Da Costa e Silva

Cunha e Silva Fi



Foi com vivacidade que li de ponta a ponta a bellissima edição especial de nº 13 da Revista Presença, toda dedicada ao Centenário de Da Costa e Silva, o maior poeta piaulense de todos os tempos. Desde o editorial com ótima apresentação do Governador Hugo Napoleão até a última página, trazendo dois poemas dedicados a Da Costa e Silva, a Revista Presença saiu-se impecável, à altura mesma da figura tão oportuna e merecidamente homenageada. Afinal, Da Costa e Silva é um nome incorporado à tradição literária e cultura do Piauí. Não é outra figura literária senão Da Costa e Silva que sempre nos vem à mente quando somos solicitados a citar nomes de projeção nas letras piaulenses e, de fato curioso, o nome dele vem sempre na dianteira como forte justificativa, no inconsciente coletivo de todo bom piaulense de que verdadeiramente podemos contar com um nome de peso na nossa historiografia literária.

Cunha e Silva Filho*

As minhas reminiscências de Da Costa e Silva remontam à infância às referências que meu pai fazia sobre o poeta maior do meu Estado. Mais ainda, e é explicável o helenismo — porque meu pai é amantíssimo também, embora não tenha sido de sua geração. Em casa, em Teresina, como eu sempre gostava de receber livros e revistas de meu pai, uma vez deparei com a fotografia de Da Costa e Silva estampada na capa de uma revista muito antiga, na qual havia também artigo de meu pai. Depois, em outras notícias do poeta e sua trajetória. Mas, na realidade, nunca soubera que ele tinha sido vitimado por desequilíbrio mental. É possível que houvesse um certo mistério ou indefinição sobre a verdadeira saúde do poeta, circunstância compreensível em se tratando da imagem do poeta, que se queria cuidadosamente resguardar publicamente. Tenho observado que, entre os artistas, é sempre penumbrosa a versão dos últimos anos. O que sempre me foi que o poeta da saudade teve uma parte de sua vida feliz, só isso. Os trabalhos aparecidos nessa edição continuam.

Não podemos esquecer um fato real. Da Costa e Silva é mais conhecido pela sua fama de grande poeta do que pelo comprometimento intrínseco de sua obra, que provavelmente

não foi lida tanto quanto dele se tem lido. A homenagem maior que lhe poderíamos render agora é não desbragarmos sobre mais obras completas, lidas, como leitura comum, tudo que tenha escrito e analisando em profundidade a sua obra no caso de sermos eventuais críticos literários.

Passamos e não passamos o corpo em mais de nome, ou superficialmente por causa do autológico soneto *Saudade* Assis Brasil, romancista e crítico piaulense radicado no Rio, em sua obra *O LIVRO DE OURO DA LITERATURA BRASILEIRA* (Editora Tercoprint, 1980, p. 105) faz este comentário sobre o mencionado soneto:

É teu este piaulense que se prova que não conheço este seu belo soneto.

Esse lado, mais pitoresco ou mesmo um equívoco ao poeta de Amantíssimo, é bom que se conheça. Gançando, mas é o bastante. Situa-me entristecendo quando leio obras datadas ou especializadas sobre literatura brasileira e pelas não encontro nenhuma referência acerca de Da Costa e Silva, quando porém citam-se apenas Augusto dos Anjos, Cruz e Sousa e Aluísio Guimarães. Paradoxando Raquel de Queiroz, acrescento: Da Costa e Silva ficou para os outros.

Todavia, para meu orgulho de piaulense, de memória me recordo

de algumas referências e até com inclusão do Soneto *Saudade* em algumas edições de inspecionistas brasileiros, como no *Manual de Português* de César Cunha numa antologia de Silvino Paschoa, na compilação de *Literatura Brasileira* de Omar Barbosa e recentemente em Assis Brasil no seu *Dicionário Prático de Literatura Brasileira* (Editora Tercoprint, 1979, p. 83) no já citado livro disse: escrevi essa observação que faço vale com um protesto a nível nacional, contra o silêncio que ainda resta sobre Da Costa e Silva. A nível regional pelo menos o Piauí deu seu primeiro passo com a publicação pela Revista Presença de certa informação crítica e bio-bibliográfica do poeta. Essa edição, além do valor simbólico e homenagem ao poeta, tem o efeito um grande alcance a partir da riqueza de informações nela reunidas, no futuro, pesquisas de não poderão prescindir, merecem os critérios organização, do conteúdo dos trabalhos coligados, crítica em moldes antigos e exegese revalorizadora do sentido de sua obra à luz da teoria crítica contemporânea, enfim, da seriedade com que foi lavada.

* Da Costa e Silva Filho, licenciado em Letras pela U.F.R.J., assilista, tradutor, mestre em Língua Portuguesa e Inglesa e, de Literatura Brasileira, no Rio de Janeiro.

Análise Crítica

Tentativa de uma análise semântica de "Círculo Vicioso" (Machado de Assis)

Maria do Socorro Borges Chaves*

Propusemo-nos a analisar semanticamente o soneto "Círculo Vicioso", de Machado de Assis, numa tentativa de aplicação prática da teoria semântica proposta, por Bernard Pottier. Com o objetivo de tornar clara a análise, àqueles que ainda não tiveram contato com este tipo de informação, apresentaremos, inicialmente, alguns esclarecimentos sobre a terminologia utilizada. Em seguida, partindo da mensagem que Machado nos transmitiu, desenvolveremos a análise das relações e combinações sêmicas e do processo de estruturação do texto, procurando estabelecer uma associação entre cada um destes aspectos, de modo que o plano do trabalho não segue a ordem do texto, mas a dos aspectos abordados. Ressaltamos que, por seu próprio objetivo, o trabalho é restrito e não esgota as possibilidades de análise e de aprofundamento, embora tenha sido complementado com outros procedimentos. A análise semântica estrutural constitui-se de um estudo sincrônico, através de palavras-chave, buscando suas relações com outras, dentro de um mesmo contexto. Pottier utiliza o método da descrição lexical, preocupando-se também com a semântica lexical quanto com a gramatical, igualmente significativa:



Para Pottier, o signo lingüístico se constitui, portanto, de um significante (Sa) ou forma de expressão, de um significado, forma de expressão do conteúdo (Si) ou classe sintática e de uma substância (Se) ou classe semântica.

Com relação ao Significado e ao Significante, apresenta Pottier os seguintes elementos significativos:

SIGNIFICANTE

SISTEMA (trato pelo fronte mínimo: signo) (latrão)

S. sistema (conjunto de sêmas)

Σ arquivamento (interseção de um conjunto de sêmas com o significante próprio)

C. classe sintática (conjunto de características de classe)

V. vocábulo (possibilidade de associação na língua)

SIGNIFICANTE

[O]
Língua (matéria que se caracteriza por constituir mensagens abertas)

[A] Armadilha (trato incluído que abrange vários níveis de comunicação)

[C] comportamento comunicativo

[P] presença privada

Para analisar-se a significação de uma palavra, tem-se que levar em conta a representação básica — denotação e as associações diversas — conotação. Define-se, pois, a significação de uma palavra, por traços significantes relativamente constantes e por sua situação num contexto.

Por conseguinte, três componentes sêmicos caracterizam a palavra (morfema lexical):

- 1 — Os semas específicos (semas) que distinguem os morfemas de um mesmo campo (S);
- 2 — Os semas genéricos (classemas) que indicam a inclusão do morfema numa determinada classe conceitual (C);
- 3 — Os semas virtuais (virtuemas) que correspondem a possíveis associações à sua atualização no discurso (V).

S	C
V	

= Vaca

com 4 patas, com rabo	animal.
fazenda, leite, queijo	

Um termo não se define isoladamente, mas através de sua relação com outros. Tais relações podem ser:

1. De oposição — entre uma palavra e outra do mesmo nível, que é escolhida por exclusão (relação paradigmática):
banana ≠ laranja ≠ mamão
2. De inclusão — entre um termo mais geral e inclusivo de um paradigma:
fruta C banana, laranja, mamão
3. De participação — entre um signo e um de seus semas:
limão ∩ acidez
4. De associação — entre um signo e outro que a ele se prende por vínculos psicológicos ou sociológicos:
limão ~ calor

CÍRCULO VICIOSO

Machado de Assis

Batando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
— "Quem me deu a sua tosse zozila loura estrela,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela?
Mas a estrela, fitando a luz, com dume:
— "Paravas eu copiar o transparente lume,
Que da grega coluna à gótica janela,
Contemplou, suspirosa, à frente amada e bela?"
Mas a luz, fitando o sol, quis arde-lume:
— "Miserá! tivesse eu apreia enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!"
Mas o sol, inclinando o rófia capelo:
— "Pesa me esta brilhaente aureola de nuno,
Entaçamente a azul e desmesurada umbela.
Por que não mudo eu um simples vaga-lume?"

O texto é estruturado através de um processo antropomórfico, em que os agentes são representados pelos classemas "animal" e "astro", dos substantivos: vaga-lume, estrela, lua e sol, que agem (verbos: bailar, gemer, falar, contemplar, fitar, inclinar, nascer) como homem pertencente ao classema "Humano", de quem são próprios também os sentimentos (inquietação, tísica, desejo de ser, azedume, desprezo — misera! — e peso).

Denunciando um estado de espírito mais ou menos constante na pessoa humana de todo o universo, o autor nos fala do homem através dos símbolos "animal" e "astro", para mostrar a sua desintegração com a mesmice e o seu desejo de integração com a autoridade — o ser diante de sua incompletude.

Entre a angústia de ser: vaga-lume, estrela, lua, sol e o desejo de ser, respectivamente: estrela, lua, sol e vaga-lume, estão presentes as relações de oposição:

mesmo	X diferente
grande	X pequeno
muito importante	X menos importante
muito poderoso	X mais poderoso
muito simples	X mais complexo
muito imponente	X menos imponente
muito luminoso	X pouco luminoso

Entretanto, existe em comum entre os classemas /animal/, /astro/, /homem/, o sema genérico /animado/, havendo, desta forma, um sema virtual /positivo/ (+).

A ação incide cíclicamente sobre cada um dos pacientes, substantivos: estrela, lua, sol, vaga-lume, quando cada um deles, como agentes, deseja os atributos dos outros:

vaga-lume — "loura estrela, que arde no eterno azul, como eterna vela!"

estrela — "transparente lume, que da grega coluna à gótica janela, contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela"

lua — (com) "aquela enorme, aquela claridade imortal que toda a luz resume!"

sol — "um simples vaga-lume"

A transformação semântica, atualizada no processo de humanização do animal e do astro, é constatada mediante os classemas /animado/, /humano/, /contínuo/, /concreto/, os virtúemas /positivo/ (+), /grandeza/, /simplicidade/, os semas /desejo de situação superior/, /desejo de situação inferior/, o semema /angústia de ser o que não é/ e o arquissemema /inconformidade/.

Uma possível representação gráfica do Estado, seria:

RELAÇÃO DE OPOSIÇÃO					
	LEXEMAS				
	AGENTES	ESTADOS	PACIENTES	ATRIBUÍDOS	
C CLASSEMA	/animado/ /homem/ /contínuo/ /concreto/	/animado/ /animal/ /contínuo/ /concreto/ /símbolo/ /luz, sol/ /outro/ /contínuo/ /concreto/ /animado/	/inquietado/ /triste/ /aquecido/ /submerso/	/estreito/ /luz/ /sol/ /vegetação/	/luz es- /falta estado/ /ausência/ /estado atual/ /sem o objeto/ /sol, /luz/ /partes/ /luz/ /gerente/ /ausência/ /morte/ /que /sol, /luz/ /ausência/ /simples/ /vegetação/
V VIRTUEMA	/posição/ /.../ /grande- za/ /simplicidade/				
S SEMAS	/ausência/ de situação superior/ /ausência/ de situação inferior/ /ausência/ de realização de desejo/				
S SEMEMA	/angústia/ de ser o estranho/				
ARQUISEMEMA	/in- conformidade/				
RELAÇÃO DE INCLUSÃO					

Analisando o lexema /Inconformismo/, segundo Aurélio Buarque de Holanda em Novo Dicionário da Língua Portuguesa, "Inconformismo - [Do in2 + conformidade]. 1. Procedimento ou modo de ser inconformado de quem é inconformado.", deduzimos que, por se tratar de uma palavra masculina, podemos fazer uma interpretação generalizadora. Daí entendermos a mensagem de "Círculo Vicioso" como sendo universal, ou seja, uma expressão da inconformidade de todos os homens, da angústia existencial humana.

Reforçam também esta nossa conclusão, a análise dos traços de /inconformismo/, /inanimado/, /animado/, /ausência de estado de conformidade/. A abstração é própria do homem; logo, nem os vaga-lumes nem os astros símbolos na associação da mensagem do texto, podem estar em estado de abstração. Depreendemos, pois, que o texto trata da inconformidade hu-

O traço /ausência de estado de conformidade/, inclui /ausência de situação superior/, /ausência de situação inferior/ e /ausência de realização de um desejo/, percebendo-se, assim, uma relação de inclusão entre o arquissema /inconformismo/, termo inclusivo e mais abrangente, e seus semas /ausência de situação superior/, /ausência de situação inferior/ e /ausência de realização de um desejo/ do semema /ausência de ser o que não é/. Deduzimos daí, a universalidade do inconformismo.

Além do posto acima, inferimos a universalidade da mensagem, problemática existencial do homem, transportando nos o passagens do Evangelho (Parábolas) e a outros textos através da história, tais como, o de Vieira falando aos peixes, as fábulas de Esopo e muitos outros, cujo processo (antropomórfico) permite interpretação generalizada. Por tal associação, entendemos Machado, neste texto.

Maria do Socorro Borges

Professora de
Língua Portuguesa da FUPE

BIBLIOGRAFIA

- 1 - LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. *A semântica na linguística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- 2 - AZEVEDO FILHO, Leodegário de. *Português no 2º grau*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972.
- 3 - SILVA, Mônica Rector Toledo. *Miguel Torga em novos contos da montanha (análise semântica)*. Cadernos da PUC. Rio de Janeiro, 9: 95-127.
- 4 - FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

Hotéis, os caminhos da RIMO

Até o final do próximo ano, a RIMO — Rede Integrada de Hotéis e Pousadas do Piauí — empresa vinculada à Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, espera ter colocado em funcionamento nove unidades hoteleiras em diferentes regiões do Estado, dentro da política que vem executando com apoio da Embretur.

A Rimo já construiu um hotel na cidade de Correntes, recuperou o Hotel Atalaia, em Luz Cordeiro, e instalou a Pousada do Cônego, em Oeiras, que se encontram em pleno funcionamento.

Deverão ser inauguradas até dezembro os hotéis de Pedro II e Canto do Buriti e a Pousada Velho Monge de Amacante, enquanto que novas unidades serão construídas em Miguel Alves Esperantina e São Raimundo Nonato.



Hotel Pedro II, Pedro II.

Escola de Dança já funciona no Theatro



A Escola de Dança do Theatro 4 de Setembro já está funcionando desde o dia 2 de outubro, em três turnos, com 282 alunas. Criada a partir de convênio firmado entre a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e a Secretaria de Educação, a escola se destina a atender as alunas da rede pública de ensino.

Suas diretoras são a professora de dança, Eliana de Souza, e a professora de música, Maria da Glória.

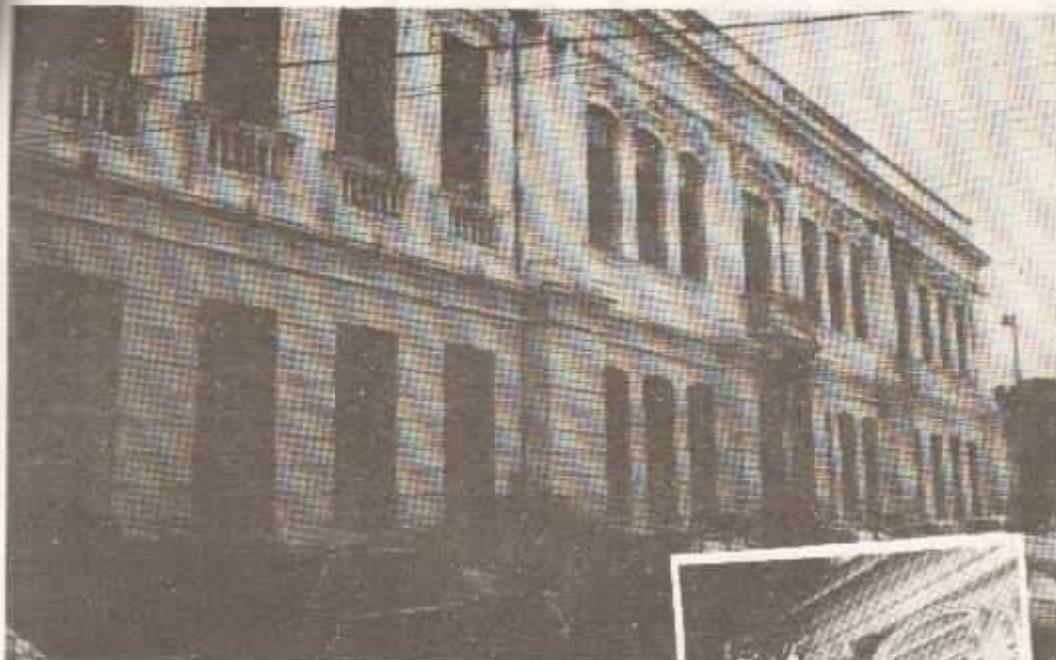
Seu quadro docente é formado por Hely Batista, Eleonora Paiva, Clarice Oliveira, Elisabeth Freitas e Ana Freitas Costa, sob a coordenação da professora Marinês Mendes Medrado.

A escola visa, entre outros objetivos, formar o corpo de dança do Theatro 4 de Setembro.



Teráreis

A reforma do antigo prédio da Escola Normal



A Escola Normal do Piauí, foi criada pela Lei nº 548, de 30 de março de 1910, e instalada a 15 de maio do mesmo ano, em prédio próprio, o que ainda hoje ali está, situado à Praça Marechal Deodoro. Sua construção é majestosa e imponente, com traços de uma arquitetura típica do estilo neo-clássico que muito se acentuou no território piauiense na primeira década de 1900.

O velho prédio muito tem a ver com o passado histórico-cultural da nossa gente, pois desde a sua construção, até 1983, por seus imensos corredores circularam milhares de jovens que no refúgio de suas amplas salas, buscavam a orientação de abnegados mestres em prol da pesquisa e dos ensinamentos de matemática, geometria, geografia e da história do Piauí, para que mais tarde pudessem galgar maiores êxitos, fazendo jus o que dela levarem.

Somente em 1910, as diferentes forças conjugadas, puderam dar a resultante que há muito tempo requeria solução. O pronto e necessário acolhimento que se fazia jus, levantou-se uníssono no

território do Estado, e o ensino "normal" estudado e mantido com a proteção da lei, pôde galgar enfim os primeiros degraus da escola do progresso.

A brilhante ideia que teve o atual prefeito de Teresina, de resgatar um prédio histórico, já mantido sob guarda do Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, bem que podia servir de exemplo às demais autoridades piauienses, de adotar um prédio histórico, restaurá-lo e adaptá-lo ao uso funcional que lhe fosse necessário. Assim estariam ao mesmo tempo realizando duas coisas importantes, a valorização e preservação do nosso acervo arquitetônico, histórico e cultural e a utilização do mesmo. No caso específico do prédio da Escola Normal, uma vez concluído os trabalhos de restauração, será transformado em sede do governo municipal de Teresina (Prefeitura de Teresina).

A proteção de um monumento histórico é feita através de um tombamento, e este por sua vez é mantido por Leis e Decretos que poderão ser de âmbito municipal, estadual e federal. O prédio do an-



tigo Escola Normal, "Antonino Freire", é tombado sob o Decreto-Lei nº 4.706, de 30.11.1981 do Governo do Estado do Piauí, cuja inscrição no livro de Tomba foi processada na mesma data do Decreto-Lei que se acha sob a guarda do Patrimônio Nacional, Histórico e Cultural, órgão da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e Fundação Cultural do Piauí.

José Elias da Brito

Educação

EDUCAR E APRENDER

Educar vem de educere (ex ducere) que significa tirar de dentro. A ação educativa é uma ajuda que uma criatura presta a outra para que esta possa tirar de dentro de si mesma suas energias interiores. Essa a razão que faz da criatura humana a única realmente educável, pois é a única que tem dentro de si, energias e potencialidades a serem desbrochadas por um trabalho de amadurecimento de dentro para fora. A colocação em maturidade dessas virtualidades internas e a radiosa criação de si mesmo, que cada criatura humana é chamada a fazer. E isto se opera através da educação que é a ajuda prestada pelos mais velhos aos mais novos, para que isso se faça melhor e mais seguramente.

Luiz Pires de Freitas*

Vale a pena insistir neste assunto, para aprofundar o conteúdo dos verbos educar e aprender não apenas no sentido etimológico, mas na elaboração doutrinária dos grandes mestres.

Notáveis considerações se acham nos grandes mestres Santo Tomás de Aquino na sua Suma e Jacques Maritain.

Santo Tomás na questão 117 da 1ª parte da Suma e em outros livros seus faz uma excelente exposição sobre a matéria.

O homem que ensina, diz Santo Tomás, presta apenas um serviço exterior, como o médico que cura. Como a natureza interior é a causa principal da cura, assim a luz interior da inteligência é a causa principal da ciência e do conhecimento.

A comparação com a medicina é bem nítida. Uma cura pode ser protegida pela própria natureza, ou seja pela reação interior do organismo. Os agentes exteriores, o médico, o remédio não curam, entram apenas como ajuda. A aquisição da ciência é algo de semelhante. Do mesmo modo como alguém pode ser curado de dois modos, ou somente pela ação da natureza ou pela ação da natureza com a ajuda do médico, tal é o duplo modo de adquirir a ciência - do aprender. Um, quando a razão natural, por si mesma, chega ao conhecimento de coisas ignoradas, outro, quando algo exterior presta ajuda à razão, ou seja pelo aprendizado. No primeiro caso se chama descoberta (inventivo) no segundo caso - aprendendo (disciplinal). Ensinar - educar é, pois, prestar uma ajuda para que a inteligência adquira a ciência. Essa ajuda pode ser prestada de dois modos: no primeiro a ajuda do mestre conlato,

em propor ao discípulo alguns auxílios ou instrumentos que a sua inteligência usa para adquirir a ciência. Isso acontece quando, por exemplo, o mestre apresenta aos discípulos proposições menos universais que, entretanto, ele pode apreciar graças aos seus conhecimentos anteriores; ou quando lhe propõe exemplos singulares, semelhantes em certos aspectos aos que a inteligência do discípulo é incapaz de perceber, mas que se fossa de uma natureza superior, mas enquanto apresenta ao discípulo a ordenação dos princípios às conclusões, ordenação essa que o discípulo poderia não ter por si mesmo a capacidade de perceber e assim, tirar de tais princípios essas conclusões.

E nesse momento que aparece ou pode aparecer a contribuição coadjuvante do mestre. Santo Tomás procura dar a medida certa do magistério humano. Ans que pretendem compará-lo com uma ação física, transmissão semelhante ao do calor que o corpo engemba por contato, um outro corpo responde que não se trata de produzir ativo, mas de suscitar ou auxiliar de luz, para que a inteligência realize, com a capacidade interior, o ato de conhecer. Aprender é um ato do discípulo. E ele que, auxiliado ou não, descobre a conquista da verdade.

Nem toda a aquisição do conhecimento é feita com o auxílio do mestre. Somente ao conhecimento obtido pelo aprendizado pode interferir a ação do magistério. No início de tudo está a inteligência, com que Deus dotou a natureza humana.

Quanto a doutrina platônica das idéias inatas, segundo a qual o ato

de conhecer consistiria num reviver da memória adormecida, ou seja, no simples trazer à clareza uma ciência preexistente, obtida pela participação de formas separadas, Santo Tomás, insiste na preciosa novidade do ato de conhecer. Não se trata de reatuação de um rescalvado de imagens combatidas pela capacidade corpórea, mas de uma verdadeira conquista, um verdadeiro acesso a novas e novas idéias.

O que dimana de tudo isso, é, por um lado a clara avaliação da nobreza humana - reduto intangível e inviolável por outro lado o poder e exigência de comunicação que torna o convívio humano uma atmosfera de serviço e reciprocidade.

Estamos numa atmosfera espelha em que o que um dá ao outro não é para torná-lo seu servo ou sob o repetido manuseio autômico, mas para torná-lo um ser livre, mais capaz de agir a seu próprio modo, com as próprias asas.

Educar é robustecer as asas do espírito para um voo corajoso, pessoal e seguro.

A escola que tem a tarefa educar, não é, não pode ser traformada em bastião da ordem estabelecida, nem tampouco arma para matar a sociedade.

O fim da educação não é a sociedade, mas o homem, ou, se quiserem, a inteligência (cf. Jacques Maritain - Pour une philosophie de l'éducation).

Prof. Adjunto do Departamento de Procedimentos de Educação - CCE - FURSP.

MARITAIN, JACQUES - Pour une philosophie de l'éducation, Fayard, Paris, 1960.

JOURNET, CHARLES - A doutrina da verdade, Editora Presença, 7.

AQUINO, TOMÁS SANTO - Suma Teológica, 1ª parte.

PRADO, DOM LOURENÇO DE ALMEIDA - Educação para a Democracia - 1ª

Nova Fronteira - Rio de Janeiro, 1984.

POEMAS

DA COSTA E SILVA

EDIÇÃO COMEMORATIVA
DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO
DO POETA MAIOR DO PIAUÍ.



HINO DO PIAUÍ

Salve terra que ao céu arrebatas
Nossas almas nos dors que possuis
A esperança nos verdes das matas,
A saudade nas serras azuis!

Coro

Piauí terra querida
Filha do Sol do Equador,
Pertencem-te a nossa vida,
Nosso sonho, nosso amor!
As águas do Parnaíba,
Rio abaixo, rio arriba,
Espalham pelo sertão
E levam pelas quebradas,
Pelas várzeas e chapadas,
Teu canto de exaltação.

Desbravando-te os campos distantes
Na missão do trabalho e da paz,
A aventura da dois bendeirantes
A semente da pátria nos traz.

Sob um céu de imortal claridade
Nosso sangue venemos por ti;
Vendo a pátria pedir liberdade,
O primeiro que luta é o Piauí.

Possas tu no trabalho fecundo
E com fé, fazer sempre melhor
Para que no concerto do mundo
O Brasil seja ainda maior.

Possas tu conservando a pureza
Do teu povo leal progredir
Envolvido na mesma grandeza
O passado, o presente e o porvir!

(Música: Firmina Sobreira)

AMARANTE

A minha terra é um céu, se há um céu sobre a terra.
E um céu sob outro céu do limpo e tão branco,
Que eterno tempo azul parece com o céu azul.
Sobre o vale natal, que o céu à luz obscurece...

Que encanto natural o teu respeito encerra!
Junto à paisagem verde, a igreja branca, a bandeira,
Do castel, que se viu, pouco a pouco, surgindo
Com o noventa por cento substituído da terra...

Com o teu povo feito, que ri das próprias tragédias,
Entre os três rios, lembra uma fra, surge a vida,
A cidade sorrindo aos deuses das águas.

Fazê para se viver, com a grande gratia que eu tenho!
Tanta madeiro o tempo e da vida escuro senta
Nas palmas de gelado e os dois tempos de um tempo!

A MOENDA

Nas rematadas pedras de ruína tuando,
A luz quente do sol e a luz do luar,
Vão, como a espar uma culpa venendo,
O engenho de madeira a girar e a girar...

Moída a longa ruína, a ruína moída,
E, pingando a ruína, a ruína moída,
Fazem que tem vida, dávida e devendo
A ruína, e não, o mal que vai, talvez talvez...

Moída para não, todos e todos,
Gente, como a ruína, em ruína moída,
Que as devendas por se sabe as todos de vir...

Ai! que tua ruína, Ai! moída ruína,
- Ruína! para ruína de sempre de vida
E ruína, sabe Deus, um ruína moída!

SAUDADE

Saudade! Olha de minha mãe ruína,
É o primo tanto de ruína em ruína...
Saudade! Amor de minha terra... O rio
Cantiga de águas claras ruína.

Hoje de junho... O rubens com fio,
Ao luar, sobre o ruína, ruína, ruína...
E, ao vento, as ruínas ruína ruína
A saudade ruína de um sol de ruína.

Saudade! Ave do dor do ruína,
Gêmeas, ruínas de ruína, ruína...
As ruínas de ruína sobre a ruína.

Saudade! O ruína - ruína ruína
As ruínas brancas ruína... E, ao longe,
O ruína de ruína de ruína ruína.



EDITORA
HUGO NADOLEÃO
PIAUÍ ATORA

Secretaria de Cultura, (Des.) e Turfano
JESUALDO CAVALCANTI BARRÓS

Secretaria de Educação
JOSÉ RAIMUNDO DE A. CARVALHO

Prefeita Municipal de Amarante
FRANCISCO CÂMARA

O ABOIO

O aboi! ruína em ruína de ruína,
Surge a luz de ruína, sobre a ruína,
Nas ruínas, nas ruínas de ruína, ruína,
Pelo tempo, pelo tempo de ruína.

A ruína, ruína de ruína, ruína,
Vem ruína de ruína, ruína de ruína,
Em ruína, ruína de ruína,
Nas ruínas de ruína, ruína de ruína.

Mas, ruína de ruína de ruína,
No ruína, ruína de ruína, ruína,
Parece ruína de ruína, ruína.

Que ruína de ruína de ruína,
Volta a ruína de ruína, ruína de ruína,
Vem ruína de ruína de ruína, ruína.

REISADO DO PIAUI



Reisado do Piauí

Noé Mendes de Oliveira

O Reisado constitui um dos folguedos populares mais difundidos no Brasil. Reis, Folia de Reis, Boi de Reis, ou simplesmente Reizado, são as várias denominações daqueles grupos de músicos, cantores e dançadores que vão de porta em porta no período de 25 de dezembro a 06 de janeiro. Eles anunciam a chegada do Messias e homenageiam os três Reis Magos.

A tradição do Reisado é nitidamente ibérica. Os portugueses trouxeram para o Brasil o costume dos grupos janalratros e reiseiros, que saíam às ruas pedindo que se lhes abrissem as portas e recebessem a Boa Nova do nascimento de Cristo. Os donos da casa pagavam com dinheiro e alimentos a gentileza da música e das danças. Esta tradição se manteve até hoje. Na-

turalmente, as peculiaridades de cada região e outras circunstâncias motivaram modificações e até mesmo uma recriação destes folguedos.

No Piauí, a incidência do Reisado é notável. Cada grupo se apresenta com características próprias, modificando ou acrescentando personagens. Basicamente, o Reisado piaulense é composto de vários "carutas" (de 2 a 6). São mascarados vestidos de palha, que dão a nota de comicidade e rebolço à brincadeira. Eles dançam, cantam eim voz rouca, mexem com todo mundo. Uma orquestra de viola, rebeca, banjo ou violão, sanfona e pandeiro, surdo e reco-reco acompanham a apresentação de cada personagem: da Cigana, da Burrinha, do Jaraguá, da Capora, do Casal de Velhos, do Cabeça de Fojjo, da Ema, da Arara, da Piaba, do Boi e de outros, conforme o grupo. Um pequeno coro acompanha a orquestra, cantando as músicas próprias de cada perso-

nagem. Estas vão se sucedendo sem nenhuma ligação uma com as outras. É uma sequência de apresentações surpreendentes, cômicas e ao mesmo tempo líricas, e de o surrealismo e a ingenuidade se misturam a um nítido substrato mitológico. Os cantos de chegada e de despedida são, talvez, as mais belas criações do nosso cancionário folclórico.

Em Teresina, é afamado o Reisado do Mestre Severo. Este já apresentou o Piauí em vários festivais. É composto de 25 personagens, entre os quais se destacam as figuras dos três Santos Reis. São para estes as homenagens e danças, dos cantos e de uma grande procissão no dia seis de janeiro. É o cumprimento de uma promessa que passará de geração em geração.

Aqui está uma pequena amostra do que é o Reisado do Piauí: Reisado do Mestre Severo.

Professor da UFPI e pesquisador de Cultura Popular brasileira

IX Encontro de Folguedos do Piauí

Mais de 200 mil pessoas foram à Praia durante o IX Encontro de Folguedos do Piauí, realizado no período de 13 a 16 de junho, com a participação de 95 grupos folclóricos, tanto da Capital como de outras partes do Estado. Nunca uma promoção conseguiu atrair tanta gente.

Promovida pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, o Encontro de Folguedos do Piauí já se transformou na maior festa popular do Estado e seus organizadores estão trabalhando no sentido de que a promoção ganhe caráter nacional, tal o interesse que tem despertado e o sucesso que vem alcançando nos últimos anos.

FESTA DO POVO

Aberto oficialmente às 20 horas do dia 13 pelo Governador Hugo Napoleão e pelo Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jerônimo Cavalcanti Barros, o IX Encontro de Folguedos do Piauí começou a atrair gente para a Praia logo cedo e no início da noite mais a área já estava completamente lotada. Os cálculos iniciais

Fatos & Notícias



Governador Hugo Napoleão e Secretário Jerônimo Cavalcanti



Marcha de Campo Maior



Banda de São Gonçalo



As Pastreiras

estimam de que 120 mil pessoas compareceriam às festas, mas estes números foram superados logo nas duas primeiras noites.

Durante os quatro dias de folguedos populares, os teresinenses participaram das manifestações mais legítimas da nossa cultura: o nosso piano, reisado, bambas-boi, marujada, quadrilhas,

Toda a área da Praia, nas imediações do Centro Administrativo, foi tomada pelas barracas e estrados. Não faltou o "pau de sebo" que, a exemplo dos anos anteriores, foi um dos grandes sucessos do encontro.

Nove municípios, incluindo Teresina, participaram do evento, que reuniu os mais autênticos gru-

pos folclóricos existentes no Estado, entre eles o formado pela comunidade negra do "Mimbó", localidade de Amarante.

O "Forró da Maria Izabé", montado na quadra de esportes da Praia, não conseguiu funcionar as quatro noites completamente lotado. No último dia a festa foi até o amanhecer, porque o povo não queria sair.

Fatos & Notícias

III Encontro Cultural de Amarante



A comunidade amarantina participou intensamente do III Encontro Cultural de Amarante, realizado no período de 21 a 28 de julho, numa promoção da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e Prefeitura Municipal, com o apoio da Sadeam, Fundação Universidade Federal do Piauí e Fundação Roberto Marinho.

ONZE CURSOS

A programação do III Encontro Cultural de Amarante foi organiza-

da de modo a envolver a maior parcela possível da comunidade amarantina.

Durante a semana foram ministrados 11 cursos: confecção de peças em cerâmica, desenho artístico e técnico, trabalhos em fibras e palhas, oficina de teatro, dança moderna, GRD, literatura piauiense, recreação e arbitragem, entre outros.

Na "Casa Odilon Nunes", recentemente restaurada pelo Governo do Estado e que hoje abriga o Centro Cultural de Amarante, fo-

ram desenvolvidas várias atividades, entre elas a exibição dos filmes "Oceiros - Tradição e Fé", "Folgedos do Piauí" e "Paço de Amarante", produzidos pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

Atada na "Casa Odilon Nunes", o Presidente da Academia Piauiense de Letras, professor A Tito Filho, fez palestra sobre "Definição e periodização da literatura piauiense" e o professor Alcide Filho falou sobre a "Poiesis ecológica de Da Costa e Silva".

PARA SEU CONTROLE

Designe este controle e guarde

cheque n°
Banco
data / /

PRESENÇA

FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ
Pós. Marechal Deodoro, 860
Fone: 225-4657
CEP. 64.000 - Teresina - Piauí

PEDIDO DE ASSINATURA

PRESENÇA

SIM, Desejo fazer uma assinatura da revista PRESENÇA pelo período de 1 ano no valor de Cr\$ 12.000,00

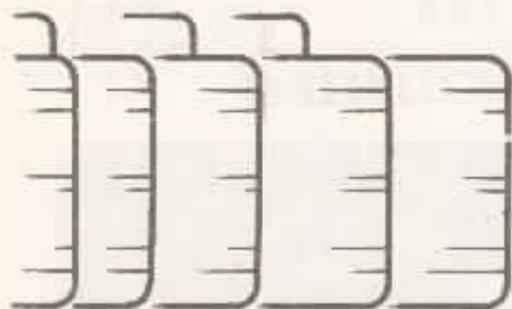
Anexo cheque n°
do Banco
a favor da FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ
Av. Miguel Rosa, 3.300 - sul Teresina - Piauí.
CEP. 64.000

Nome _____
Endereço _____ CEP _____
Cidade _____ Estado _____ Tel. _____
Ramo de atividade _____
Local _____ data _____ assinatura _____

HUMOR

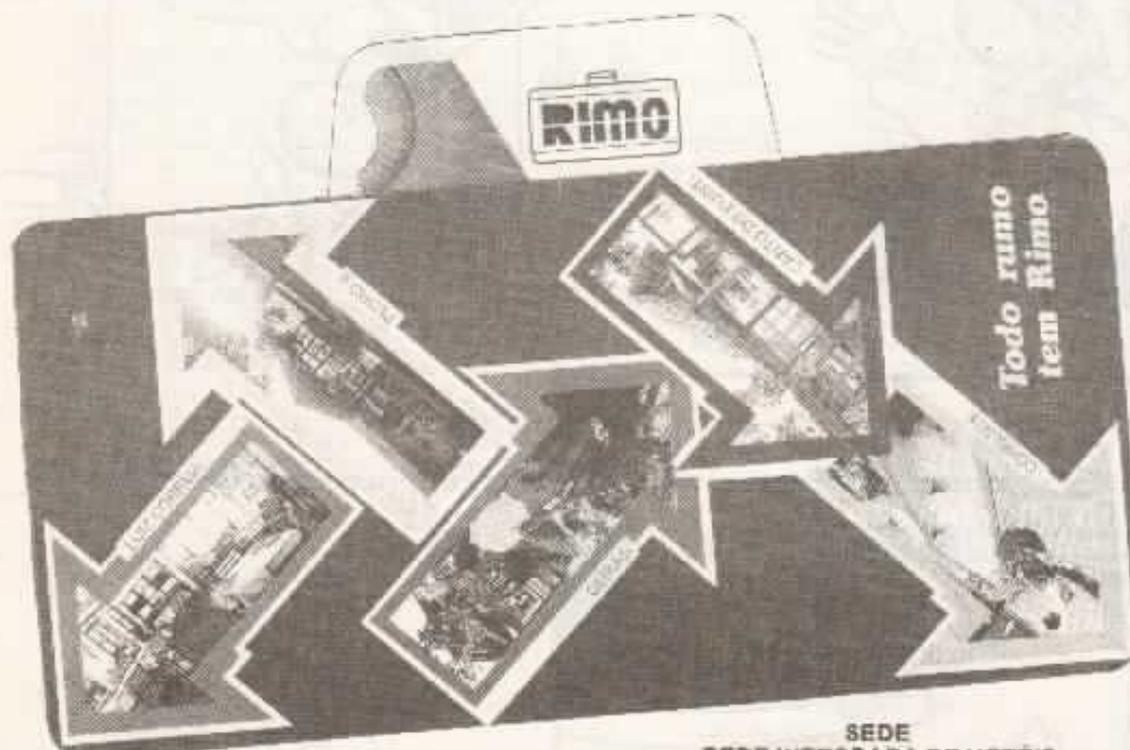
Paulo Dautz APRESENTA
RAPUNKZEL





**Ritmo de descanso
na rota da pousada.**

VOCE NA DE AVIÃO,
AUTOMÓVEL, TREM OU ÔNIBUS
AS POUSADAS ESTÃO LOCALIZADAS
EM CIDADES COM DDD, ESTRADAS
E ALTAÇADAS, HOSPITAIS E AERÓPORTO.
A RIMO É UMA REDE ESPECIALIZADA
EM DESCANSO E LAZER.

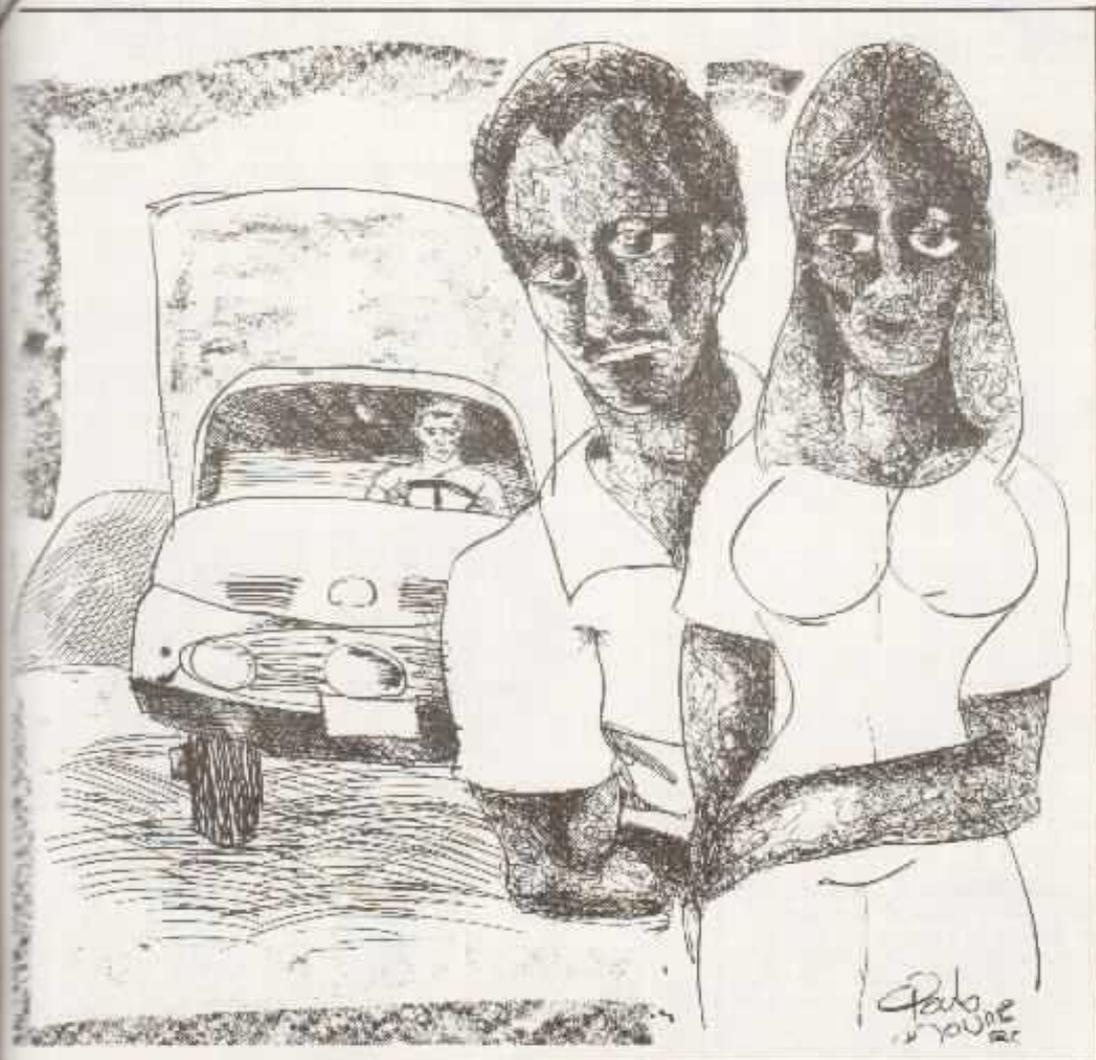


SEDE
REDE INTEGRADA DE HOTÉIS
E POUSADAS DO PIAUÍ S/A — RIMO.
Praça Marechal Deodoro, nº 790
Fones: 223-3100 e 223-5038

REDE DE HOTÉIS E POUSADAS DO PIAUÍ - VINCULADA À SECRETARIA DE CULTURA, ESPORTES E TURISMO - GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ

Conto NO ALTO DA IBIAPABA

José Ribamar Garcia



O largo amplo circulado de casacas. No centro, o posto de gasolina sob o galpão alto de zinco. Adiante, a alfândega e a balança ao nível do solo, onde detinham os autos mercaria para vistoria. Fila de caminhões aguardando vez. E os guardas, na maior calma, mandavam arcos lona, reviravam mercadorias, peça por peça, checando, conferindo tudo. Apresentavam serviços ansiosos para encontrarem irregularidades, ou algum contrabando. Casa de pouco tempo, descobriram

dentro dum estape pelas de gato maracajá. O minorista protestou, não sabia de nada, não tinha culpa. Prendêram o homem. Notícia zarpou, confirmando a fama de perdigueiros daqueles rodoviários. Seguindo, já na saída, a pensão levando o nome São Cristóvão, barrado, na fachada descascada da casa. Cozinha simples, caseira. Ponto de encontro dos carreteiros, das conversas mirabolantes, da interação. E onde as garçonetes, de modos graciosos, ofereciam ao freguês atendi-

mento que se vêm lá meses. Ali, no cima, o cama era ameno, apesar do sol queimante. Quando a noite chegava trazia com ele o nevoeiro, que cobria todo o chão, lizo o lugar mais alto da serra, Serra de Ibiapaba, limitando a Serra do Piauí. Serra das curvas perigosas, traiçoeiras. Curva da morte, das almas, do trampolim da chuva e outras, justificando o apelido a reputação. Em algumas delas, havia cruzes de madeira assinalando as mortes nos acidentes.

Há três dias, que pareciam dez, encontrava-se naquela rede de varandas largas, mantendo o pé esquerdo sobre o tamborete. Este se pouco inclinado o irritava, tanto quanto a dor latejante. Cebola apodrecia, prazo de entrega expirava. E ele imóvel, atado, que nem mulher de resguardo. Se culpava. Tudo por descuido seu. Tivesse recorrido ao borracheiro nada daquilo teria sucedido. Estava, àquelas horas, longe e liberto da carga.

— Saudade de casa?

— Também, mais preocupado com a carga.

— Pra onde você vai?

— Teresina.

Serranos simpáticos, hospitalares. A moça dos olhos miúdos, sempre ao lado, prestativa, atenciosa. Foi quem estancou o sangue do corte, utilizando barra de café.

— Porque não dorme um pouco?

— Não consigo, essa dor não pára nunca.

— Vou fazer um curativo.

— Como se chama?

— Lucimar.

Num instante, estava limpando e ferido, sem ligar para o cheiro podre que exalava. Irreconhecível seu pé — preto, redondo.

Dói?

— Indojava e ia ao cumprir a pele, expulsando o pus.

— Um boiade.

Depois do asseio, o alívio foi instantâneo. Alguém lhe disse que foi obra do destino. Não acreditava. As pessoas costumam culpar o destino pelo que lhes acontece. Pensava o contrário. Se a vida dele era atrelada, não volante, cruzando estradas, serras, sertões, naturalmente, os riscos no seu caminho eram maiores. Por isso não podia vacilar. E estava nessa displicência, quando adormeceu.

Tinha acabado de abastecer o carro e se encaminhava para a fila da vistoria, quando notou o volante puxando pelos lados. Parou e viu o pneu traseiro externo vazio. Ao trocê-lo, subiu na chave para poder, com seu peso, desatarraxar os parafusos. Mas, desequilibrou-se, e a chave despençou em cima do pé esquerdo, abrindo um talho profundo. A dor foi tanta que desmaiou.

— Como vai o pé?

— Perguntou ao entrar no quarto, levando-lhe o café.

— Bem melhor.

— Você já quase sorrido e é homem ir caminhando.

Apoiado no ombro dela foi até ao carro. O pneu estava trocado e a carga liberada pelas guardas. Ela providenciara tudo. Na porta ficou ouvindo o dono da casa.

— Isto aqui é muito tranquilo.

— Já fui moço, num fim de semana?

— Respondeu o anfitrião, virando-se para o companheiro com quem confabulava. E prosseguiu:

— A vida aqui é braba. A gente pega na ensada do raiá e se esconde do sol e nunca tem comprador pras coisas que planta. Na Vila ninguém tem dinheiro e a gente vorta de lá com tudo no lombo do animal. De primeiro a serra era pior, até Lucimar nascer dava caça na porta de casa. Depois com esse mundo-rêu de carros zunido pra riba e pra baixo num ficou um bicho, tá caça nenhuma tá sumindo.

O homem ao lado concordou e entrou na conversa:

— A serra era tão escondida, que tá Lampião fazia dela seu terreiro.

O sol arrostou o nevoeiro. Do que aproveitou para andar, exercitar o pé. Lá de baixo, não fazia idéia da extensão do lugar. Havia água represada da chuva por toda parte. Pequenos lagos, onde se lavava banho e se lavava roupa. Pelas encostas desciam as lavouzas de milho, de mandioca.

— Tá vendo a igrejainha?

— Avistou distante parte da torre e alguns telhados. Era a Vila.

— Foi lá que me botizei.

Completou Lucimar, ajeitando os cabelos que o vento revolvia.

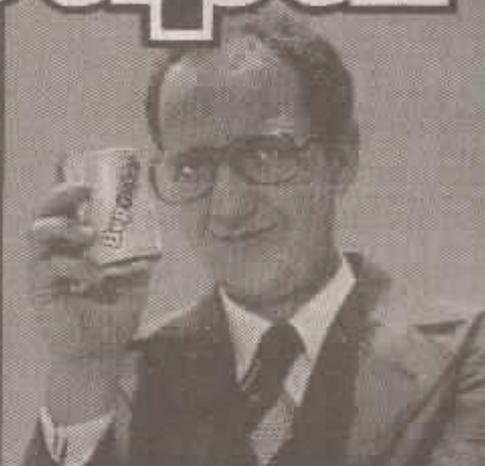
A noite veio com a friagem, cerração entrava pelas frestas, janela do quarto. No chão, junto parede, a lamparina de querosene e, ao redor dela, circulavam alguns insetos atraídos pela chama. De vez em vez, um deles se descuidava, tal como ele ao mudar o pneu — e queimava, caindo torrado. Observava aquele quadro, quando a pot rangiu, cedendo devagarinho. E Lucimar, sorrateiramente, E parte dos dedos se aproximou até rede, onde se inclinou sobre e abraçando-o. Esqueceu o pé, preocupações. Lucimar, dos olhos miúdos, cor do mar. Aquela no foi um relâmpago. Ao clarear, ela ratriou e, em seguida, ele foi para caminhão, ainda capegando. Oul vez a estrada.

O autor: Nascido em Teresina, vive no Rio de Janeiro, onde escreve romances, crônicas e conto. Livro publicado: "Inocência da Cidade Velha" e "Cavaleiros da Noite".



ABRA SUA

Bepoupar



A maneira nossa de fazer poupança



Lima Rebelo

Piauí comemora centenário de Lima Rebelo

O centenário do nascimento do educador piauiense José Pires de Lima Rebelo foi comemorado na cidade de Parisópolis, no período de 24 a 26 de setembro, contando com a presença do governador Hugo Napoleão de secretário de Cultura,

ra, Desportos e Turismo; deputado Joséildo Cavalcanti, o do presidente do Conselho Estadual de Cultura, professor Benjamim do Rêgo Monteiro Neto.

A programação comemorativa foi organizada pela Academia Paripabaense de Letras, que realizou sessão especial em homenagem ao educador, oportunidade em que falaram sobre a vida e a obra de Lima Rebelo o acadêmico José P. Brito de Carvalho, os filhos do homenageado — Gostho e Manoel Pires Rebelo — e o governador Hugo Napoleão.

A programação contou, ainda, de mais, visita à antiga residência de Lima Rebelo, visita ao museu da família e exposição de placa comemorativa ao centenário, no Centro Cívico de Parisópolis.

Associação de comemoração, a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo lançou, através do Projeto Patrão Postella, o livro "Lima Rebelo — O Homem e a Substância" de A. Tito Filho.

ÁLVARO PACHECO



Álvaro Pacheco recebe a Medalha de Mérito Renasença no grau Comendador.

O escritor e jornalista Álvaro Pacheco — piauiense de raízes, residente no Rio de Janeiro desde 1949 — recebeu na noite do dia 2 de agosto, em solenidade realizada no Palácio de Karnak e presidida pelo Governador Hugo Napo-

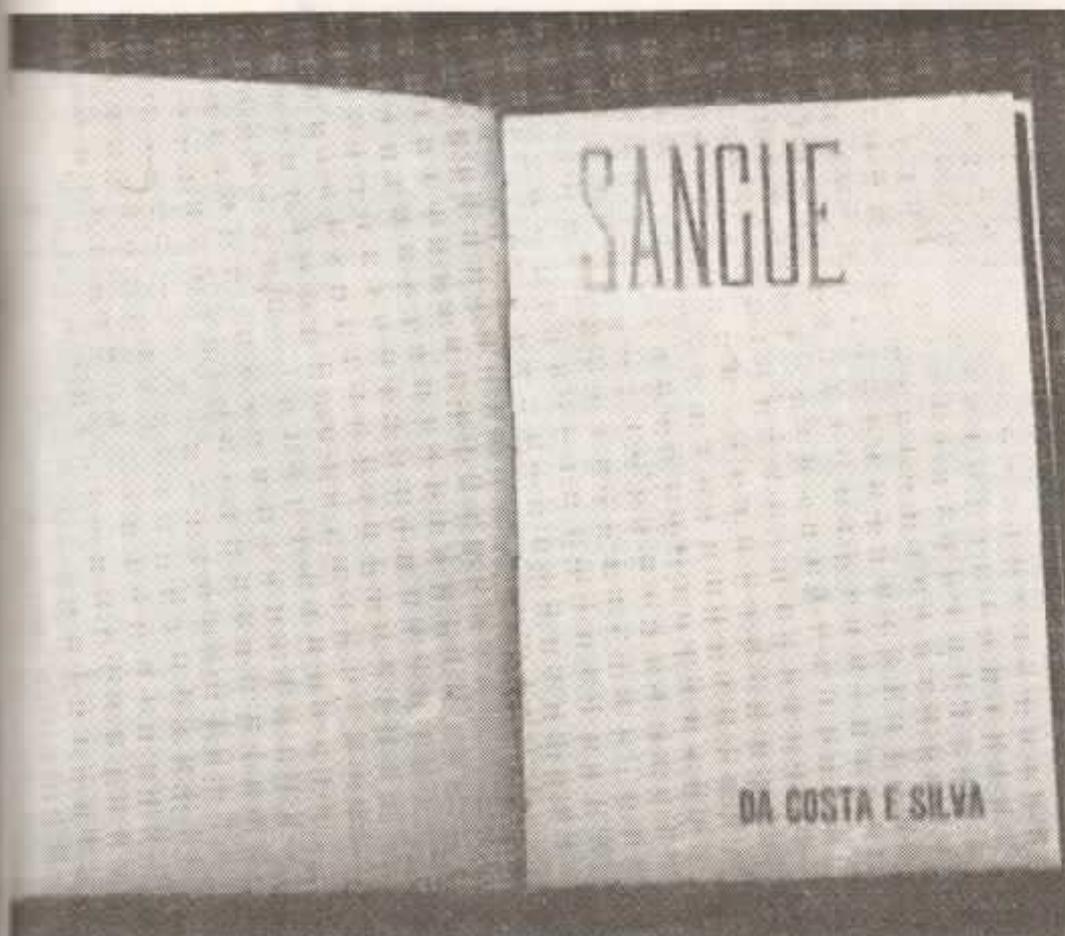
leão, a Medalha do Mérito Renasença no grau de Comendador, outorgada pelo Governo do Estado.

A solenidade, altamente concorrida, contou com a presença de diversas autoridades, entre elas o

ministro da Cultura, Aluísio Pimental, o coronel Albenico Barroso Alves, representante pessoal do presidente José Sarney; dos escritores Rubem Fonseca, Rubem Braga, João Condé e Carlos Castello Branco.

Literatura

SANGUE: A imagem da mulher e a representação do desejo



Maria do Socorro Neiva
Nunes do Rego

A poesia simbolista substitui o tema da mulher estátua/mífige pela presença constante na poesia memorialista pela figura da amada morta, da mulher enclausurada e da bela adormecida.

Não existe mais, assim, a mulher da mulher angrústica, amadora, devoradora. Mas continua a mulher-objeto amado. O esvaziamento, a imobilidade, o distanciamento permeiam os poemas, falando com que a mulher continue a ser um objeto idealizado.

Em SANGUE, primeiro livro de Da Costa e Silva, convive lado a lado a temática da mulher estátua/mífige com a da amada morta, da mulher prisioneira e da bela adormecida.

Para a primeira temática são selecionados os poemas "Sorum Doloris", "Post Mortem", "Musa Imperpetuel" e "Turris Eburnea"¹.

"Sorum Doloris" apresenta a mulher como "triste violeta do Herão da Amargura". Segundo Chevalier e Gherbrant, a violeta é a cor da temperança, do equilíbrio entre o espírito e a matéria.² Daí os versos "linhas violetas: bíblicas, seguras".

O livro também convive com os temas tradicionais, se faz presente no poema

"Filo cadêncio dos cardeais, te-
rentes".

O livro também convive, é ainda como de pitzeza, de melancolia, de angústia. Quando o livro se relaciona com amor, utilizamos, além da temática já citada, Na tradição bíblica o "filo" é símbolo de elegância.³

Atmosfera de desejo permeia a grande poema, "Musa Imperpetuel". Há uma sacralização da eternidade da mulher.

"Apresenta a vida da natureza,
L'incendiando las suboes serenas.
Pelos sete parais das tuas pernas
Defenda do amor que te precede."

O numeral sete simboliza a totalidade da ordem moral, o número do homem perfeito. 14) Daí a mulher ser defendida do amor carnal por sete parais.

O soneto é rico em imagens vegetais. Referindo-se à mulher aparece "triste violeta", "sacoto idem" dos açucenas", lírio exilado", uma flor "Gemosálpala". Mas elas não se ligam à vida, à vitalidade, configuram o que Affonso Romano denomina de "candia vegetal da morte". 15)

No primeiro e segundo tercetos, o poeta retoma a idéia de tristeza provocada pelo emalheamento, e que já havia sido anunciada no primeiro quarteto, quando o convento é apresentado como "Horta da Amargura".

"Dentro das névoas opacas da meu sonho,
O teu perfil, murmurando melancolia,
Branco, amarelado, à sombra do cipar."

Como normalmente ocorre com outros simbolistas, verifica-se que o poeta não deixa a vida do claustro, a vida mística. Retrata, contudo, o drama entre o espiritual e o carnal. Inclusive, a sublimação baseada pelas freiras parece não lhes trazer a paz, uma vez que, no soneto, permanece a idéia de melancolia, de tristeza.

Em "Post Mortem" e "Musa Impercrevel" se faz presente a noção do sepulcro, ligada àquele encontro, mas também nas narrativas medievais e românticas. Nestes dois sonetos aparecem as imagens com que os simbolistas costumam representar a amada morta: Mulher cavada, mulher ressuscitada.

O espaço cantado é o da cova, visto como palácio e como berço.

Faz-me lembrar, ó Sítio desolado,
Uma flor garrucha, plantada
No jardim de um convento, ao pé do túmulo.

"... E a vida, dentro do palácio da Cova".
(Post Mortem)

"Quando ao berço final das Sete Palmeas
Faram lávã, me virpelo e morde".
(Musa Impercrevel)

O verme, que alguns vêem como um duplo do homem, aparece ao do corpo da amada: em "Post Mortem", a divora suas carnes, o que seria uma espécie de canibalismo. 16)

"O olho fito e morto, a inclemência do Verme
Ao roer-te a carne em fio, ou l'fúria epiléptica."

O verme aparece em todas as lendas como o símbolo da transição da terra à luz, da morte à vida. 17)

A celebração do amor não se dá, em "Musa Impercrevel", pelo único carnal dos amantes, mas pela sublimação. "A sublimação de uma pulsão implica que este possa satisfazer-se com objetos de substituição e também que uma satisfação imaginária ou simbólica possa igualar uma satisfação real." 18) No soneto a união dos corpos é substituída pela esperança de uma união das almas. O renascimento trará, portanto, no plano ideal a possibilidade de realização de um desejo interdito, no plano real.

"E, se desce de tudo isto, porque então
Teu alma na minha alma eu já sentia,
Nos ilhos de luz de uma outra vida."

A ênfase na possibilidade de uma união em outra vida sugere nos também a idéia de impossibilidade de aceitação da morte como um limite.

A sublimação traz como consequência a transformação do negativo em positivo, do baixo em elevado. A esperança de uma união das almas possibilita ao poeta atingir "ilhos de luz". Os psicólogos e analistas costumam ligar as imagens luminosas à ascensão, a um sentimento de euforia. A luz simbolizaria, assim, o desluzir de um ser pela sua elevação. É de Bachmann a afirmação: "é a mesma operação do espírito humano que nos leva em directo à Luz e à altura." 19)

Ainda podemos destacar, neste nosso estudo, a recorrência do poeta a uma outra imagem de mulher, também ligada pelos simbolistas — a do beijo adormecido. É o que encontramos em "Turris Ebúrnea".

"Dentro assim, Fátima adormecida,
Presse do sonho, a nuque aos possedidos,
Uma cidade ligada, construída
Por sobre o rio de ouro das cubulas."

O amante, diante da amada que dorme e que também se encontra prisioneira, se desluzbra.

"Julgo-te a excelso Terra Prometida"

No universo metafórico simbolista a imagem da torre se destaca. Neste soneto ela apresenta uma configuração erótica.

"Rançim de esta, praçotes e receitas
Solta a alvura das pernas nos teus ossos
Onde bazila a strada Prezada."

Compara-se, assim, a afirmação a que Affonso Romano faz referência: "Jung, estudando o culto da alma e o culto da mulher, pondera que o atributo "vbrneo" da torre é da individual natureza erótica, quando se refere à cor e textura da pele."

Paralelamente, na poesia simbolista, as marcas que, na poesia parnasiana, evidenciaram a interdição do objeto amado ao sujeito. Mas as representações são diferentes. Opõe-se à estética plástica do parnasianismo a estética simbólica que poderia continuar com a imagem da estátua/esfinge. Da Costa e Silva, em alguns dos poemas de Sérgio, substitui, portanto, a realidade pelo símbolo, que vai assinalar a ausência "in presentia" da mulher a amada está morta, no convento ou presa ao sonho.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) COSTA E SILVA, António Francisco de. *Poesias completas*. Coimbra, Rio de Janeiro, 1975, p. 97, 98, 99, 98.
- 2) CHEVALIER, Jean e GERRANT, Alain. *Dictionnaire des Symboles*. Seix, Paris, 1974, vol. I, Pt. 4 Z, p. 298.
- 3) *Ibidem*, vol. III A Pt. 6, p. 135, 137.
- 4) *Ibidem*, vol. III A Z, p. 370.
- 5) SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O canibalismo amargo*. Braklenow, São Paulo, 1984, p. 100.
- 6) *Ibidem*, p. 126.
- 7) CHEVALIER, Jean e GERRANT, Alain. *Op. cit.*, vol. III A Z, p. 371.
- 8) BRADANT, Georges-François. *Para um enobrecimento do psicanálise*. Tradução portuguesa de Eduardo Pereira. Assírio & Alvim, Lisboa, 1973, p. 64.
- 9) RUSAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Seixes, Paris, 1969, p. 163.
- 10) SANT'ANNA, Affonso Romano. *Op. cit.*, p. 172.

(*) Professor de Literatura Portuguesa da UFPA.

Panorâmica da obra de Guimarães Rosa

*Fabiano de Cristo Rios Nogueira

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo (MG), a 27 de junho de 1908 e passou sua infância na terra natal. E, segundo o dicionarista Raimundo de Menezes, aprendendo as primeiras letras com mestre Candinho e o francês com o frade franciscano frei Estêves, o mento Guimarães Rosa, demonstrando o excelente aluno que era, logo aos 6 anos de idade leu o primeiro livro de francês (1). Tal fato é, portanto, o prenúncio de que viria a acontecer posteriormente, visto que a predileção desde criança pelo estudo das línguas, feita com que Guimarães Rosa viesse a conhecer holandês, francês, inglês, alemão, russo, grego, latim, sueco e japonês. Este conhecimento de vários idiomas será de vital importância para os investimentos de linguagem que viriam constar de sua obra.

Se quiséssemos ater-nos ao apeio de Guimarães Rosa, não continuamente levantando os dados biográficos desse frutífero da palavra, porque é ele mesmo quem o pede ao conceder uma entrevista, em 1965, a Gunter Lorenz, na qual se apresenta "meio gente, meio ficção": "Que nasci no ano de 1908, você já sabe. Você não deveria me pedir mais dados numéricos. Minha biografia, sobretudo minha biografia literária, não deveria ser crujificada em anos. As aventuras não têm tempo, não têm princípio nem fim. E meus livros são aventuras, para mim são minha maior aventura. Experimentando descubro sempre um novo pedaço de infinito. Vivo no infinito, momento não conta. Vou lhe revelar um segredo: creio já ter vivido uma vez. Nesta vida também fui brasileiro e me chamava João Guimarães Rosa. Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. O crocodilo vem no mundo como um "trajetista" de metafísica, pois para ele cada rio é um oceano, um mar de sabedoria, mesmo que chegue a tar cem anos de idade. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vazios e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens. Amo ainda uma coisa dos nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade. A estas alturas, você já deve estar me considerando um leu ou um charlatão" (2).

As transcritmos toda esta autobiografia de Guimarães Rosa, obtivávamos mostrar segundo a

perspectiva do próprio Autor, a importância do rio em sua obra, com o objetivo de delinearmos uma trilha de pesquisa para a produção literária do Autor.

Entretanto, onde o Autor de **Grande Sertão: Veredas** se autodefine meio gente, meio ficção é, principalmente, em outro trecho da mesma entrevista, no qual ele afirma: "As vezes, quase acredito que eu mesmo, João, seja um conto contado por mim" (3).

Em 1918, Guimarães Rosa passa a residir e estudar em Belo Horizonte até ingressar na Faculdade de Medicina, mas, felizmente, os anos dedicados à Medicina não lhe roubaram o interesse pela literatura. Assim, no dia 07 de dezembro de 1929 publicou no nº 57 da revista "O Cruzeiro" o seu conto de estréia, "O Mistério de Higmote Hall".

A partir de então, segundo ainda o crítico literário Nilo Scalon: "Guimarães Rosa operou uma revolução estética de grande significado na prosa de ficção brasileira. Com ele, a prosa de ficção deixa de ser uma forma de linguagem acomodada à realidade circundante, porque a própria realidade passa a ser o resultado de uma forma de linguagem. Para pôr em relevo esse modo de significação estética, Guimarães Rosa renova a expressão, fazendo uso das vertentes arcaicas da linguagem popular e das pesquisas realizadas em seu gabinete de trabalho" (4).

A constatação de que Guimarães Rosa revolucionou a estética literária brasileira, pode ser realizada através da leitura e da análise da sua produção literária, composta das seguintes obras:

1. **MAGMA** — coletânea de poemas que, em 1936, rece-

beu um prêmio da Academia Brasileira de Letras e os elogios do poeta Guilherme de Almeida. A obra permaneceu inédita.

2. **SAGARANA** — esta é seu primeiro livro a ter publicado em 1946, mesmo ano em que é nomeado chefe de gabinete do ministro João Neves de Fontoura. Esta obra resulta de um volume intitulado *Contos*, com o qual, em 1937, sob o pseudônimo de Viator — (um latim, o vizandote), Guimarães Rosa concorreu ao prêmio Humberto de Campos. *Sagarana* é um livro motivado pela paisagem mineira, pela vida das fazendas, pela saga dos vaqueiros e dos criadores de gado — mundo de sua infância e de sua mocidade.

O livro de estréia de Guimarães Rosa já indicava a singularidade da sua produção literária que só passaria a alcançar verdadeira repercussão a partir da década de 50, principalmente, pela publicação de **Grande Sertão: Veredas** e **Corpo de Baile**. Entretanto, *Sagarana* já movimentou o meio literário da época, pelo aprofundamento das coisas e dos seres e motiva o seguinte comentário do mestre Massena Moisés: "Mesmo em *Sagarana* onde a linguagem é mais decorativa que a dos livros posteriores, já se nota um sentido de aprofundamento das coisas e dos seres e um uso experimental do idioma que se opõem, de certa forma, aos escritores mais característicos da prosa regionalista, tentando a superar tanto o mero pitoresco quanto o realismo documental" (5).

Assimilando o comentário sobre o livro de estréia de Guimarães Rosa acrescentamos: Sagarano rendeu-lhe vários prêmios e o reconhecimento de que essa era uma das mais importantes obras produzidas no Brasil contemporâneo.

3. **COM O VAQUEIRO MARIA-NO** — obra publicada em 1952, é uma espécie de repositagem poética a respeito da vida dos vaqueiros do oeste do Brasil, e é o resultado imediato de uma estadia do Autor a Mato Grosso, naquela ano.

4. **CORPO DE BAILE e GRANDE SERTÃO: VEREDAS** publicadas em 1956, estas obras essenciais em definitivo o seu canoema internacional de prosador. No primeiro, passando do conto à novela, Guimarães Rosa, segundo os critérios mais acurados, prepara o caminho para o seu livro mais importante, o romance **Grande Sertão: Veredas**. Para Moisés, Moisés: "Nas 7 'estórias' de **Corpo de Baile**, Guimarães Rosa expande e radicaliza suas pesquisas com a linguagem e cria toda uma nova galeria de personagens marcantes..." (6)

Grande Sertão: Veredas publicado pela primeira vez em 1956, novamente com a reedição de 1958 assume caráter de texto definitivo. Este é o único romance do autor e a sua mais importante realização.

Além do romance **O Mistério dos M.M.M.**, o autor escreveu, também em colaboração com diversos autores, o livro **Os Sete Pecados Capitais**. Escreveu ainda os livros de contos **Primeiras Estórias**, **Tutamelá** (**Travessias Estórias**) e **Ave Palavra**.

No nosso contacto de leitura com **Grande Sertão: Veredas** damos a certeza de que tão importante obra somente poderia ser escrita pelo menino de uma infância solitária, povoada de bichos, livros e moleculares, que ao tornar-se adulto vivenciou variadas aventuras como médico, soldado, rebelde e diplomata. É o próprio Guimarães Rosa quem mostra a importância de suas experiências, como elementos ligados na formação do seu caráter de escritor: "Chegamos novamente a um ponto em que o homem e sua biografia resultam em algo completamente novo. Sim, foi médico, rebelde, soldado. Foram etapas importantes de minha vida, e, o rigor, esta sucessão constitui um paradoxo. Como médico conheci o valor do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado, o valor da proximidade da morte" (7).

Por tudo isso, podemos afirmar que apenas Guimarães Rosa pode

ria escrever uma obra tão intensamente trabalhada, e ao mesmo tempo cheia de vivência, permeada de uma visão metafísica, que a todo momento invade os domínios da poesia para confundir-se com ela — a perquirição da essencialidade humana, não só através do, mas na própria linguagem.

Em **Grande Sertão: Veredas** vamos encontrar, já envelhecido, o ex-vaqueiro Riobaldo, como um simples barbaqueiro à margem do Rio São Francisco a narrar a um presumível interlocutor a sua vida de aventuras pelos campos parais, tendo como tônica o seu amor impossível por Diadorim e a sua busca de absoluto, a sua necessidade de explicar a razão dos sucessos e desencontros de uma existência que o coloca na encruzilhada entre Deus e o Demônio, o Bem e o Mal, o ser e o não-ser. Com isso e por cima disso, a narrativa flui num ritmo próprio ao sabor da constituição psicológica de Riobaldo. Sem a mediação do romancista, o herói presta seu depoimento, encaminhando sua digressão para um exame da vida e das coisas.

O personagem-narrador vai então teletransportando um fluxo contínuo, aparentemente desordenado de memória, os vários momentos da ação, à revelia da ordem cronológica.

Vejamos agora algumas características mais marcantes da obra: estrutura não-linear de narração; tematização de frases ou palavras usadas como Leitmotiv ("O diabo na rua no meio de tudomonho", "Viver é perigoso", "Travessia", "Sertão", "Nonada"), sintaxe paratética, entocorrida de frases curtas, incorporando o tumultuamento e a inversão da ordem das palavras; livre manipulação da linguagem, plasmada segundo as necessidades expressivas do Autor.

Não há dúvida de que até hoje a obra de Guimarães Rosa é a que tem provocado a discussão crítica mais fecunda da Literatura Brasileira.

Após a primeira fase, em que naturalmente, a polémica foi mais acirrada, e a pedra de toque para a condenação ou canonização foi a linguagem, tivemos toda uma série de estudos que tentaram aprofundar e circunscrever a problemática estilística rosiana. Dentre os últimos estudos da obra de Guimarães Rosa, ressaltamos o de Ronaldo de Melo e Souza, denominado "Travessia e Epifania em **Grande Sertão: Veredas**", porque é uma exegese ontológica, através do estudo da linguagem rosiana. Na sua análise, o crítico concentra-se na primeira e na última palavra do texto, respectivamente, "Nonada" e "Travessia", para mostrar que o personagem-narrador Riobaldo vive um processo catárti-

co, através da linguagem, atingindo a purificação, empreendido a travessia catártica, portanto, aos personagens-narradores de Machado de Assis, tais como Brás Cubas e D. Casimiro, apenas para exemplificar, que não conseguem esta purificação nos seus empastados narrativos.

Venimos a partir de agora como Ronaldo de Melo e Souza evidenciar a epifania, a espécie divina em **Grande Sertão: Veredas**: "Com a primeira palavra da obra já se revela a decisão existencial do personagem que diz NÃO ao passado. Com a primeira palavra da narrativa, Riobaldo já nos diz não ser o narrador que torna presente fatos passados. Mas o narrador cuja narração é um processo catártico de revelação do ser que emerge da neblina, eliminando erros e equívocos passados. Narrador cuja narração é um processo catártico, porque recusando o passado, se converte no caminho da travessia do ser. No caminho do ser que diz NÃO ao passado, se vai movendo progressivamente, atingindo a seu próprio ser, no horizonte do tempo" (8).

À guisa de conclusão, colamos a biografia do autor para colocar que em 1963, Guimarães Rosa candidatou-se à Academia Brasileira de Letras e foi eleito por unanimidade. Mas é a 19 de novembro de 1967, último de infante, 72 horas depois da posse que sempre adora tomando a emoção de vestir o fardão da Academia Brasileira de Letras, que o cidadão João Guimarães Rosa veio a falecer, impondo-nos a ausência sempre prematura e sempre muito sentida do grande prosador Guimarães Rosa.

**Professor de Literatura Brasileira, FUFP.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 396.
2. BRAT, Beth. *Literatura comentada: Guimarães Rosa*. S. Paulo: Abril Educacional, 1982, p. 3.
3. *Idem*, *ibidem*, p. 3.
4. SOUZA, Nê. In *Dicionário Literário Brasileiro*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 396.
5. PAES, José Paulo e MOISÉS, Moisés. *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*. S. Paulo, Edições, 1979, p. 228.
6. *Idem*, *ibidem*, p. 221.
7. BRAT, Beth. *Op. cit.*, p. 5.
8. SOUZA, Ronaldo de Melo e. "Travessia e Epifania em **Grande Sertão: Veredas**". In *Revista Cultura* nº 18, Brasília, MEC, 1974, p. 121.

Da Costa e Silva

Prof. Bugija Brito



Justifica-se o fenómeno do gênio. Este não tem fronteiras apenas com a loucura, ele tem fronteiras também com o fenómeno da fealdade: os dois — loucura e fealdade — amarrados ao gênio, dá muitas vezes, à pessoa, o status da singularidade.

Em Da Costa a fealdade não se expressava com a falta de um órgão que deturpasse, por exemplo, o seu rosto; absolutamente, não; mas a esquisitise do perfil, guiada pelo fôlego, denotava a força da potencialidade intelectual que atingia o homem, em cheio.

É certo que há, dentro da anatomia descritiva ou fisiológica, teoria de absoluto descrédito. A Frenologia de Franz Josef Gall, é uma. Aceita na Europa no início do século XIX, caiu redondamente. No Brasil, George Gardner a usou para criticar o Brigadeiro Manoel da Souza Martins, valoroso militar e Chefe do Governo Civil do Piauí por quase 20 anos. Souza Martins o hospedou oficialmente e, em caráter particular, prestou bons obséquios àquele que era botânico inglês, e isso em Oeiras, então capital da Província, mas ele na descrição feita no seu livro

Eu me felicito a mim por ver que o Piauí evoluiu bastante, ao ponto de celebrar neste 1985, a memória do seu maior Poeta — ANTONIO FRANCISCO DA COSTA E SILVA —, não o deixando ao esquecimento, à maneira do que aconteceu ao seu maior político — Francisco José Furtado — aquele que carrega o distintivo de Herói Nacional, e ao seu maior cientista — Pedro Francisco da Costa Alvarenga — aquele que enriquece o conteúdo da medicina mundial.

I

Alguém que visse Da Costa e Silva diria, sem maiores dificuldades, que ele era, dado o aspecto físico, um gênio, e esse julgamento me veio a mim desde a primeira vez que o vi, em Teresina, em janeiro de 1923. Eu era estudante de preparatórios, e Da Costa tinha ido à Teresina para tomar posse na cadeira n.º 21, da Academia Piaulense de Letras. Quando se fundou a Academia a 31 de dezembro de 1917 ele não estava presente, ou melhor, residindo no Piauí; houve, porém, por parte do grupo fundador daquele sodalício um convite especial para ele compor honrosamente o quadro acadêmico. A sua ida à capital piaulense, além da posse acadêmica, prendia-se também, e como convidado do Governo do Estado, assistir às comemorações do 1.º Centenário (24 de janeiro) da Independência Política do Piauí. A sua fisionomia ficou tão viva em mim que até hoje eu a relembro com funda impressão, apesar do episódio ora relatado (o de vê-lo e até de falar-lhe em 1923) ter ultrapassado a barreira dos 60 anos.

II

Travels in Brazil, lançado em Liverpool em 1842, atacou o seu obsequiador de 1839, citando Gall, como autoridade, para mostrar a cabeça do Chefe da Província piaulense como indicador da falta de moral. A teoria de Gall por ser um sistema empírico ou de descrédito, teve para derrubá-la esta razão, cujo conteúdo, em língua francesa, eu pediria licença, ao ouvinte, ao ler o que consta da página 554 do vol. V do Larousse du XXe siècle:

"Phrenologie — Etude du caractère et des fonctions intellectuelles de l'homme, fondée sur la conformation extérieure du crâne. La Phrenologie, doctrine aujourd'hui abandonnée, fut fondée par Gall sur ce principe que le développement des différentes parties du cerveau se reflète dans les protubérances

ces et les dépressions que se remarquent sur le cône et que, par conséquent, on peut juger du caractère et des dispositions intellectuelles et morales d'un individu par l'inspection attentive de son crâne. L'observation a montré qu'il n'en était jamais ainsi, attendu que, entre l'écorce cérébrale grise et la boîte osseuse, s'interposent les méninges et un liquide que empêchent toute influence directe de l'état des circonvolutions sur le relief osseux."

O assunto da teoria de Gall (e dos seus discípulos principais, J. K. Surpzheln e G. Combe) versus Souza Martins, foi registrado em nosso livro — **Quatro Escorços Biográficos** — Rio, 1978, quando fizemos o perfil do último.

A expressão, na teoria, de des-crédito ou de sistema empírico, pertence à *Encyclopaedia Britannica* que à pág. 849/51, volume 17, edição de 1950 (Chicago) explica o fato, atestando que a Psicologia e Fisiologia e a Experiência são ou foram os atributos enfrentados para o derubada.

A teoria ou sistema de Jean-Gaspard Lavatèr, de 1.774, explica da no seu livro **Fragmenta Physiognomiques** e que, por conotação se adotasse agora para o caso de Da Costa e Silva, é bastante diferente. Embora a crítica informe que possa haver falta de caráter científico na teoria ou sistema de Lavatèr, e acrescenta que há, porém, louvadores pujantes da mesma teoria, é certo que ela tem mais lógica do que a *Frénologia* de Gall, e isso porque a sua exterioridade é potente, proveda que é, ou pode ser, através dum realismo relevante. Lavatèr estuda não a estrutura da cabeça, mas a vivacidade ardente e móvel da fisiognomia.

Da Costa provou a sua genialidade ao lado da feiúra. As suas feições humanas, opostas à formosura, constituem claramente um distintivo digno de admiração, eis que se enlaçam ao gênio ou grau de potencialidade intelectual. É, como o próprio Da Costa sentenciou certa vez, em versos, o espírito de Apolo en-cravado na feia catadura de Vulcano... Cesar Lombroso, criminalista e mestre da Medicina Legal, sustentava, em 1891, por exemplo, que o homem de gênio é um especial tipo biológico; é que a Biologia, — "estudando os seres vivos para conhecer as leis da sua organização e dos seus atos" — faz exibir diferença ou diferenças naquelas que se apresentam, na sociedade, como elemento portador da genialidade.

Possuindo o seu intelecto a potência de um gênio, é claro que a sua obra seja diversificada, pois:

além do enlace com as Musas o seu espírito encaminhou-se para a esculptura, a xilografia e o desenho de figuras e paisagens, demonstrando originalidade, concepções e talentos mal se desabrocham, com a entrada da adolescência, as suas faculdades mentais.

Bem haja, portanto, o Governo do Estado do Piauí, instituindo, por Decreto, o que foi chamado o **Ano de D.C.S.**, que começou em novembro de 1984 e prolongar-se-á até novembro de 1985. Esse ato do preclaro Governador Hugo Napoleão alargou o tempo das homenagens e serem prestadas a quem se sobrepôs como elemento humano.

III

Quando se está escrevendo, firmemente, sobre o Poeta de **Sangue** (veja-se, entre outros órgãos de publicidade a revista *Presença* em edição especial, editada em Teresina, neste 1985, sob os auspícios proveitosos da Secretaria de Cultura do Piauí), vem-nos à memória a lembrança de dois episódios. O primeiro episódio tem sido ressaltado por alguns escritores e refere-se ao Barão do Rio Branco, ilustre detentor (Ministro de Estado) da Pasta das Relações Exteriores, que se negara a atender a uma solicitação de ingresso, na carreira diplomática, de Da Costa e Silva, sob o motivo de que o pretendente era feio. Possivelmente deve ter havido outro motivo: que não o da feiúra (talvez um de caráter político?) na vedação do nome para quem tinha lançado, fazia pouco tempo, um livro notável — **Sangue** — revelando-se um brilhante homem de letras. A título de defesa do episódio acrescenta-se mais: na diplomacia brasileira sempre houve representantes feios: fisicamente falando. O próprio Rio Branco não era bonito: calvo e gordo não são atributos de beleza física para um homem. Conseguiu entrar para a carreira diplomática em 1876 por, fortes esforços do seu eminente progenitor — o Visconde do Rio Branco: esteve inicialmente, durante alguns anos, no Consulado Brasileiro em Liverpool, e aí e em outros arquivos europeus, manuseando papéis. Investigando alfarrábios e estudando documentos veio a possuir altos conhecimentos sobre a História do Brasil; foi, pois, uma bela aquisição que fizera o Governo da Monarquia ao nomear, então, o jovem José Maria. O Poeta Da Costa, se tivesse conseguido o ingresso, era de supor-se que trouxesse recompensas para o Serviço Público.

na parte diplomática, eis que se tratava de um elemento portador de inteligência, de cultura e de reputação ilibada, não obstante ser jovem na idade.

O segundo episódio passou-se com Olavo Bilac. Este, assoberbado de trabalhos intelectuais, pois recebia, em grande escala, cartas, mensagens, telegramas e livros de alardada área do Brasil literário, não teve a cortesia de agradecer o recebimento do livro — **Sangue**. Feito de tempo? Caluniado pelo trabalho intenso em agradecer a vasta correspondência? O livro ofertado a Bilac pelo autor, teve um destino impróprio, pois foi jogado fora; há quem afirme que no mar, ao lado de outros papéis, Bilac estaria embarcado para a Europa e resolveu agir pela lei do menor esforço, jogando na água, de uma só vez, uma papelada em que ia o livro **sangue**, recém-recebido.

Foi pena que isso acontecesse porquanto um e outro eram então figuras literárias que se impunham dois gigantes do verso, dois poetas que se tornaram extraordinários sendo que Da Costa era muito novo na idade. Bilac é do ano de 1865; Da Costa de 1885. Uma diferença de 20 anos selava os dois corifeus da poesia brasileira.

IV

Desde quando começou a poetar, especialmente quando sei o livro de estréia — **Sangue** — em 1908, que o piauiense pode ter louvores ao seu grande cantor, eu me tornei o **primus inter pares**, o principado da poesia, apurado e eleição, vem, porém, de 1928, quando o Cenáculo Piauiense de Letras instituiu fundada por jovens intelectuais em 1927, proclamou, em Teresina, a supremacia dacostiana. O Cenáculo apuzou, por eleição literária, o principado. Votaram os intelectuais do Estado num pleito livre após publicadas as disposições de eleição, e o resultado foi este: 1º lugar — Antonio Francisco da Costa Silva; 2º lugar — Jonas da Silva; 3º lugar — Celso Pinheiro. Foi feliz escolha dos votantes, por isso que Jonas e Celso, dois grandes aedus alcançaram uma posição de relevância dado este fato: tratava-se de um terra aureolada por poetas, a manra do glorioso Maranhão.

Da Costa, entretanto, não foi apenas um poeta. Foi um prosador brilhante, em que a frase limpa, atraente encheu as páginas de jornais e revistas do País, em vária

oportunidades. Sabe-se que ele tinha intenção de publicar um livro em prosa. Não só a crônica, como a crítica literária iam ressaltar, com a publicação do livro, o brilho da sua prosa, conceituando a sua posição de verdadeiro prosador.

Outro ponto a invocar nesta nota conferência era a qualidade de funcionário público. Como empregado do Estado ele é aquele que trabalha, lida, dirige e serve com idealismo e patriotismo. O Ministério da Fazenda, para onde entrara em 1910, mediante concurso prestado no ano de 1906 em Teresina, é o centro em que age com probidade e competência, proporcionando inestimáveis serviços através de Chefes de Delegacias Fiscais do Tesouro Nacional de alguns Estados do País.

A respeito da sua posição como Chefe de repartição, há este caso que desejo informar. O relato foi feito pelo funcionário subalterno com quem se passa o episódio. Da Costa era o Delegado Fiscal do Tesouro Nacional no Amazonas. A mãe dele da Chefia regorçava de papéis e havia mais: o telefone que tilintava as partes para receber em audiência, os pedidos expressos em consultas de subordinados para receber apresentação de processos, o visto devido para as contas e folhas de pagamento. Tudo dependia da sua presença ou do seu ato para solução. Vem o funcionário a que me refiro, com um processo administrativo que trazia, à mão, estado de dificuldades e para pedir luzes na informação de meritis. Da Costa, mesmo cheio de casos e trabalhos, no momento, diz: **lela para eu ouvir...** Lidas as peças processuais (informações anteriores e pareceres, inclusive o pronunciamento do Consultor Jurídico da Delegacia), Da Costa diz o que teria de ser feito, e isso com acerto, acerto e precisão dignos de um Mestre no assunto que estava chamando conhecimento somente naquela ocasião:

O exemplo citado seria rotina nos seus afazeres.

V

Da Costa era Mestre na poética, ativo no trabalho material, preciso no cumprimento dos deveres burocráticos, mas era um homem modesto ou acanhado quando se tratava de assunto que viesse projetá-lo, intelectualmente falando, dentro das letras nacionais. Um exemplo mostra. Em 1933 um grupo de literatos, no Rio, sugeriu para ele se candidatar à Academia Brasileira de

Letras. O Martins Castello e eu — jovens jornalistas e piauienses — fazíamos parte do grupo, e, através do *Diário Carioca*, fazíamos notas chamando a atenção **data-vênia**, dos acadêmicos da A.B.L. para que sentissem ou, pelo menos, fizessem ver indiretamente, este fato: o Poeta de *Zodiaco* e de outros livros notáveis era digno de pertencer à mais alta instituição literária do País!

Da Costa teve acanhamento de ser candidato ou, pelo menos, de demonstrar vontade de fazer parte da Academia. Modéstia em grande escala e um receio — pode-se também imaginar — de um fracasso na eleição respectiva?... Possivelmente ele teria o exemplo de outros grandes espíritos da nacionalidade, como Cruz e Souza, Monteiro Lobato, Lima Barreto, que não lograram a entrada para a Academia. Em 1933 eu era recém-chegado ao Rio e amigo, muito amigo, de Martins Castello, que, há 3 anos, já trabalhava no *Diário Carioca*.

Ainda em janeiro de 1923, quando ele estava em Teresina, como atrás já fizemos referência, tive a satisfação de ver, de perto, o Poeta, e até de conversar ligeiramente. Entrei no **Clube dos Diários** em companhia de Cirobelino Passos de Carvalho — um preparatoriano como eu. Da Costa estava sentado numa mesa, prosando com outros senhores de relevância do meio. Inclusive o então Governador do Estado, Dr. João Luiz Ferreira. Cirobelino foi chamado por um dos senhores presentes que o conhecia, e, nesta ocasião, apresentou-me da mesa, em cima da qual havia copos e garrafas de cerveja. O senhor que tinha chamado o Cirobelino apresentou este com as seguintes palavras: **trata-se de um futuro literato da terra...** Como ninguém me apresentasse, eu me enculhi, acanhado. Por certo o fato proporcionou emoção em Da Costa, tanto assim que ele me diz: "e você? Piauiense, candidato também às letras, no futuro? Qual a sua cidade no Estado? Igualmente a dos Carvalhos de Alto-Sereno?" (**Alto-Sereno, um lugar de Oeiras**).

— De Oeiras, mas da Praça da Matriz... (E daí, nervoso, todo o meu nome).

Uma resposta em que Da Costa demonstrou possuir uma memória admirável, não se fez esperar:

— Sim, conheço as duas famílias de que você descende. Com uma delas, e por mais de uma vez, tive aos 11 anos, contatos pessoais; tratava-se do seu avô materno — João Hermes Monteiro Bugija — que, em 1896, vindo do Ceará, mo-

rou no Amarante durante uns 3 anos: antes dele ir morar em Oeiras, estivera no Amarante".

Amarante, como se sabe, foi empório do comércio de exportação do centro-sul do Piauí. Florianópolis não existia com tal missão comercial. Dentre os produtos que o Piauí exportava, via porto amarantino, estava a maniçoba, que ficou conhecido nos mercados estrangeiros como **Hevea Piauihyensis**. O meu avô materno, efetivamente um cearense, e exportador de borracha da maniçoba, veio a morar no Amarante, cujo comércio sólido e próspero fazia com que o povo local tivesse um padrão de vida alto, comparável somente com o de Parnaíba. Urbanisticamente a cidade de Amarante chegou a ser superior a Oeiras.

No intervalo dessa conversa ou encontro feliz para mim, eu vi melhor, ou com mais detalhes, a figura imponente do meu interlocutor. Alto, olhos meio verdes, bem alvo (devia ter sido um tipo alourado quando criança), nariz grego, desembaraçado em mover-se e elegante no falar.

Adulto, anos depois, quando me interessei pela Antropologia, pude compreender que Da Costa devia ter, como primeiro ascendente no Piauí, localizado na fazenda Tatu, do município de Oeiras, um cidadão branco, bem apessoado, empreendedor, um daqueles magníficos representantes da raça ibero-insular (**Homo Meridionalis**) que Portugal nos legou em várias vezes na sua emigração ultramarina. De fato, Rodolfo Hermógenes da Costa e Silva, um ascendente e que foi o pai do Poeta, bem assim a mãe, D. Veneranda Angélica Santana de Oliveira (mãe), natural da cidade maranhense de Beirão de São Francisco (localidade ribeirinha defronte à Amarante), são elementos que se destacaram pelo trabalho e pureza de costumes no meio em que viveram... D. Veneranda devia pertencer a um tronco anoso de lusitano, que tinha se fixado em Caixas (MA). O nosso Poeta seria, portanto, um florão saído do fenômeno de Biotopologia. Um florão ornado dos predicados oriundos das Trópicos da América...

Rodolfo não era, no rigor da palavra, um literato. Era, porém, um homem de bom gosto intelectual. A sua biblioteca em casa, que o filho aproveitava para as leituras, compunha-se de obras estimáveis.

Quando da vinda a Teresina, em 1923, Da Costa, a pedido do Governador Dr. João Luiz Ferreira, fez o Hino do Piauí, uma composição poética que se rivaliza com as melhores que há, no gênero, pelo Brasil afóra.

VI

A minha terra e o céu, se há um céu sobre a terra.
É um céu sob outro céu tão limpo e tão branco,
Que elevar-se sobri azul parece estar sombreado,
Sobre o vale natal, que o céu à luz descera.

Que encanto natural a seu aspecto encerra!
Tudo a paisagem verde, a igreja branca, o bandal
Das casas, que se vão, pouco a pouco, fugando,
Com o nevado perfil nostálgico da serra.

Com o seu povo feliz, que ri das próprias mágoas,
Entre as três rios lembra uma ilha, alegre e linda,
A cidade sorrindo aos oscuros das águas,
Terra para se amar com o grande amor que eu tenho!
Terra onde vive o verso e de onde espero ainda
Sete palmos de glória e os dois braços de um lenho!

Sob o ponto de vista agrícola o município de Amarante é um dos mais férteis. Banham no 3 rios, ou melhor, as suas terras são enriquecidas pelas águas do Parnaíba, do Canindé e do Mulato. Como há ser rotes e serras (Araras, Moquitas, etc.) e íngremes talhados que o Canindé proporciona, aparecem nos sopés da orografia amarantina os baixões e baixadas que recebem os humus e fertilizantes que se notam, logo à primeira vista, pelos arvoredos; é que estes, encontrando maior umidade no solo, se projetam e vêm com mais vigor e imponência, compondo as matas verdejantes.

O nosso Amarante não é inferior ao seu homônimo de Portugal. Mesmo na parte urbanística a cidade portuguesa, à margem direita do rio Tâmega, dispondo ou dividida em cidade alta e em cidade baixa, de ruas calçadas mas cheias de aclives e declives, de 5 igrejas, distante da cidade do Porto 66 km acima, etc., não se sobressai como localidade superior. É certo que o Tâmega serpenteia na parte baixa da cidade entre vinhedos e tilhas, mesmo com pouco volume d'água por ser verão (agosto) na Europa, quando eu lá estive, mas a paisagem não é mais bonita do que a nossa, cortada pelo Canindé serpenteando entre carnaubeiras, babaçus e ipês famosos, ou pelo Mulato de margens cheias de canaviais que farfalham ao vento com os seus pendões róseos-alourados e que sempre inspiraram a musa de Da Costa.

Numa das minhas viagens turísticas à Europa passei, certa vez, um mês em Portugal e, conseqüentemente tive tempo de estacionar um dia em cada uma das cidades do Amarante e de Oeiras.

O escritor Ribeiro Gonçalves (L.M.), ilustre amarantino, recebeu de a sua família o deve guardas fotografias e uma descrição que eu lhe mandara, quando eu estive no Amarante português nos idos de agosto de 1980.

Pois Amarante, terra natal de Da Costa, foi exaltada em versos por mais de uma vez. Inclusive neste magnífico soneto que vale a pena recitar, agora, e que faz parte do livro *Zodiaco*, publicado em 1917:

VII

Alguns intelectuais que escreveram sobre Da Costa e Silva e que constam, entre outros órgãos de publicidade, na revista *Presença*, já citada, assinalaram que Da Costa, em poesia, não pertenceu a qualquer Escola Literária, dessas conhecidas e que vão do Classicismo até ao Modernismo, passando pelo Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo, este de índole simples ou pessimista, tudo ainda somado ao Indianismo ou ao Regionalismo. Disseram bem os intelectuais, eis que Da Costa não se ligou aos padrões das mesmas Escolas, e isso porque a sua poesia está em todas as Escolas; nestas o seu verso aflora, emociona, brilha e vive, como se estivesse construindo uma nova e desconhecida Escola...

Um dos seus críticos, Antonio Torres, salientou, quando apareceu o *Zodiaco*, que Da Costa, e isso ao contrário dos poetas brasileiro, não fez, no livro, versos estritamente de amor, não desceu ao pieguismo, à paixão romântica ao elemento feminino — que foi sempre uma fonte perene de inspiração e de sensibilidade.

Mas em outros livros — e isso por certo para não fugir à unanimidade da poesia brasileira — Da Costa cantou as Madonas e Beatrizes, tecendo emocionantes baladas.

Mas a sua poesia, com versos ou sem versos de amor, viverá pelos tempos afora. A linguagem, as idéias, a musicalidade e o estilo surpreendente, dando lugar à criação de uma Arte que é própria, dão à poesia brasileira a perenidade que qualquer Literatura estrangeira gostaria de possuir.

Desde a publicação do seu primeiro livro de versos que foi considerado como Poeta Dele — ent outros homens de letras —, houve esta opinião de Clóvis Bevilacqua, qual foi inserida na obra (1927)

História da Faculdade de Direito e Recife: "Seu primeiro livro *Sanguê* — (1908) produziu a sensação de pasmo admirativo". Este pronunciamento, partindo de Bevilacqua, que, não obstante ser cometido em elogiar, teve ainda aplausos, a ponto de chamar Da Costa **Mestre consumado** na poesia, com uma crítica de alta significação literária.

Quem disserta sobre a biografia de Da Costa ou faz, desta, o elogio deve proporcionar ao ouvinte a vontade irresistível de escutar os seus versos com aquele poder de elocução que comove, com aquela atraente sonoridade de sílabas e palavras que musicizam as frases com aqueles ritmos graduados e com o peso da linguagem expressada.

Não se pode omitir esse fato mesmo porque a força de comunicação que se expande da sua poesia não faz silenciar o ouvido do mais exigente, do maior exigente músico que possa haver.

Por isso vamos ouvi-lo, como a remate a esta nossa conferência, soneto alexandrino — *A Moenda* — em que a alteração do r no segundo quarteto e o sentido filosófico no fim do da produção poética, fazer desta, uma precisidade sem par em língua portuguesa.

Na remansosa paz da mística fazenda,
A luz quente do sol e a fria luz do luar,
Vive, como a expiar uma culpa tremenda,
O engenho de madeira a gomer e a chora

Ringue, rangue, rouquerna, a rigida moenda,
E ringindo e rangendo a cansa a triturar,
Parece que tem alma, adivinha e desvent,
A ruína, a dor, o mal que vai, talvez, cair

Movida pelos bois fardos e sorridentes,
Como, como a exprimir, em dardos-lança,
Que as desgraças por vir sabe as todas d'

Ah! dos teus tristes ais! Ah! moenda amiga
— Alcool! para esquecer os tormentos do
F. Louer, sabe Deus, um tormento maior!

[1] Conferência pronunciada pelo escritor Bugyia Brito a 12 de setembro de 1985, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, como contribuição aos festejos comemorativos do Centenário de nascimento do Poeta ANTÔNIO FRANCISCO DA COSTA SILVA.

Da Costa e Silva

Abguar Bastos

Há trinta e cinco anos
passadas morria (junho de 1950)
um dos maiores poetas
brasileiros

Conheci-o em Manaus. Magro, rosto anguloso. Delegado Fiscal do Tesouro. O burocrata e o poeta, mais poeta que burocrata. Eu, Clóvis Barbosa, Raimundo Moraes e poucos mais reuníamos num dos movimentados bares da cidade, em de o forte, um o chape. Clóvis Barbosa publicava *Redenção*. Mais tarde editaria *A Selva e Equador*. Assunto do modernismo no Amazonas, como um no Pará. Amigos até hoje. E entre nós, nas suas conversas, a lembrança de Antônio Francisco de Costa e Silva. "Fraternal" foi o adjetivo aos efeitos. Generoso: pegava quem sempre se rodadas da "lota", perguntando se o forte dos que o rodeavam era a literatura, a frequência a falta de dinheiro.

Um dia sim, um dia não, lá estávamos.

Contagiar-se com o modernismo. E na mesa do bar escrevia versos lapidários. Muitos perdidos. Alguns publicados. Lembrou-me de um onomatopéico: sobre o frum.

Respirava poesia. Um portelista empolgado com o Amazonas. Mas sempre ligado à terra natal, ao Pará, à velha Amarante.

Podia ter sido um "aristocrata da estética", como o definiu Fausto Cunha, Bom. Sempre foi considerado um técnico da poesia. Mas não era afetado. Ao contrário: seus poemas eram lidos pela naturalidade límpida da fluência. Foi amigo de Carlos Dias Fernandes, Assis Chateaubriand e de três Argentinou, o Frede-

rico Schmidt, o Meyer e o Rodrigues.

Coincidentemente tinha, como go, as mesmas inclinações ao gosto modernista português, como Cesário Verde e Mário de Sá-Carneiro.

Foi simbolista, não me lembro, mas devia ter tido amáveis os laços de Lugênio de Castro (le quem te não um de sua fase clássica, *Camafeu*, n.º 1, autografado, de uma edição de 100 exemplares). Como nós outros admirava Antônio Nobre, Verlaine, Mallarmé, Baudelaire, Verhaeren talvez Rimbaud.

Está presente em todas as obras da história da literatura, em núme-

Publicou *Sangue, Pandora, Zodiaco, Verdade*.

Depois de conviver com os "novos" no Rio, mudou para São Paulo.

Não o esqueceram no Sul e no Rio, Viana Moog, Vargas Neto, Augusto Meyer, Afonso Henriques.

Sobre ele me estrevi uma vez (1975) Clóvis Barbosa, lembrando a velha amizade e nossos encontros em Manaus: "Amanhecemos na calçada do Porto Chitão. A conversa escutava nos assuntos literários. O homem parecia elétrico. Pequeno, magro, estrábico. Vestia-se bem. Sabia ouvir quem lhe falava com prioridade. Com a palavra,



ros artigos de jornal, como os que publicaram Osório Florba (Recife) em 1971 e Antônio Carlos Villaça (Rio) em 1975.

Andou por Belo Horizonte. Confraternizou da amizade de Abguar Bastos, Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado e Alphonse Guimarães.

De repente, em Manaus, nos idos de 1927 e 1928, eis-nos eu, Costa e De Costa publicando poemas e contos modernistas. E em Manaus que De Costa estreia no modernismo, após ter sido parnasiano e simbolista.

Convém assinalar que a maioria dos modernistas passaram pelo simbolismo.

plamente simpático. Agil e esclarecido. Tinha habéis serviços à cultura e amigos culminantes na história da literatura. Mas não se colocava à frente dos acontecimentos. L. tinha pulso. Uma vez "cresceu" para o Raimundo Moraes, tentando agendá-lo. Moraes declarou paixão os modernistas.

Eis um depoimento sobre esse grande poeta que durante quase 20 anos se recolheu voluntariamente ao silêncio.

Morreu, às 11 horas do dia 29 de junho de 1950, no bairro da Tijuca (Rio). Pobre. Era visceralmente honrado. Um caráter de ferro. Paz e glória à sua alma.

Literatura

DA COSTA E SILVA

Lothar Hessel

Os piauienses têm justificado orgulho em seu poeta maior, Da Costa e Silva.

Com esteito, História da Poesia no Brasil que se faz, não pode omitir a figura desse bom poeta que nasceu no Araripe a 28 de novembro de 1885 e que na pia barismal cadáver recebeu o nome de Antônio Francisco.

Alonso Costa em seu **Parnaso Brasileiro**, antologia que se abre com outro poeta piauiense, Abdias Neves (Teresina, 1876 — Rio de Janeiro, 1950) e se fecha com um poeta quêsico, Zeferino Brasil (Taquari, 1870 — Porto Alegre, 1942), inclui o poeta amarantino e lhe transcreve sete poemas. Mas recentemente é José Osório de Oliveira que em seus **Líricas Brasileiras** (Lisboa, Portugalia Edit., 1954) o acolhe entre os selecionados, todos do século 19 e do atual, apresentando sucinta biografia e publicando-lhe o celebrado soneto "Saúde".

Já no Senado Federal, por ocasião da morte do poeta, foi o senador Ramiro Gonçalves que pronunciou longo discurso de exaltação e memória, a 30 de junho de 1950. Ao declarar que "Da Costa e Silva foi o maior poeta piauiense dentre vivos e mortos — um dos que contribuíram com poemas mortais para maior brilho das letras do Brasil" — recebeu apoio do senador Hamilton. No guairá, avaliando que "não somente o maior poeta do Piauí, mas um dos maiores que temos conhecido no Brasil". Menos depois foi o se-



ador e romancista José Américo de Almeida que em apêndice, recordou: "V. Ex.^o conheceu na infância, em o tive como companheiro na Academia. Foi um grande poeta do Brasil".

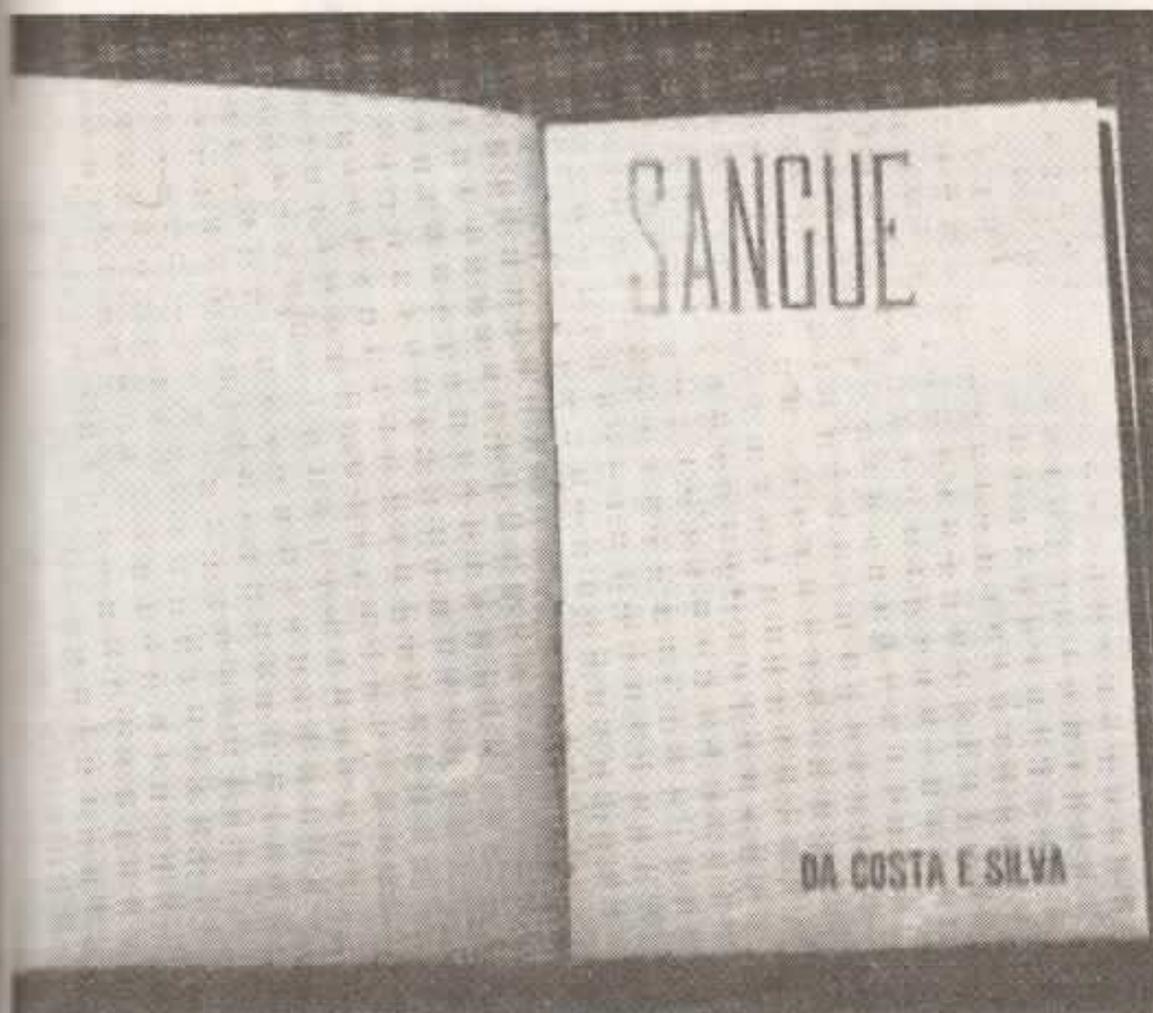
No ano passado tocou a vez à Câmara de Deputados de recordá-lo publicamente. Três Poetas de sua Terra, discursos pronunciados pelo deputado Celso Barros Coelho, sendo os três: Da Costa e Silva, mito e realidade; Jilfo Martins Vieira, e Newton de Freitas, um jovem poeta. O primeiro fora proferido "em sessão especial dedicada ao poeta" no dia 22-11-1964.

Em Belo Horizonte, o **Suplemento Literário do Minas Gerais** dá ampla difusão por estas terras, publica a 13 de julho deste ano, artigo de F. S. Nascimento que assim começa: "Em sua **Visão Histórica da Literatura Piauiense**, escrevia Hercúlo de Moraes: 'A poesia de Da Costa e Silva assenta-se em duas escolas: simbolista, interpretada nos poemas de **Sangue**, e parnasiana, que determinou a fixação de seus poemas'. Assim afirmava o erasmista, baseado num depoimento crítico de Silvira Bueno, expresso em seu **Florilégio da Literatura Luso-Brasileira**, ao afirmar que, se no primeiro livro (**Sangue**, 1908) Da Costa e Silva ainda trazia alguma influência simbolista, já no segundo (**Zodiaco**, 1917) se firmava como verdadeiro parnasiano, com reflexos de Verhaeren".

L. o messário piauieta D.O. **Letras**, mensário de literatura, editado segundo a linha de Da Costa e Silva, trazendo sucinta biografia e perceptiva estudo crítico. Da qual são os títulos: "Nascido à margem direita do rio Parnaíba, mais precisamente num casarão modesto da Rua das Flores, na pequena cidade de Araripe (Piauí), criou ali mesmo os seus estudos primários, para concluir o ginasio em 1906, no antigo Liceu Piauiense... Concluiu em Teresina o ginasio, viajou ao Recife para realizar ali o curso superior. Em 1913 concluiu o bacharelado do curso de Direito da Faculdade do Recife, retardando a sua conclusão devido a doença. Aproveito um concurso do Ministério da Fazenda, em 1910, foi nomeado escriturário da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, percorrendo nessa função os Estados do Maranhão, Amazonas, Rio Grande do Sul, tratando da emissão de hêmis criados pelo governo central. Em setembro de 1920 dirigia-se a Porto Alegre, para tomar posse do cargo de delegado fiscal do Tesouro no Rio Grande do Sul. Aliado de Alberto de Andrade de Queiroz, dirige o suplemento literário do **Diário de Notícias**, onde fez amizade com Affonso Damasceno, Theodomiro Tostes, Vargas Netto, Vianno Moog".

Nesse final as ligações indiretas do poeta amarantino com a "legião" de Taquari, Vianno Moog, de raízes genealógicas taquarienses, e Theo-

SANGUE: A imagem da mulher e a representação do desejo



Maria do Socorro Neves
Nunes do Rêgo

A poesia simbolista substitui o tema da mulher estátua/eslôgo pela presença constante na poesia masculina pela figura da amada morta, da mulher enclausurada e da bela adormecida.

Não existe mais, assim, a mulher de mulher enigmática, ameaçadora, devoradora. Mas continua a idealização do objeto amado. O estancamento, a imobilidade, o distanciamento permeiam os poemas, fazendo pensar a mulher continue a ser um objeto idealizado.

Em **SANGUE**, primeira obra de Da Costa e Silva, convive lado a lado, a temática da mulher estátua/eslôgo com a da amada morta, da mulher prisioneira e da bela adormecida.

Para a autora analisamos os seguintes poemas: "Soror Dolaris", "Post Mortem", "Musa Imperceptível" e "Turris Eburnea" (1).

"Soror Dolaris" apresenta a mulher como "triste violeta do Horto da Amargura" (Scipião Chevalier e Gherbrant, a violeta é a cor da temperança, do equilíbrio entre o espírito e a matéria) (2). Daí as referências bíblicas: "secetas"

O livro **SANGUE** começa com um dos traços simbólicos de seu primeiro poema:

"Filo calídeo dos carões terrenos"

O livro é mais sensível, é mais como de pureza, de inocência, de virginalidade. Quando o lirismo relaciona ao amor sofisticado, ele é a flor da geórgica. Na tradição bíblica, trata-se do belo da elegia (3).

Afastado do desejo permeiam a amada poema, sua pura e masculinidade. Há uma sexualização da etimologia mulher.

"Apresenta cristo de laminao,
L'livello das p'ncipais serenas,
Pelos sete panhas das tuas pernas
Defendida do amor que se procura."

O numero, sete simboliza a totalidade da ordem moral, o numero do homem perfeito. 14) Daí a mulher ser defendida do amor carnal por sete panhas.

O soneto é rico em imagens vegetais. Referindo-se à mulher aparecem "triste violeta", uncinco (idem dos açucenas", lírio esilado", uma flor Gemossípala". Mas elas não se ligam à vida, à vitalidade, confligam o que Affonso Romano denomina de cenário vegetal da morte. 15)

No primeiro e segundo tercetos, o poeta retoma a idéia de tristeza provocada pelo enclausramento, e que só havia sido anunciada no primeiro quarteto, quando o cenário é apresentado como "Horta da Amargura".

"Dentro das néscas p'ncipais do meu sonho,
O teu perfil, mandrágora do jardim,
Branco, enroscado, à sombra do capim."

Como normalmente ocorre num outros simbolistas, verifica-se que o poeta não deixa a vida do claustro, o vale místico Betrãta, contudo, o drama entre o espiritual e o carnal, inclusive, a sublimação buscada pelas freiras parece não lhes trazer a paz, uma vez que, no soneto, permanece a idéia de melancolia, de tristeza.

Em "Post Mortem" e "Musa Imperecível" se faz presente a ideia do sepulcro, figura que encontra mos também nas narrativas medievais e românticas. Nestes dois sonetos aparecem as imagens com que os simbolistas costumam representar a amada morta: Mulher/cavaria, mulher ressuscitada.

O espaço cantado é o da cama, visto como palácio e como berço.

Faz-me lembrar, ó São de sagrada
Uma flor gemossípala, plerética
No jardim de um convento, ao pé do muro

"... E a vida, dentro do palácio da Cama".

(Post Mortem)

Quando os berços do São Pálmor
Fazem lápis no verso e lermos de."

(Musa Imperecível)

O verme, que alguns vêem como um duplo do homem, aparece se do corpo da amada: em "Post Mortem", a divora suas carnes, o que seria uma espécie de canibalismo. 16)

"O engulho vertozado, a inclinação da Verme
Ao roer-te a carni em fio, via l'figura epitelmo."

O verme aparece em todas as lendas como o símbolo da transição da terra à luz, da morte à vida. 17)

A celebração do amor não se dá, em "Musa Imperecível", pela união carnal dos amantes, mas pela sublimação. A sublimação de uma pulsão implica que este possa satisfazer-se com objetos de substituição e também que uma satisfação imaginária ou simbólica possa igualar uma satisfação real. 18) No soneto a união dos corpos é substituída pela esperança de uma união das almas. O renascimento trará, portanto, no plano ideal a possibilidade de realização de um desejo intuído no plano real.

"E' el deseri de todote, porque não
Tu adiva na mol' alma eu si sentia,
Nos lábios de luz de uma outra vida."

A eterna na possibilidade de uma união em outra vida sugere nos também a idéia de impossibilidade de aceitação da morte como um limite.

A sublimação traz como consequência a transformação do negativo em positivo, do baixo em elevado. A esperança de uma união das almas possibilita ao poeta atingir "lábios de luz". Os psicólogos e analistas costumam ligar as imagens luminosas à ascensão, a um sentimento de euforia. A luz simbolizaria, assim, o desatrelar de um ser pela sua elevação. É de Barbauld a afirmação "é a mesma operação do espírito humano que nos leva em directo à Luz e à altura." 19)

Ainda podemos destacar, neste mesmo estudo, a sinonímia do poeta e uma outra imagem de mulher, também localizada pelos simbolistas — a da bela adormecida. É a que encontramos em "Turrís Ebúrnea".

"Lentras assim, Fátima adormecida,
Presso do sonho, a magua aos possedidos,
Uma cidade fúlgida construída
Por sobre o rio do sono das cabelas."

O amante, diante da amada que dorme e que também se encontra prisioneira, se deslumra.

"Julgo-te a exorta Terra Prometida"

No primeiro metafórico sonho lista a imagem da torre se destaca. Neste soneto ela apresenta uma configuração erótica.

"Rangete de elas, praxeres e oceanas
Sobre a alvura dos lençóis dos meus seios,
Onde badala a sinistra Peneta."

Compara-se, assim, a afirmação a que Affonso Romano faz referêcia: "Jung, estudando o culto da alma e o culto da mulher, pondera que o atributo "vbrúnea" da torre é de multifunção naturalística, erótica, quando se refere à cor e textura da pele."

Paralelamente, na poesia simbolista, as marcas que, na poesia parnasiana, evidenciaram a interdição do objeto amado ao sujeito. Mas as representações são diferentes. Opondo-se à estética plástica do parnasianismo a estética simbolista não poderia continuar com a imagem da estátua/esfinje. Da Costa e Silva, em alguns dos poemas de Sérgio, substitui, portanto, a realidade pelo símbolo, que vai assinalar a ausência "in praesentia" da mulher: a amada está morta, no contexto da presa do sonho.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) COSTA E SILVA, Antônio Francisco de. *Poesias completas*. Cátedra, Rio de Janeiro, 1975, p. 97, 98, 99, 98.
- 2) CHEVALIER, Jean e GERRANT, Alain. *Dictionnaire des Symboles*, Seignen, Paris, 1974, vol. Plat à 2, p. 298.
- 3) *Ibidem*, vol. HAP, p. 135-137.
- 4) *Ibidem*, vol. Plat à 2, p. 170.
- 5) SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O canibalismo amoroso*. Bunk'arte, São Paulo, 1985, p. 166.
- 6) *Ibidem*, p. 126.
- 7) CHEVALIER, Jean e GERRANT, Alain. *Op. cit.*, vol. Plat à 2, p. 371.
- 8) BRADANT, Georges-François. *Para um enclausamento do psicanálise*, tradução portuguesa de Eduardo Faria. Assisio & Alvim, Lisboa, 1973, p. 64.
- 9) BRADANT, Gilbert. *Les structures archéologiques de l'imaginaire*. Seuil, Paris, 1969, p. 163.
- 10) SANT'ANNA, Affonso Romano. *Op. cit.*, p. 172.
- 11) *Professora de Literatura Portuguesa da UFPA.*

Panorâmica da obra de Guimarães Rosa

* Fabiano de Cristo Rios Nogueira

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo (MG), a 27 de junho de 1908 e passou sua infância na terra natal. E, segundo o dicionarista Raimundo de Menezes, aprendendo as primeiras letras com mestre Candinho e o francês com o frade franciscano frei Estêves, o mento Guimarães Rosa, demonstrando o excelente aluno que era, logo aos 6 anos de idade leu o primeiro livro de francês (1). Tal fato é, portanto, o prenúncio do que viria a acontecer posteriormente, visto que a predileção desde criança pelo estudo das línguas, faria com que Guimarães Rosa viesse a conhecer holandês, francês, inglês, alemão, russo, grego, latim, sueco e japonês. Este conhecimento de vários idiomas será de vital importância para os investimentos de linguagem que viriam constar de sua obra.

Se quiséssemos ater-nos ao apelo de Guimarães Rosa: não continuamos levantando os dados biográficos desse feiticeiro da palavra, porque é ele mesmo quem o pede ao conceder uma entrevista, em 1965, a Günter Lorenz, na qual se apresenta "meio gente, meio ficção": "Que nasci no ano de 1908, você já sabe. Você não deveria me pedir mais dados numéricos. Minha biografia, sobretudo minha biografia literária, não deveria ser eticificada em anos. As aventuras não têm tempo, não têm princípio nem fim. E meus livros são aventuras, para mim são minha maior aventura. Enquanto descobro sempre um novo pedaço de infinito. Vivo no infinito, o momento não conta. Vou lhe revelar um segredo: crato já ter vivido uma vez. Nesta vida também fui brasileiro e me chamava João Guimarães Rosa. Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. O crocodilo vem ao mundo como um "magister" da metafísica, pois para ele cada rio é um oceano, um mar de sabedoria, mesmo que chegue a ter cem anos de idade. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vazios e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens. Amo ainda uma coisa dos nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade. A estas alturas, você já deve estar me considerando um louco ou um charlatão" (2).

As transcrições desta autobiografia de Guimarães Rosa, obtivávamos mostrar, segundo a

perspectiva do próprio Autor, a importância do rio em sua obra, com o objetivo de delinearmos uma trilha de pesquisa para a produção literária do Autor.

Entretanto, onde o Autor de *Grande Sertão: Veredas* se autodefine meio gente, meio ficção é, principalmente, em outro trecho da mesma entrevista, no qual ele afirma: "As vezes, quase acredito que eu mesmo, João, seja um conto contado por mim" (3).

Em 1918, Guimarães Rosa passa a residir e estudar em Belo Horizonte até ingressar na Faculdade de Medicina, mas, felizmente, os anos dedicados à Medicina não lhe roubaram o interesse pela literatura. Assim, no dia 07 de dezembro de 1929 publicou no n.º 57 da revista "O Cruzeiro" o seu conto de estreia, "O Mistério de Hignore Hall".

A partir de então, segundo ainda o crítico literário Nilo Scailoa: "Guimarães Rosa operou uma revolução estética de grande significado na prosa de ficção brasileira. Com ela, a prosa de ficção deixa de ser uma forma de linguagem acomodada à realidade circundante, porque a própria realidade passa a ser o resultado de uma forma de linguagem. Para pôr em relevo esse mundo de significação estética, Guimarães Rosa renova a expressão, fazendo uso das vertentes arcaicas da linguagem popular e das pesquisas realizadas em seu gabinete de trabalho" (4).

A constatação de que Guimarães Rosa revolucionou a estética literária brasileira, pode ser realizada através da leitura e da análise da sua produção literária, composta das seguintes obras:

1. *MAGMA* — coletânea de poemas que, em 1936, rece-

beu um prêmio da Academia Brasileira de Letras e os elogios do poeta Guilherme de Almeida. A obra permaneceu inédita.

2. *SAGARANA* — esta é seu primeiro livro a ter publicado em 1946, mesmo ano em que é nomeado chefe de gabinete do ministro João Neves da Fontoura. Esta obra resulta de um volume intitulado *Contos*, com o qual, em 1937, sob o pseudônimo de Visir — (em latim: o viciante), Guimarães Rosa concorreu ao prêmio Humberto de Campos. *Sagarana* é um livro motivado pela paisagem mineira, pela vida das fazendas, pela saga dos vaqueiros e dos criadores de gado — mundo de sua infância e de sua mocidade.

O livro de estreia de Guimarães Rosa já indicava a singularidade da sua produção literária que só passaria a alcançar verdadeira repercussão a partir da década de 50, principalmente, pela publicação de *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile*. Entretanto, *Sagarana* já movimentou o meio literário da época, pelo aprofundamento das coisas e dos seres e motiva o seguinte comentário do mestre Massand Moisés: "Mesmo em *Sagarana* onde a linguagem é mais decorativa que a dos livros posteriores, já se nota um sentido de aprofundamento das coisas e dos seres e um uso experimental do idioma que se opõem, de certa forma, aos escritores mais característicos da prosa regionalista, tentando a superar tanto o mero pitoresco quanto o realismo documental" (5).

Arrematando o comentário sobre o livro de estréia de Guimarães Rosa acrescentaríamos: **Sagarana** rendeu-lhe vários prêmios e o reconhecimento de que essa era uma das mais importantes obras aparecidas no Brasil contemporâneo.

3. **COM O VAQUEIRO MARIA-NO** — obra publicada em 1952, é uma espécie de reportagem poética a respeito da vida dos vaqueiros do oeste do Brasil, e é o resultado imediato de uma excursão do Autor a Mato Grosso, naquele ano.

4. **CORPO DE BAILE e GRANDE SERTÃO: VEREDAS**

publicadas em 1956, estas obras apresentam um definitivo o seu tomismo internacional de prosador. No primeiro, passando do conto à novela, Guimarães Rosa, segundo os críticos mais atualizados, prepara o caminho para o seu livro mais importante o romance **Grande Sertão: Veredas**. Para Massuzé Moisés: "Nos 7 'estórias' de **Corpo de Baile**, Guimarães Rosa expande e radicaliza suas pesquisas com a linguagem e cria toda uma nova galáxia de personagens marcantes..." (6)

Grande Sertão: Veredas publicado pela primeira vez em 1956, vem com a reedição de 1958 assumindo caráter de texto definitivo. Este é o único romance do autor e a sua mais importante realização.

Além do romance **O Mistério dos MEM**, o autor escreveu também em colaboração com diversos autores o livro **Os Sete Pecados Capitais**. Escreveu ainda os livros de contos **Primeiras Estórias**, **Tutu-méia** (**Tatuzeiras Estórias**) e **Ave Palavra**.

No seu contacto de leitura com **Grande Sertão: Veredas** diz-se a certeza de que tão importante obra somente poderia ser escrita pelo menino de uma infância solitária, povoada de bichos, livros e moleculares, que ao tornar-se adulto vivenciou variadas aventuras como médico, soldado, rebelde e diplomata. É o próprio Guimarães Rosa quem mostra a importância de suas experiências: como elementos ligados na formação do seu caráter de escritor: "Chegamos novamente a um ponto em que o homem e sua biografia resultam em algo completamente novo. Sim, fui médico, rebelde, soldado. Foram etapas importantes de minha vida, e, a rigor, esta sucessão constitui um paradigma. Como médico conheci o valor do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado, o valor da proximidade da morte" (7).

Por tudo isso, podemos afirmar que apenas Guimarães Rosa pudé-

ria escrever uma obra tão intensamente trabalhada, e ao mesmo tempo cheia de vivência, permeada de uma visão metafísica, que a todo momento invade os domínios da poesia para confundir-se com ela — a perquirição da essencialidade humana, não só através da, mas na própria linguagem.

Em **Grande Sertão: Veredas** vamos encontrar, já envelhecido, o ex-juveque Riobaldo, como um simples barranqueiro à margem do Rio São Francisco e narrar a um presumível interlocutor a sua vida de aventuras pelos campos gerais, tendo como tônica o seu amor impossível por Diadorim e a sua ansia de absoluto, a sua necessidade de explicar a razão dos sucessos e desencontros de uma existência que o coloca na encruzilhada entre Deus e o Dêmo, o Bem e o Mal, o ser e o não-ser. Com isso e por causa disso, a narrativa flui num ritmo próprio ao sabor de constituição psicológica de Riobaldo. Sem a mediação do romancista, o herói presta seu depoimento, incardinando sua digressão para um exame da vida e das coisas.

O personagem-narrador vai indo relembrando num fluxo contínuo, aparentemente desordenado de memória, os vários momentos da ação, à revelia da ordem cronológica.

Vejamos agora algumas características mais marcantes da obra: estrutura não-linear da narração; tematização de frases ou palavras usadas como Leitmotiv ("O diabo na rua no meio de tafetão", "Uivar é perigoso", "Travessia", "Sertão", "Nonada"); sintaxe pitoresca, entrocada de frases curtas; incorporação e tumultuamento à inversão da ordem das palavras; livre manipulação da linguagem, plasmada segundo as necessidades expressivas do Autor.

Não há dúvida de que até hoje a obra de Guimarães Rosa é a que tem provocado a discussão crítica mais fecunda da Literatura Brasileira.

Após a primeira fase, em que, naturalmente, a polémica foi mais acirrada, e a pedra de toque para a condenação ou canonização foi a linguagem, tivemos toda uma série de estudos que tentaram aprofundar a vinculação da problemática estilística rosiana. Dentre os últimos estudos da obra de Guimarães Rosa, ressaltamos o de Ronaldo de Melo e Souza, denominado "Travessia e Epifania em **Grande Sertão: Veredas**", porque é uma exegese ontológica, através do estudo da linguagem rosiana. Na sua análise, o crítico concentra-se na primeira e na última palavra do texto, respectivamente, "Nonada" e "Travessia", para mostrar que o personagem-narrador Riobaldo vive um processo catárti-

co, através da linguagem, atingindo a purificação, empreendendo a travessia, um tanto, portanto, nos personagens-narradores de Machado de Assis, tais como Brás Cubas e D. Casimiro, apenas para exemplificar que não conseguem esta purificação nas suas empresas narrativas.

Vejamos a parte de agora como Ronaldo de Melo e Souza evidencia a epifania, a epifânica divina em **Grande Sertão: Veredas**: "Com a primeira palavra da obra já se revela a decisão existencial do personagem que diz NÃO ao passado. Com a primeira palavra da narrativa, Riobaldo já nos diz não ser o narrador que torna presente fatos passados. Mas o narrador cuja narração é um processo catártico de revelação de ser que emerge da néblina, afirmando erros e equívocos passados. Narrador cuja narração é um processo catártico, porque, recusando o passado, se converte no caminho da travessia do ser. No caminho do ser, diz NÃO ao passado, se vai revelando progressivamente, abrindo a seu próprio ser, no horizonte do tempo" (8).

A guisa de conclusão, voltamos à biografia do autor para colocar que em 1963, Guimarães Rosa candidatou-se à Academia Brasileira de Letras e foi eleito por unanimidade. Mas é a 19 de novembro de 1967, vítima de enfarte, 72 horas depois da posse que sempre adlara levando a emoção de vestir o fardão da Academia Brasileira de Letras, que o cidadão João Guimarães Rosa veio à fa-levor, impondo-nos a ausência sempre prematura e sempre muito sentida do grande prosador Guimarães Rosa.

**Professor de Literatura Brasileira (FUPI).

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Livros Têrnicos e Científicos, 1978, p. 396.
2. BRAT, Beth. *Efemerida comemorativa: Guimarães Rosa, S. Paulo, Abril Educacão, 1982*, p. 3.
3. *Idem*, *ibidem*, p. 2.
4. RICALZO, Nelo. In *Dicionário Literário Brasileiro*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 596.
5. PAES, José Paulo e MOISÉS, Massuzé. *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*, S. Paulo, Cultrix, 1979, p. 220.
6. *Idem*, *ibidem*, p. 221.
7. BRAT, Beth. *Op. cit.*, p. 5.
8. SOUZA, Ronaldo de Melo e. "Travessia e Epifania em **Grande Sertão: Veredas**", In *Revista Cultura* nº 15, Brasília, MEC, 1974, p. 121.

Da Costa e Silva

Prof. Bugya Brito



Justifica-se o fenômeno do gênio. Este não tem fronteiras apenas com a loucura, ele tem fronteiras também com o fenômeno da fealdade: os dois — loucura e fealdade — amarrados ao gênio, dá muitas vezes, à pessoa, o status da singularidade.

Em Da Costa a fealdade não se expressava com a falta de um órgão que deturpasse, por exemplo, o seu rosto; absolutamente, não; mas a esquisitice do perfil, guiada pelo lábio, denotava a força da potencialidade intelectual que atingia o homem, em cheio.

É certo que há, dentro da anatomia descritiva ou fisiológica, teoria de absoluto descrédito. A Frenologia de Franz Josef Gall, é uma. Aceita na Europa no início do século XIX, caiu redondamente. No Brasil, George Gardner a usou para criticar o Brigadeiro Manoel de Souza Martins, valoroso militar e Chefe do Governo Civil do Piauí por quase 20 anos. Souza Martins o hospedou oficialmente e, em caráter particular, prestou bons obséquios àquele que era botânico inglês, e isso em Oeiras, então capital da Província, mas ela na descrição feita no seu livro

Eu me felicito a mim por ver que o Piauí evoluiu bastante, ao ponto de celebrar neste 1985, a memória do seu maior Poeta — ANTONIO FRANCISCO DA COSTA E SILVA —, não o deixando ao esquecimento, à maneira do que aconteceu ao seu maior político — Francisco José Furtado — aquele que carrega o distintivo de Herói Nacional, e ao seu maior cientista — Pedro Francisco da Costa Alvarenga — aquele que enriquece o conteúdo da medicina mundial.

I

Alguém que visse Da Costa e Silva diria, sem maiores dificuldades, que ele era, dado o aspecto físico, um gênio, e esse julgamento me veio a mim desde a primeira vez que o vi, em Teresina, em janeiro de 1923. Eu era estudante de preparatórios, e Da Costa tinha ido à Teresina para tomar posse na cadeira n.º 21, da Academia Piauiense de Letras. Quando se fundou a Academia a 31 de dezembro de 1917 ele não estava presente, ou melhor, residindo no Piauí; houve, porém, por parte do grupo fundador daquele sodalício um convite especial para ele compor honrosamente o quadro acadêmico. A sua ida à capital piauiense além da posse acadêmica, prendia-se também, e como convidado do Governo do Estado, assistir às comemorações do 1.º Centenário (24 de janeiro) da Independência Política do Piauí. A sua fisionomia ficou tão viva em mim que até hoje eu a relembro com funda impressão, apesar do episódio ora relatado (o de vê-lo e até de falar-lhe em 1923) ter ultrapassado a barreira dos 60 anos.

II

Travels in Brazil, lançado em Liverpool em 1842, atacou o seu obscurador de 1839, citando Gall, como autoridade, para mostrar a cabeça do Chefe da Província piauiense como indicadora da falta de moral. A teoria de Gall por ser um sistema empírico ou de descrédito, teve para derrubá-la esta razão, cujo conteúdo, em língua francesa, eu pediria licença, ao ouvinte, ao ler o que consta da página 554 do vol. V do *Larousse du XXe siècle*:

"Phrenologie — Etude du caractère et des fonctions intellectuelles de l'homme, fondée sur la conformation extérieure du crâne. La Phrenologie, doctrine aujourd'hui abandonnée, fut fondée par Gall sur ce principe que le développement des différentes parties du cerveau se reflète dans les protubéran-

ces et les dépressions que se remarquent sur le cône et que, par conséquent, on peut juger du caractère et des dispositions intellectuelles et morales d'un individu par l'inspection attentive de son crâne. L'observation a montré qu'il n'en était jamais ainsi, attendu que, entre l'écorce cérébrale grise et la boîte osseuse, s'interposent les méninges et un liquide que empêchent toute influence directe de l'état des circonvolutions sur le relief osseux."

O assunto da teoria de Gall (e dos seus discípulos principais, J. K. Surpzhain e G. Combe) versus Souza Martins, foi registrado em nosso livro — **Quatro Escorços Biográficos** — Rio, 1978, quando fizemos o per- III do último

A expressão, na teoria, de descrito ou de sistema empírico, pertence à *Encyclopaedia Britannica*, que à pág. 849/51, volume 17, edição de 1950 (Chicago) explica o fato, afirmando que a Psicologia, a Fisiologia e a Experiência são ou foram os atributos enfrentados para a der- rubada.

A teoria ou sistema de Jean-Gaspard Lavatèr, de 1.774, explica- da no seu livro *Fragmenta Physiognomiques* e que, por conotação se adotasse agora para o caso de Da Costa e Silva, é bastante diferente. Embora a crítica informe que possa haver falta de caráter científico na teoria ou sistema de Lavatèr, e acrescenta que há, porém, louvadores pujantes da mesma teoria, é certo que ela tem mais lógica do que a Franologia de Gall, e isso porque a sua exterioridade é patente, prova- da que é, ou pode ser, através dum realismo relevante. Lavatèr estuda não a estrutura da cabeça, mas a vivacidade ardente e móvel da fisio- nomia.

Da Costa provou a sua genialida- de ao lado da feiúra. As suas feições humanas, opostas à formosura, constituem claramente um distinti- vo digno de admiração, eis que se enlaçam ao gênio ou grau de poten- cialidade intelectual. É, como o pró- prio Da Costa sentenciou certa vez, em versos, o espírito de Apolo en- cravado na feia catadura de Vulca- no... Cesar Lombroso, criminalista e mestre da Medicina Legal, susten- tava, em 1891, por exemplo, que o homem de gênio é um especial tipo biológico; é que a Biologia, — "estudando os seres vivos para conhe- cer as leis da sua organização e dos seus atos" — faz exibir diferença ou diferenças naquelas que se apresen- ta, na sociedade, como elemento portador da genialidade.

Possuindo o seu intelecto a po- tência de um gênio, é claro que a sua obra seja diversificada, pois:

além do enlace com as Musas o seu espírito encaminhou-se para a es- cultura, a xilografia e o desenhismo de figuras e paisagens, demons- trando originalidade, concepções e talentos mal se desabrocham, com a entrada da adolescência, as suas fa- coldades mentais.

Bem haja, portanto, o Governo do Estado do Piauí, instituindo, por Decreto, o que foi chamado o Ano de D.C.S., que começou em novem- bro de 1984 e prolongar-se-á até no- vembro de 1985. Esse ato do prela- ro Governador Hugo Napoleão alargou o tempo das homenagens e se- rem prestadas a quem se sobrepôs como elemento humano.

III

Quando se está escrevendo, fer- tamente, sobre o Poeta de Sangue (veja-se, entre outros órgãos da pu- blicidade a revista *Presença*, em edição especial, editada em Teresi- na, neste 1985, sob os ofícios pro- vetustos da Secretaria de Cultura do Piauí), vem-nos à memória a lem- brança de dois episódios. O primei- ro episódio tem sido ressaltado por alguns escritores e refere-se ao Ba- rão do Rio Branco, ilustre detentor (Ministro de Estado) da Pasta das Relações Exteriores, que se negara a atender a uma solicitação de in- gresso, na carreira diplomática, de Da Costa e Silva, sob o motivo de que o pretendente era feio. Possi- velmente deve ter havido outro mo- tivo, que não o da feiúra (talvez um de caráter político?) na verificação do nome para quem tinha lançado, fazia pouco tempo, um livro notável — *Sangue* — revelando-se um bril- hante homem de letras. A título de defesa do episódio acrescenta-se mais: na diplomacia brasileira sem- pre houve representantes feios, fis- camente falando. O próprio Rio Branco não era bonito: calvo e gordo não são atributos de beleza física para um homem. Conseguiu entrar para a carreira diplomática em 1876 por, fortes esforços do seu eminente progenitor — o Visconde do Rio Branco: esteve inicialmente, durante alguns anos, no Consulado Brasileiro em Liverpool, e aí em outros arquivos europeus, manuse- ando papéis, investigando alfarrá- bios e estudando documentos veio a possuir altos conhecimentos sobre a História do Brasil; foi, pois, uma bela aquisição que fezera o Governo da Monarquia ao nomear, então, o jo- vem José Maria, O Poeta Da Costa, se tivesse conseguido o ingresso, era de supor-se que trouxesse re- compensas para o Serviço Público,

na parte diplomática, eis que se tra- tava de um elemento portador de in- teligência, de cultura e de reputação ilibada, não obstante ser jovem na idade.

O segundo episódio passou-se com Olavo Bilac. Este, assoberrado de trabalhos intelectuais, pois rece- bia, em grande escala, cartas, men- sagens, telegramas e livros de alar- gada área do Brasil literário, não te- ve a cortesia de agradecer o recebi- mento do livro — *Sangue*. Falta de tempo? Calunido pelo trabalho in- tento em agradecer a vasta corres- pondência? O livro ofertado a Bilac pelo autor, teve um destino impró- prio, pois foi jogado fora, há quem afirme que no mar, ao lado de ou- tros papéis Bilac estaria embarcan- do para a Europa e resolveu agir pe- la lei do menor esforço, jogando na água, de uma só vez, uma papelada em que ia o livro *sangue*, recém-re- cebido.

Foi pena que isso acontecesse porquanto um e outro eram então fi- guras literárias que se impunham dois gigantes do verso, dois poetas que se tornaram extraordinários sendo que Da Costa era muito novi- na idade. Bilac é do ano de 1865, Da Costa de 1885. Uma diferença de 20 anos selava os dois corifeus da poesia brasileira.

IV

Desde quando começou a poe- tar, especialmente quando sei o li- vro de estréia — *Sangue* — em 1908, que o piauiense pode ter recebido louvores ao seu grande cantor, ou se tornou o *primus inter pares*, o principado da poesia, apurado em eleição, vem, porém, de 1928, quan- do o Cenáculo Piauiense de Letras instituiu fundada por jovens inte- lectuais em 1927, proclamou, em Teresina, a supremacia dacostiana. O Cenáculo apurou, por eleição lite- rária, o principado. Votaram os inte- lectuais do Estado num pleito livre após publicadas as disposições de eleição, e o resultado foi este: 1º lu- gar — Antonio Francisco da Costa Silva; 2º lugar — Jonas da Silva; 3º lugar — Celso Pinheiro. Foi feliz- escolha dos votantes, por isso que Jonas e Celso, dois grandes aulos alcançaram uma posição de relevo dado este fato: tratava-se de um terre autoleada por poetas, a mane- ra do glorioso Maranhão.

Da Costa, entretanto, não foi apenas um poeta. Foi um prosador brilhante, em que a frase limpa, atraente encheu as páginas de jo- nais e revistas do País, em vária

oportunidades. Sabe-se que ele tinha intenção de publicar um livro, em prosa. Não só a crônica, como a crítica literária iam ressaltar, com a publicação do livro, o brilho da sua pena; conceituando a sua posição de verdadeiro prosador.

Outro ponto a invocar nesta nossa conferência era a qualidade de funcionário público. Como empregado do Estado ele é aquele que trabalha, lida, dirige e serve com idealismo e patriotismo. O Ministério da Fazenda, para onde entrara em 1910, mediante concurso prestado no ano de 1906 em Teresina, é o centro em que age com probidade e competência, proporcionando inestimáveis serviços através da Chefia de Delegacias Fiscais do Tesouro Nacional de alguns Estados do País.

A respeito da sua posição como Chefe de repartição, há este caso que desejo informar. O relato foi me feito pelo funcionário subalterno com quem se passa o episódio. Da Costa era o Delegado Fiscal do Tesouro Nacional no Amazonas. A mãe dele da Chefia requiriu a de papéis e havia mais: o telefone que ligava as partes para receber em audiência, os pedidos expressos em consultas de subordinados para receber orientação de processos, o visto devido para as contas e folhas de pagamento. Tudo dependia da sua presença ou do seu ato para solução. Vem o funcionário a quem me refiro, com um processo administrativo que trazia, à mão, estado de dificuldades e para pedir luzes na informação de meritis. Da Costa, mesmo chego de casos e trabalhos, no momento, diz: **leia para eu ouvir...** Lidas as peças processuais (informações anteriores e pareceres, inclusive o pronunciamento do Consultor Jurídico da Delegacia), Da Costa diz: **o que teria de ser feito, e isso com senso, acerto e precisão dignos de um Mestre no assunto que estava tomando conhecimento somente naquela ocasião.**

O exemplo citado seria rotina nos seus afazeres.

V

Da Costa era Mestre na poética, ativo no trabalho material, preciso no cumprimento dos deveres burocráticos, mas era um homem modesto ou acanhado quando se tratava de assunto que viesse projetá-lo, intelectualmente falando, dentro das letras nacionais. Um exemplo mostra. Em 1933 um grupo de literatos, no Rio, sugeriu para ele se candidatar à Academia Brasileira de

Letras. O Martins Castello e eu — jovens jornalistas e piaulenses — fazíamos parte do grupo, e, através do *Diário Carioca*, fazíamos notas chamando a atenção, **data-vênia**, dos acadêmicos da A.B.L. para que sentissem ou, pelo menos, fizessem ver indiretamente, este fato: o Poeta de *Zodiaco* e de outros livros notáveis era digno de pertencer à mais alta instituição literária do País!

Da Costa teve acanhamento de ser candidato ou, pelo menos, de demonstrar vontade de fazer parte da Academia. Modéstia em grande escala e um receio — pode-se também imaginar — de um fracasso na eleição respectiva?... Possivelmente ele teria o exemplo de outros grandes espíritos da nacionalidade, como Cruz e Souza, Monteiro Lobato, Lima Barreto, que não lograram a entrada para a Academia. Em 1933 eu era recém-chegado ao Rio e amigo, muito amigo, de Martins Castello, que, há 3 anos, já trabalhava no *Diário Carioca*.

Ainda em janeiro de 1923, quando ele estava em Teresina, como atrás já fizemos referência, tive a satisfação de ver, de perto, o Poeta, e até de conversar ligeiramente. Entrei no *Clube dos Diários* em companhia da Cinobelino Passos de Carvalho — um preparatoriano como eu. Da Costa estava sentado numa mesa, prosando com outros senhores de relevância do meio. Inclusive o então Governador do Estado, Dr. João Luiz Ferreira. Cinobelino foi chamado por um dos senhores presentes que o conhecia, e, nesta ocasião, apresentado ao Da Costa. Como eu fosse companheiro do Cinobelino, ou melhor, eu andasse com ele, tive de aproximar-me da mesa, em cima da qual havia copos e garrafas de cerveja. O senhor que tinha chamado o Cinobelino apresentou este com as seguintes palavras: **trata-se de um futuro literato da terra...** Como ninguém me apresentasse, eu me encolhi, acanhado. Por certo o fato proporcionou emoção em Da Costa, tanto assim que ele me diz: **“e você? Piaulense, candidato também às letras, no futuro? Qual a sua cidade no Estado? Igualmente a dos Carvalhos de Alto-Sereno?”** (Alto-Sereno, um lugar de Oeiras).

— De Oeiras, mas da Praça da Matriz... (E daí, nervoso, todo o meu nome).

Uma resposta em que Da Costa demonstrou possuir uma memória admirável, não se fez esperar:

— Sim, conheço as duas famílias de que você descende. Com uma delas, e por mais de uma vez, tive aos 11 anos, contatos pessoais; tratava-se do seu avô materno — João Hermógenes Monteiro Bugija — que, em 1896, vindo do Ceará, mo-

rou no Amarante durante uns 3 anos: antes dele ir morar em Oeiras, estivera no Amarante”.

Amarante, como se sabe, foi empório do comércio de exportação do centro-sul do Piauí; Florianópolis não existia com tal missão comercial. Dentre os produtos que o Piauí exportava, via porto amarantino, estava a maniçoba, que ficou conhecido nos mercados estrangeiros como **Hevea Piauhensis**. O meu avô materno, efetivamente um cearense, e exportador da borracha da maniçoba, veio a murar no Amarante, cujo comércio sólido e próspero fazia com que o povo local tivesse um padrão de vida alto, comparável somente com o de Parnaíba. Urbanisticamente a cidade de Amarante chegou a ser superior a Oeiras.

No intervalo dessa conversa ou encontro feliz para mim, eu vi melhor, ou com mais detalhes, a figura imponente do meu interlocutor. Alto, olhos meio verdes, bem alvo (devia ter sido um tipo alourado quando criança), nariz grego, desembaraçado em mover-se e elegante no falar.

Adulto, anos depois, quando me interessei pela Antropologia, pude compreender que Da Costa devia ter, como primeiro ascendente no Piauí, localizado na fazenda **Tatu**, do município de Oeiras, um cidadão branco, bem apessoado, empreendedor, um daqueles magníficos representantes da raça ibero-insular (**Homo Meridionalis**) que Portugal nos legou em várias vezes na sua emigração ultramarina. De fato, Rodolfo Hermógenes da Costa e Silva, um ascendente e que foi o pai do Poeta, bem assim a mãe, D. Veneranda Angélica Santana de Oliveira (née), natural da cidade maranhense de Barão de São Francisco (localidade ribeirinha defronte à Amarante), são elementos que se destacaram pelo trabalho e pureza de costumes no meio em que viveram. D. Veneranda devia pertencer a um tronco anosos de lusitano, que tinha se fixado em Caixas (MA.). O nosso Poeta seria, portanto, um florão saído do fenômeno da Biotipologia. Um florão ornado dos perfidados oriundos dos Trópicos da América...

Rodolfo não era, no rigor da palavra, um literato. Era, porém, um homem de bom gosto intelectual. A sua biblioteca em casa, que o filho aproveitava para as leituras, compunha-se de obras estimáveis.

Quando da vinda a Teresina, em 1923, Da Costa, a pedido do Governador Dr. João Luiz Ferreira, fez o Hino do Piauí, uma composição poética que se rivaliza com as melhores que há, no gênero, pelo Brasil afóra.

VI

A minha terra é um céu, se há um céu sobre a terra.
É um céu sob outro céu tão fempido e tão brando,
Que eterno sonho azul parece estar subhandado
Sobre o vale natal, que o seu à luz descerra.

Que encanto natural o seu aspecto encerra!
Junto à paisagem, verde, a igreja branca, o bandu
Das casais, que se são,rouch e pouco apagando
Com o nevoeiro perfil nosaltos da serra.

Com o seu povo feliz, que ri das pedras magras,
Entre as três rias bebido a uma iloa, alegre e linda,
A cidade sorrindo aos osculos das fceas.

Terra para se amar com o grande amor que eu tenho!
Terra onde vive o breg e de onde espero ainda
Sete palmos de gleba e os dois braços de um lenho!

Sob o ponto de vista agrícola o município de Amarante é um dos mais férteis. Banham-no 3 rios, ou melhor, as suas terras são enriquecidas pelas águas do Parnaíba, do Canindé e do Mulato. Como há serrotes e serras (Araras, Moquillas, etc.) e íngremes talhados que o Canindé proporciona, aparecem nos sopés da orografia amarantina os baixões e baixadas que recebem os humus e fertilizantes que se notam, logo à primeira vista, pelos arvoredos; é que estes, encontrando maior umidade no solo, se projetam e vivem com mais vigor e imponência, compondo as matas verdejantes.

O nosso Amarante não é inferior ao seu homônimo de Portugal. Mesmo na parte urbanística a cidade portuguesa, à margem direita do rio Tâmega, disposto ou dividida em cidade alta e em cidade baixa, de ruas calçadas mas cheias de aclives e declives, de 5 igrejas, distante da cidade do Porto 66 km acima, etc., não se sobressai como localidade superior. É certo que o Tâmega serpenteia na parte baixa da cidade entre vinhedos e tilias, mesmo com pouco volume d'água por ser verão (agosto) na Europa, quando eu lá estive, mas a paisagem não é mais bonita do que a nossa, cortada pelo Canindé serpenteando entre canauelras, habaçus e ipês famosos, ou pelo Mulato de margens cheias de canaviais que farfalham ao vento com os seus pendões róseos-alourados e que sempre inspiraram a musa de Da Costa.

Numa das minhas viagens turísticas à Europa passei, certa vez, um mês em Portugal e, conseqüentemente tive tempo de estacionar um dia em cada uma das cidades do Amarante e de Oeiras.

O escritor Ribeiro Gonçalves (L.M.), ilustre amarantino, recebeu (e a sua família o deve guardar) fotografias e uma descrição que eu lhe mandara, quando eu estive no Amarante português nos idos de agosto de 1980.

Pois Amarante, terra natal de Da Costa, foi exaltada em versos por mais de uma vez. inclusive neste magnífico soneto que vale a pena recitar, agora, e que faz parte do livro *Zodiaco*, publicado em 1917:

VII

Alguns intelectuais que escreveram sobre Da Costa e Silva e que constam, entre outros órgãos de publicidade, na revista *Presença*, já citada, assinalaram que Da Costa, em poesia, não pertenceu a qualquer Escola Literária, dessas conhecidas e que vão do Classicismo até ao Modernismo, passando pelo Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo, este de índole simples ou pessimista, tudo ainda somado ao Indianismo ou ao Regionalismo. Disseram bem os intelectuais, eis que Da Costa não se ligou aos padrões das mesmas Escolas: e isso porque a sua poesia está em todas as Escolas; nestas o seu verso afiora, emociona, brilha e vive, como se estivesse construindo uma nova e desconhecida Escola...

Um dos seus críticos, Antonio Torres, salientou, quando apareceu o *Zodiaco*, que Da Costa, e isso ao contrário dos poetas brasileiro, não fez, no livro, versos estritamente de amor, não desceu ao pieguismo, à paixão romântica ao elemento feminino — que foi sempre uma fonte perene de inspiração e de sensibilidade.

Mas em outros livros — e isso por certo para não fugir à unanimidade da poesia brasileira — Da Costa cantou as Madonas e Beatrizes, tecendo emocionantes baladas.

Mas a sua poesia, com versos ou sem versos de amor, viverá pelos tempos afora. A linguagem, as idéias, a musicalidade e o estilo surpreendente, dando lugar à criação de uma Arte que é própria, dão à poesia brasileira a perenidade que qualquer Literatura estrangeira gostaria de possuir.

Desde a publicação do seu primeiro livro de versos que foi considerado como Poeta Dele — entre outros homens de letras —, houve esta opinião de Clóvis Bevilacqua, qual foi inserida na obra (1927) *História da Faculdade de Direito e Recife*: "Seu primeiro livro — *Seu nome* — (1908) produziu a sensação de pasmo admirativo". Esta pronúncia, partindo de Bevilacqua, que, não obstante ser cometido em elogiar, teve ainda aplausos, a ponto de chamar Da Costa a *Mestre consumado* na poesia, com uma crítica de alta significação literária.

Quem disserta sobre a biografia de Da Costa ou faz, deste, o elogio deve proporcionar ao ouvinte a vontade irresistível de escutar os seus versos com aquele poder de elocução que comove, com aquele atraente sonoridade de sílabas e palavras que musiclizam as frases com aqueles ritmos graduados e copondo a linguagem expressada.

Não se pode omitir esse fato mesmo porque a força de comunicação que se expande da sua poesia não faz silenciar o ouvido do mais exigente; do maior exigente músico que possa haver.

Por isso vemos ouvi-lo, como a remate a esta nossa conferência, soneto alexandrino — *A Moenda* — em que a alteração do r no segundo quarteto e o sentido filosófico no fecho da produção poética, fazem desta, uma preciosidade sem par em língua portuguesa:

Na remansosa paz da mística fazenda,
A luz quente do sol e a fria luz do luar,
Vive, como a expiar uma culpa tremenda,
O engenho de madeira a gomer e a chora

Ringe, range, mouquerna, a rigida moenda,
E rangendo e rangendo a casa a triturar,
Parece que tem alma, zolvinha e desvent,
A ruína, a dor, o mal que vai, talvez, caia

Movida pelas bois fardos e sonolentos,
Como, como a exprimir, em dardos lambr,
Que as desgraças por vir sabe as todas de

Ah! dos teus tristes ais! Ah! moenda arres,
— Alcool para esquecer os tormentos de
F. César, sabe Deus, um tormento maior!

[*] Conferência pronunciada pelo escritor Bluyva Brito a 12 de setembro de 1985, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, como contribuição aos festejos comemorativos do Centenário de nascimento do Poeta ANTONIO FRANCISCO DA COSTA SILVA.

Da Costa e Silva

Abjurar Bastos

Há trinta e cinco anos
passados morreu (junho de 1950)
um dos maiores poetas
brasileiros

Conheci-o em Manaus. Magro, rosto anguloso. Delegado Fiscal do Tesouro. O burocrata e o poeta, mais poeta que burocrata. Eu, Clóvis Barbosa, Raimundo Moraes e poucos mais reuníamos num dos movimentados bares da cidade, onde o forte era o chope. Clóvis Barbosa publicava *Redenção*. Mais tarde editava *A Selva e Equador*. Assento do modernismo no Amazonas, como um, no Pará. Amigos até hoje. E entre nós, nas boas conversas, a lembrança de Antônio Francisco Da Costa e Silva. Fraterno. Bem aberto aos afetos. Generoso: pagava quase sempre as rodadas do "leite", procurando se a fôrta dos que o rodeavam era a literatura, o fracasso e falta de dinheiro.

Um dia sim, um dia não, lá estamos.

Contagiara-se com o modernismo. E na mesa do bar escrevia versos lapidários. Muitos perdidos. Alguns publicados. Lembrou-me de um onomatopáico: sobre o frum.

Respirava poesia. Um versista empolgado com o Amozônia. Mas sempre ligado à terra natal, ao Paranaíba, à velha Amarante.

Podia ter sido um "aristocrata da antêtica", como o definiu Fausto Cunha, Bom. Sempre foi considerado um gênio da poesia. Mas não era afetado. Ao contrário: seus poemas eram lidos pela naturalidade limpa da fluência. Foi amigo de Carlos Dias Fernandes, Assis Chateaubriand e de três Augustos: o Freder-

rico Schmidt, o Meyer e o Rodrigues.

Coincidentemente tinha, comigo, as mesmas inclinações ao gosto modernista português, como Cesário Verde e Mário de Sá-Carneiro.

Foi simbolista, não me lembro, mas devia ter tido em mãos os livros de Lugêno da Castro (le quem te não um de sua fase clássica, *Camafeu*, n.º 1, autografado, de uma edição de 100 exemplares). Como nós outros, admirava Antônio Nobre, Verlaine, Mallarmé, Baudelaire, Verhaeren, talvez Rimbaud.

Está presente em todas as obras da história da literatura, em número

Publicou *Sengue*, *Parbola*, *Zodiaco*, *Verônica*.

Depois de conviver com os "novos" no Rio, andou por São Paulo.

Não o esqueceram no Sul e no Rio. Viana Moog, Vargas Neto, Augusto Meyer, Atlas Damasceno.

Sobry ele me escreveu uma vez (1975) Clóvis Barbosa lembrando a velha amizade e nossos encontros em Manaus: "Amanhecíamos na calçada do Porto Chique. A conversa escumentava nos assuntos literários. O homem parecia elétrico. Pequeno, magro, estrábico. Vestia-se bem. Sobry soube quem lho falava com propriedade. Com a palavra,



ros artigos de jornal, como os que publicaram Osório Rorive (Recife) em 1971 e Antônio Carlos Vilça (Rio) em 1975.

Andou por Belo Horizonte. Confraternizou da amizade de Abgar Renault, Carlos Drummond de Andrade, Antônio Machado e Alphonsus Guimarães.

De repente, em Manaus, nos dias de 1927 e 1928, era-nos eu, Clóvis e Da Costa publicando poemas e contos modernistas. E em Manaus que Da Costa estréia no modernismo, após ter sido parnasiano e simbolista.

Convém assinalar que a maioria dos modernistas passaram pelo simbolismo.

planningamente simpático. Agil e esclarido. Tinha belos serviços à cultura e a amigos culminantes na história da literatura. Mas não se colocava à frente dos acontecimentos. E tinha poite. Uma vez "cresceu" para o Raimundo Moraes, tentando agredilo. Moraes declarara paciência no modernismo.

É um depoimento sobre esse grande poeta que, durante quase 20 anos, se recolheu voluntariamente ao silêncio.

Morreu às 11 horas do dia 29 de junho de 1950, no bairro da Tauca (Rio). Pobre. Era visceralmente honrado. Um caráter de ferro. Paz e glória à sua alma.

Literatura

DA COSTA E SILVA

Lothar Hessel

Os plausíveis têm justificado o qualha com seu poeta maior, Da Costa e Silva.

Com esteio História da Poesia no Brasil que se preze, não pode omitir a figura desse bom poeta que nasceu no Amarante a 28 de novembro de 1885 e que na pia berçimil caelica recebeu o nome de Antônio Francisco.

Alonso Costa em seu **Parnaso Brasileiro**, antologia que se abre com outro poeta piauiense, Abdias Neves (Teresina, 1876 — Rio de Janeiro, 1956) e se fecha com um poeta paulista, Zeferino Brasil (Taquari, 1870 — Porto Alegre, 1942), inclui o poeta amaranthino e lhe transcreve sete poesias. Mais recentemente é José Osório de Oliveira que em suas **Líricas Brasileiras** (Lisboa, Portugalina Edit., 1954) o acolhe entre os selecionados, todos do século 19 e do atual, apresentando sucinta biografia e publicando-lhe o colibriado soneto "Saúde".

Já no Senado Federal, por ocasião da morte do poeta, foi o senador Ramo Gonçalves que pronunciou longo discurso de exaltação e memória, a 30 de junho de 1950. Ao decifrar que "Da Costa e Silva foi o maior poeta piauiense dentre vivos e mortos — um dos que contribuíram com poemas mortais para maior brilho das letras do Brasil" — recebeu aparte do senador Hamilton Nogueira, afirmando que "não somente o maior poeta do Piauí, mas um dos maiores que temos conhecido no Brasil". Minutos depois foi o se-



gador e romancista José Américo de Almeida que em aperte, recordou: "V. Ex.^a o conheci na infância, e o tive como companheiro na Academia. Foi um grande poeta do Brasil."

No ano passado tocou a vez à Câmara dos Deputados de recordá-lo publicamente. Três Poetas de sua Terra, discursos pronunciados pelo deputado Celso Barros Coelho, sendo os três: Da Costa e Silva, mito e realidade; Jilho Martins Vieira, e Newton de Freitas, um jovem poeta. O primeiro tora proferido "em sessão especial dedicada ao poeta no dia 22-11-1964".

Em Belo Horizonte, o **Suplemento Literário do Minas Gerais** de amplo difusão por estas terras, publicou a 13 de julho deste ano, artigo de F. S. Nascimento que assim começa: "Em sua **Visão Histórica da Literatura Piauiense**, escrevia Herculano de Moraes: 'A poesia de Da Costa e Silva assenta-se em duas escolas: simbolista, interpretada nos poemas de **Sangue**, o parnasiano, que determinou a fruição de seus poemas'. Assim afirmava o erasmista, baseado num depoimento crítico de Silviana Boens, expresso em seu **Florilégio da Literatura Luso-Brasileira**, ao afirmar que, se no primeiro livro (**Sangue**, 1908) Da Costa e Silva ainda trazia alguma influência simbolista, já no segundo (**Zodiaco**, 1917) se firmava como verdadeiro parnasiano, com reflexos de Verhaeren."

É o messianismo paulista D.O. Lettura, mensário de elevada circulação, ouvindo a lírica de Da Costa e Silva, trazendo sucinta biografia e percorrendo este do crítico. Daquela são os títulos: "Nascido à margem direita do rio Parnaíba, mais precisamente numa casinha modesta da Rua das Flores, na pequena vila de Amarante (Piauí), criou ali mesmo os seus estudos primários, para concluir o ginasio em 1906, no antigo Liceu Piauiense [...] Concluindo em Teresina o ginasio, viajou ao Recife para realizar ali o curso superior. Em 1913 recebeu o bacharelado do curso de Direito da Faculdade do Recife, retardando a sua emissão devido a doença. Aproveito um concurso do Ministério da Fazenda, em 1916, foi nomeado escriturário da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, percorrendo nessa função os Estados do Maranhão, Amazonas, Rio Grande do Sul, tratando da emissão de hêmus criados pelo governo central. Em setembro de 1925 dirigiu-se a Porto Alegre, para tomar posse do cargo de delegado fiscal do Tesouro no Rio Grande do Sul. Ali, ao lado de Alberto de Andrade de Queiroz, dirige o suplemento literário do **Diário de Notícias**, onde fez amizades com Afonso Damasceno, Theodomira Tostes, Vargas Netto, Viança Moog."

Nesse final as ligações indiretas do poeta amaranthino com a legendaria Taquari. Viança Moog, de raízes genealógicas taquarienses, e Theo-

Américo Tostes, baianoense de nascimento, amou gloriosamente Veneza. Está em carta ao autor deste artigo, de 23 de dezembro, assim sobre as felizes quadras de Porto Alegre da década de 20: "Conheci pessoalmente aquele poeta, quando ele estava em Porto Alegre, no longínquo ano de 1925, como delegado fiscal do Tesouro Nacional, cargo que exerceu durante mecos de três anos, período em que teve alguns contatos com o nosso grupo literário. Na nota intitulada "Simbolista e Parnasiano" que também está inserida entre as páginas remanescentes de um pequeno esboço de autor quando diz que "Da Costa e Silva ficou-se a Alberto Andrade de Queiroz, com quem dirigiu o suplemento do Diário de Notícias, "Ora, o Diário de Notícias, jornal em que colaborei desde a sua fundação em março de 1925, nunca teve qualquer suplemento, mas sim uma "Página Literária", publicada aos domingos e dirigida pelo nosso querido amigo Luís Viegara, da qual os componentes do meu grupo colaboraram assiduamente. Sr. Andrade Queiroz, que viveu mais tempo em Porto Alegre, colaborou, algumas vezes, na mesma página. Da Costa e Silva, ta-

vez devido às suas ocupações burocráticas, nunca figurou entre os colaboradores, apesar de suas inegáveis qualidades literárias.

Lembro-me bem do poeta, já quase emjubilão naquela época e, não indistintamente, como frequentador do nosso grupo de rapazes mais ou menos boêmios e de vagas tendências modernistas. Era um homem simpático, mas de uma vida perfeitamente retirada. Achei curiosa a parte do nota que se refere ao seu projeto ingressar, quando moço, na carreira diplomática, um fato de que nunca nos falamos e que eu, até agora, ignorava. Apesar de ele não ter um belo tipo físico, não creio que isto fosse motivo para que o Barão do Rio Branco, que galá que mostram seus retratos, estava longe de ser um Adônis transformasse e encerrada na carreira numa espécie de senecismo de beleza. Ainda conheço no Itamarati alguns velhos embalsamados dos remotos tempos do Barão, entre os quais o poeta Da Costa e Silva não faria má figura física alguma.

Não sei se o amigo conhece o interessante livro *O Grupo*, que Paulo de Góes publicou em 1976 em convênio com o Instituto Federal

do Rio. Note: Paulo refere-se à vinda de Da Costa e Silva a Porto Alegre e transcreve o verso "Solidade" que é um dos seus poemas mais conhecidos. É interessante notar que, ao contrário do Barão, Paulo descreve o poeta paulista como "um belo tipo de homem", o que mostra que a beleza física, como tantas outras coisas neste mundo, é uma questão de ponto de vista e muitas vezes de simpatia.

Finalmente o próprio Paulo nos poderia omitir-se neste ano poético. Assim, graças à sua proximidade com uma bonita edição da revista *Presença*, em edição especial, está editando um livreto de São 78 páginas, rico em ilustrações e em variado conteúdo, da autoria de muitos poetas, entre eles a do próprio poeta de Amaramita. Inclui a organização e publicação da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, sob a titularidade do deputado Jesualdo Cavalcanti Barros e com endereço à Praça Farochal, Doadora 111 - 816 - TELUSINA - CEP 94000-000.

Lothar Hessel

Historiador e crítico literário - membro da Academia de Letras do Rio Grande do Sul

Campeonato de GRD lota Ginásio do SESC

Tendo como convidadas especiais a professora carioca Daise Regina Pinto Barros e a ginasta francesa Bliot, da seleção do Rio de Janeiro, realizou-se em Teresina, o II Campeonato Aberto de Ginástica Rítmica, promovido pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

A direção geral do campeonato, realizado com um bom público no Ginásio Coberto do SESC, ficou a cargo da professora Marinês Mendes Medrado. A abertura feita pela subsecretária de Cultura, Desportos e Turismo, professora Lena Monteiro de Carvalho, que também foi o nome do troféu entregue à equipe vencedora.

Fazendo parte do II Campeonato Aberto de GRD, realizou-se um seminário sobre esta modalidade esportiva, que constou de conferências, debates e apresentação do novo código de pontuação da GRD. O seminário ocorreu no auditório do Palácio da Cultura e no Ginásium de Esportes do Iate Clube.



Participantes do II GRD no Ginásio do SESC

Mostra de Teatro Amador

Letícia Campelo foi considerada a melhor atriz na Mostra de Teatro Amador do Piauí, promovida pela Federação de Teatro Amador do Piauí (FETAPI), com apoio da Secretaria da Cultura, Desportos e Turismo, no período de 3 a 9 de agosto, no Teatro 4 de Setembro. O título de melhor ator ficou com Fábio Costa. José Dantas foi o ator revelação e Edy Ary, a atriz revelação.

Com um grande público, a mostra foi aberta no dia 3 com a peça "O Anjo do Corisco" de Ary Campelo. Em seguida foram apresentados trabalhos como "Quinze anos depois" e "Nos pegadas do meu bumba".

A mostra foi encerrada com a peça "Itanã" A república dos desvalidos de José Afonso Lima. A peça, montada pelo Grutepe, satiriza o Sistema Financeiro de Habitação.

Os prêmios ficam entregues no Restaurante Cofé Concerto, localizado à Avenida Marechal Castelo Branco, contando com a participação da diretora do Teatro, Alia Cardoso.

Também foram premiados durante a Mostra de Teatro Amador do Piauí Mariato Gomes, como melhor diretor; Romesio Sabóia, melhor iluminador; Raimundo Dias, melhor cenógrafo; e a atriz Letícia Campelo, como melhor atriz, na peça "Nos pegadas do meu bumba". O ator Edy Ary foi escolhido Miss. FETAPI 85.



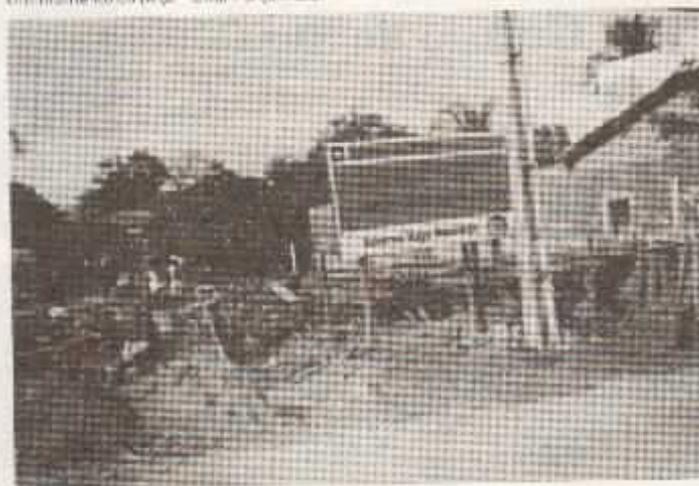
Um momento da peça "Uma Força Maior".

CASA DA CULTURA DE CORRENTE

Em virtude de convênio celebrado entre a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e a Prefeitura Municipal de Corrente, já está sendo construída a Casa da Cultura daquela cidade do extremo-sul do Piauí.

A Casa, que atende a uma justa aspiração da comunidade correnteense, ocupará uma área de 877 m², em dois pavimentos, e será dotada de biblioteca, galeria de exposições, auditório e memorial da cidade.

Corrente é um dos tradicionais centros de irradiação cultural do Piauí, e segundo o Secretário Jesuado Cavalcanti, a Casa vai dinamizar as atividades do setor em toda a região.



Conto de Fadas

Uma literatura para crianças



Maria do Socorro Rijs Magalhães

Em comemoração ao segundo centenário do nascimento dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, nascidos na Alemanha em 1785 e 1786, respectivamente, a editora Kuarup Books Alegria lançou, este ano, a coleção "Era uma vez Grimm" (1). A referida série é composta pelas mais célebres histórias da dupla, como é o caso de "Chapeuzinho Vermelho", "Joãozinho e Mariquinha", "Branca de Neve", "Cinderela", "A Bela Adormecida" e "Os Músicos de Bremen", as quais foram traduzidas integralmente do original, oferecendo, assim, ao leitor um contato mais direto com a autêntica narrativa de Grimm.

Desde a publicação dos "Contos de Grimm" (2), ou conhecidos "contos de fadas" (3), em 1812, na Alemanha, essas narrativas assumiram a condição de literatura para crianças. Os estreitos vínculos do conto de fadas com a literatura infantil podem ser expostos historicamente, uma vez que o advento da Revolução Francesa, no século XVIII, e a consequente tomada do poder pela burguesia, desencadearam um processo educacional voltado para a criança burguesa, com o propósito de formar indivíduos capazes de manter o sistema capitalista. Discorre daí a iniciativa de criação de uma literatura específica para o educando, através da adoção dos contos de fadas, os quais, por meio da fantasia, ajudam a inculcar no jovem leitor, a obediência aos mais velhos, a compaixão pelos fracos, o amor ao trabalho, a competi-

ção entre os indivíduos, o culto à família e ao casamento, e muitos outros valores consagrados pela sociedade burguesa.

Existe, porém, uma outra explicação para o bem sucedido conjunto entre o conto de fadas e a literatura infantil. No livro *A psicanálise dos contos de fadas*, (4) o psicólogo infantil Bruno Bettelheim analisa o caráter ideológico das narrativas e põe em relevo o seu conteúdo simbólico, que é, segundo o Autor, o elemento de atração para a criança, o que justifica também o prestígio dessas histórias por tantas gerações do mundo inteiro.

Segundo Bettelheim, não é o simples fato de que o conto de fadas seja um elemento de atração para a criança, mas um significado para sua própria existência. Por isso, na sua opinião, a melhor literatura infantil é o conto de fadas.



mas somente este tipo de história dá à criança respeito aos seus conflitos emocionais. Apresentando-se como uma duplicação do pensamento infantil, o conto de fadas possibilita um modelo adequado para controlar todas as necessidades psíquicas do indivíduo em crescimento.

A principal qualidade do conto de fadas é colocar o leitor diante de problemas humanos universais e oferecer-lhe sugestões em forma simbólica de como lidar com esses problemas. Desta modo, a criança entende simbolicamente toda a sua problemática existencial e descobre soluções que lhe asseguram a manutenção psicológica.

Durante algum tempo, os contos de fadas foram acusados de falsos ou "mentirosos", mas Bettelheim demonstrou o que toques são "verdadeiros" psicológicamente. Assim, de maneira muito clara e simples utiliza o tipo simbólico em suas histórias infantis, e a obra com o conto de fadas, apresentada com naturalidade a sua fantasia, sem confundir a com a realidade. A criança de certo modo volta-se para a linguagem simbólica que representa conteúdos inconscientes que foram simultaneamente rejeitados e egoicamente suprimidos. A compreensão desses dois aspectos, como é mostrado nos contos de fadas, permite a integração da personalidade e a realização da criança como ser humano.

Tomando como exemplo a história "Branca de Neve", Bettelheim mostra como um conto pode fornecer à criança uma solução satisfatória para seus conflitos edípicos. (4)

Como ocorre na maioria dos contos de fadas, a História de Branca de Neve desenvolve-se sob a perspectiva do herói, cuja personalidade está em processo de formação, enfrentando as dificuldades inerentes ao crescimento humano. A riqueza desse conto está no fato de que a sua heroína passa pelas principais fases da infância e da adolescência, resolvendo com êxito todas as seus conflitos internos.

Os estágios de desenvolvimento por que passa a criança são representados simbolicamente na trama pela morte da madrasta, abandono da floresta, convivência com os anões, novas investidas da madrasta e casamento com o príncipe. A madrasta simboliza a mãe que compete com a filha, o amor do pai. A disputa pela beleza representa o conflito edípico gerador da narrativa.

A criança edípica vê o genitor do mesmo sexo como um rival que deve ser eliminado, mas, para evitar sentimentos de culpa, ela projeta nos pais seus impulsos agressivos. Assim, na história de Branca de Neve, o crime é transferido para a figura materna, isto é, para a madrasta que ordena a eliminação da criança.

Os anões da história estão no nível pré-edípico, são indivíduos não amadurecidos, por isso mesmo não casam e nem têm filhos. Sua função no conto é apenas a de acentuar o desenvolvimento de personalidade da heroína. O período de convivência com os anões representa os tempos da pré-adolescência, quando as dificuldades são elaboradas para se tornarem na puberdade.

O reencontro com a madrasta significa as tentações do sexo que aparecem na adolescência. Branca de Neve é vencida pela vaidade de sentir-se uma pessoa atraente e por isso cai nas armadilhas que a madrasta lhe prepara. Nas duas primeiras vezes que Branca de Neve sucumbe às tentações do sexo, ela é salva pelas anões, o que significa uma regressão à adolescência. Porém, na terceira vez, ela é salva pelo príncipe, o que simboliza a passagem da adolescência para a maturidade.

O casamento com o príncipe sugere que Branca de Neve atingiu o estágio final de seu crescimento. Após um período de dificuldades na infância e na adolescência, a personalidade emerge vitoriosa de seus conflitos edípicos e de sua imaturidade sexual, pronta para um relacionamento maduro com alguém do outro sexo.

Segundo Bettelheim, este conto de fadas traz uma mensagem às crianças e aos adultos: para encarar o problema edípico em sua dupla

perspectiva. A história mostra que no desenvolvimento da vida infantil essas dificuldades são normais. Para os adultos que sentem inveja e ciúme dos filhos, o fim é o próprio destruído, a exemplo do que ocorreu com a madrasta de Branca de Neve. Simbolicamente, a narrativa que o crime infantil é natural, mas o crime do adulto em relação à criança leva todos à ruína. O amor de tal natureza não é a solução de toda instabilidade interna; exterior pode contribuir para a "mundo melhor". (5)

Apresentando os eventos de vida psíquica através de uma linguagem simbólica, os contos de fadas ensinam pelo método indireto como enfrentar o caminho que leva à maturidade psicológica. Para o autor de *A psicanálise dos contos de fadas*, esses contos populares, compilados pelos irmãos Grimm, como há um literatura verdadeiramente libertadora para a criança por sua natureza, ao mesmo tempo de uma linguagem simbólica que apresenta seus impulsos inconscientes através de bruxas, fadas e anões e de um final feliz que lhe sugere que ela também pode vencer suas dificuldades. Uma história completamente "real" priva a criança de lidar com sua própria realidade no único plano em que isso é possível, ou seja, no plano fantástico. E a privação do fantasia, segundo Bettelheim — pode levar uma regressão na adolescência até mesmo na idade adulta.

(4) Professora de Literatura da UFPA.

NOTAS

1. Coleção "Era uma Vez Grimm". Casa Vera Travassos de Aguiar. Livro apresenta comentários, bibliografia de apoio e comentário sobre a história. Ilustração: Nelson Bacia Fardoch, tradução de Vera de Aguiar. São Paulo: Editora Rocco, 1985.
2. A coletânea publicada pelos irmãos Grimm trata o tema de "Kind und Hausmärchen", isto é, "Contos de crianças e famílias", editado por JULIUS GRIMM, Formas simples, São Paulo, Cia. 1976, p. 181.
3. BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
4. Conflito edípico ou complexo de Édipo, assim é denominado por Freud, porque a substância essencial é encontrada no mito grego de Rei Édipo. Denota o caráter das relações da criança com os pais, o qual passa por várias etapas da sexualidade. Cf. CENHA, Jurema Alcides. *O conceito de Termos de psicanálise*. Freud. Porto Alegre, Globo, 1978.
5. Bettelheim, op. cit. p. 254.

LIVROS

magalhães da costa



Magalhães da Costa

Estação das Manobras, de autoria deste resenhista. Contos. Projeto "Petrônio Portella", 1985, 82 págs. Ilustrado por Albert Piaul. Sobre essas narrativas escreveu o autor, com data de 29 de setembro passado, a poetisa Yeda Protes Barrios, da Belo Horizonte: "Li o seu livro com prazer. Sua literatura é ágil, inteligente, e não se perde em rebuscamentos inúteis. Você narra com sabor a vida interiorada, em seus momentos mais simples, com ternura e sebeduria. Você é um contista. Agradeço o envio do livro, que ficou em minha estante exigente, junto aos grandes do conto". O editor Ênio Silveira, por sua vez, assim se expressou sobre nosso trabalho: "Li seus contos alguns são, na realidade, mini-contos! de uma essentada, agradando-me muito da linguagem saborosa em que estão escritos e do doce-amargo, da espontânea ingenuidade das histórias, antes reveladoras de observador atento que seu autor é da condição humana que o cerca". Mais um que se manifesta — Eduardo Campos, contista cearense: "Gostei sincera-

mente do **Estação das Manobras**, principalmente pela naturalidade do diálogo. Sua literatura, i.e., sua maneira de contar, literariamente, é informal e por isso mesmo deliciosa. É o que me agrada mais nos seus contos: o aquele tom campestre, que mesmo no urbano cheira a pobreza". Não resisto à tentação de transcrever texto de carta do grande romancista João Filipe dos Santos, autor de Xica da Silva, que me emocionou, clamorosamente. Ele: "São 24 luas no 1. da madrugada. Del a data lá de cima (23/24 de julho). E que agorinho recém terminei **Estação das Manobras**. Sim senhor! Parabéns. Quisera eu ter um espedozinho e varre **quantum satis** para fazer uma boa apreciação de seus contos. Muitos gostosos de ler. Dialogação tão espontânea que dispensa descrições de cenários. Conversinha boa, dispensando idas ao dicionário. Tramas suaves e não deixando na gente compromissos mentais. São como uma boa taça de vinho fino: desce bem e... pronto! Deixam apenas a subtileza de um momento agradável. Um sorriso. Uma lembrança de uma pequena infância..."



Um Homem Particular, de H. Dubel. Ficção. Projeto "Petrônio Portella", Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, Teresina, 1985, 70 págs. O poeta aqui se faz na prosa, como se costuma dizer, apresentando pequenos grandes dramas íntimos e maravilhosos e poéticos sonhos de um ser na sua mais profunda particularidade, no seu esmiuçado ego, trazendo lembranças, coisas passadas, vivências ainda, memórias vivas, desejos e visões, tudo dentro de uma linha poética e fantástica real, atribuíveis somente aos talentosos, como o caso desse prosador de canto bonito. São textos poéticos, mergulhos em profundidade na alma do homem só, ou relatos mostrando o universo particular de cada um de nós, no figura dum dos reais Tesseras, que aqui surge em quase todas as pequenas peças do livro, composto de vinhetas, de poemas em prosa, dos melhores que já se produziu em língua portuguesa nesta última década, não tenho medo de afirmar. Escritas em linguagem apurada, contida, precisa, onde se ressalta um extraordinário poder de síntese e grande contação, dando largueza e horizonte ao pensamento do leitor, as peças e ficções reunidas nesta pequena obra são, sem dúvida, a afirmação, logo de entrada, no gênero, de um grande ficcionista, de um prosador de peso e medida que vem marcar presença forte no mundo de nossas letras e mostrar — apesar da discussão — que a literatura ainda existe, sem favor. Todos os textos são composições de perfeita, acabada e realizada arte, não havendo títulos a destacar, dado o nível de igualdade e grandiosidade de cada um. Eu, particularmente, não destaco nenhum, não me atrevo, pois confesso ter gostado imensamente de todos, verdadeiras jóias literárias. Boa, bonita apresentação gráfica a cargo do talento e do mérito do "Poeta do Traço" — Albert Piaul. Lançamento de gala do Projeto "Petrônio Portella".

[*] Cronicista (com o e)

homens que tiveram início com a romanização (7). Pode-se afirmar, com segurança, que o catolicismo popular é a expressão de uma complexidade crescente de práticas rituais em um processo simbólico de relativa autonomia, em relação cada vez mais direta com a prática sob a mediação da ritualização do *liliter carismátic*, em um nível que não é constituído pela autoridade da instituição.

No catolicismo popular, isto novo e a formação acontece por grupos de pessoas autônomas em sua atuação religiosa. Estes promovem, organizam e abremantam as festas e têm um difinidum as devoções. O núcleo central deste catolicismo é a celebração no dito "multa reza e pouca missa; muito santo e pouco padre", isto exatamente porque todos se reúnem para celebrar os santos, reconhecer os benefícios recebidos durante o ano; pedir a permanência dos santos como protetores. Todos os santos, povo e santos — participam do banquete. No Nordeste há um costume de se celebrar o almoço de São Lázaro. O ritual é o seguinte: uma mesa posta para refeições em oito lugares. Sete destas serão ocupados por cães e o lugar da cabeça será ocupado pelo promotor da festa. Este depois de tomar parte da refeição com os cães, espera para que os lugares, até então ocupados pelos cães, sejam substituídos pelos amigos e convidados, que se sentam sete após sete até o fim da banquetaria. A simbologia é que os cães que se fizeram companheiros de São Lázaro são substituídos, nesta nova ordem, pelos que buscam a santidade — os homens. Assim diz o texto da oração repetida comunitariamente por cada contingente que participa e refeição. Aqui o padre é convidado para completar a festa, para trazer aquilo que falta: missa, batizado, confissão (poucas vezes) e casamento. Contudo, se não houver padre, a festa será realizada.

A ordem do serviço religioso não é imposta pela autoridade porque não há instituição. Quem puxa o canto é o rezador. Ele sabe e é ouvido pela comunidade que o autoriza (9). Outro sabe iniciar o canto e tem coragem para tal. A celebração tem caráter. Quem canta os *beuditos* é um carismático que vive o respeito e a seguida. Nome conversa com os agentes da celebração do mês de maio (vide nota n° 9), pode escutar o seguinte: "esta festa deixa a gente realizada pois aqui é Deus, o Cordeiro, o Divino Espírito Santo e a Nossa Senhora primeiro (isto uma mulher que falava) é que se misturam com a gente, com todos. Isto é muito bom porque faz mudar o coração dos homens malvados e acres-

centa ao coração dos homens bondosos e calmos". Outro texto interessante, é que São Terence (vide nota n° 9) nunca vai à Igreja sendo no mês de maio. O argumento é ter que cuidar dum filho excepcional. Não pode deixar a sozinho. Mas durante o mês de maio? Ela fica com a proteção da Maria Nossa Senhora sempre da o seu lado. Mas todos os domingos católicos sozinho não tenho coragem não sozinho. Como entender isto? Difícil, a lógica é totalmente outra.

O catolicismo do povo faz aparecer uma relação devocional onde o marco fundamental é a aliança entre o fiel e o santo.

A espiritualidade do povo é essencialmente simbólica. Nesta simbologia, percebe-se que pelas condições socioeconômicas em que vive o povo, há uma busca de Deus e de esperança. O povo recorre mais a uma simbologia religiosa-cultural — ritos e devoções — do que aos rituais eclesiais normais e oficiais. Nesta situação, a espiritualidade popular é uma espiritualidade desamparada. Espiritualidade no sentido (10).

O catolicismo popular supõe a qualidade fundamental entre os comuns e por isto é que pode subsistir prescindindo da presença eclesial. O povo mesmo tem seus ministros e mantém a comunhão com sua gente e com os seus santos. São leigos que têm o sagrado nas mãos dentro de um universo simbólico que se lhe aparece da própria experiência cultural e ritualística.

1.2 — Pentecostalismo

Trata-se dos grupos religiosos diversos que armam seus adeptos com esquemas de pensamento e de comportamento no quadro organizacional da rede de grupos, através dos quais, eles se sentem capazes de enfrentar as dificuldades da vida num grande centro urbano. As empreitadas grupais organizadas são o que representa o catolicismo popular para com a Igreja Romana, em relação às grandes expressões pentecostais como Metodistas, Batistas, Presbiterianos, etc (11). Neste sentido, a experiência religiosa de marginalizados manifesta-se como uma alternativa religiosa para os indivíduos socialmente desconhecidos. E por não serem heréticos.

O pentecostalismo diz respeito a um fenômeno religioso essencialmente urbano, onde nasceu e vive. Por esta razão, rejeita os valores da sociedade urbana e encarna um comportamento frente à sociedade urbana cujos valores estão, cada vez mais, carregados de munitarismo e

de pecado, que devem ser fundamentalmente rejeitados pelos seus. Em contraposição, o pentecostalismo adota três tipos de respostas, santificação pessoal, dons do Espírito Santo e a segunda vinda de Cristo (12). Nesta simbologia de Deus Novo (13) é quase explícita a fundação dos novos adeptos devem sentir a afiridade pessoal e o auto necessitando de sua própria pessoa. Toda a experiência religiosa se confunde à experiência da religião renegadora donde procedem os adeptos — catolicismo devocional e a interseção social e eclesial romana.

Assim encontramos a construção das profissões ligadas ao comércio e serviços: frutinheiros, barbeiros, levedeiras, etc. Tais profissões são que não têm vez, nem voz nas expressões religiosas oficiais, espontaneamente, em um lugar, as orações são preferidas por todos sem a mediação de agente algum, pastor, presbítero ou anjo. O que faz isto é o poder de Deus como tal, no catolicismo popular, o santo que faz milagre aos seus devotos.

A linguagem pentecostal tem uma função pedagógica de ensinar e ocultar ritos. São ritos, as as experiências, "conversão", "salvos", "libertos" e "mundo do pecado". O que sobressai é a simbologia do templo. Este é o espaço seguro dos convertidos. A experiência religiosa revela os ritos encobridos e desforçando as desigualdades sociais. A religião que se pretende, ali sem a divisão de classes, é a negação da realidade de divisão e legitimação da divisão das classes sociais (14).

Quando por um lado percebe-se entrar-se como alienante por prescindir da realidade clássica, a estrutura simbólica do grupo tem uma contrapartida. Os membros do universo social são associados com as funções e cargos da organização religiosa. Dele, no plano individual, as funções de promoção social são realizadas nas brochas abertas na dimensão coletiva pentecostal, mais auto-protesto simbólico. Os comuns se fazem cobrir de gestos e sinais religiosos espontâneos como uma forma simbólica de se afirmar com.

Destaca-se no pentecostalismo a participação qualitativa de todos presentes na produção de um religioso. Esta produção se inscreve nas relações sociais que interligam os agentes da produção contingenciando, a um tempo, nas posições que ocupam no consumo e na ocupação do trabalho religioso. Nas pregações, depoimentos, orações espontâneas e coletivas, uma presença no templo nenhuma separação se estabelece entre agentes categorizados (gestores) e o simples fiel. Tudo isto oculta-se dizer que todos,

sem discriminação de funções ou culturas, têm acesso direto à produção dos bens religiosos. Desaparece a distinção entre quem produz o rito e quem o recebe ou o pratica como mediação do bem simbólico. Esta forma de transmissão da mensagem não é apenas tarefa de uns mas missão de todos que se envolvem na experiência pentecostista (15).

Nas minhas visitas muito dialoguei e dentre uma das conversas pessoais me ficou claro que o que conta não é a relação dos agentes com os meios de produção religiosa (orações, gestos, cantos, linguagem etc) mas as relações que interligam os crentes configurando-os como produtores diretos de seu mundo religioso. Não há divisão social do trabalho religioso. Fica pois quebrada a distância e o desnível social desaparece, dando lugar à igualdade de posição na produção religiosa de modo a superar as formas de submissão. Ninguém sabe mais que ninguém. A ausência de coisas programáveis, de tarefas a serem cumpridas, porque já confiadas, são supridas pela espontaneidade em que emerge a iniciativa de cada um.

Tendo presente o diálogo (15) que realizei, pode-se afirmar que a autoridade do pastor não é despótica nem arbitrária que possa ou venha anular, completamente, as iniciativas dos crentes. Assim já se pode afirmar que o pentecostalismo reduz seus adeptos à condição de massa.

1.3 — Culto de Umbanda

Num esforço de compreender a simbologia do universo mediânico, meu primeiro contato foi com o espiritismo kardecista durante cinco anos. Contudo, tendo que considerar válidas minhas visitas e leituras sobre a umbanda, pude constatar com clareza que a "fenômeno da possessão (recebimento da entidade = guija)" tem uma forma particular na explicitação da relação do homem com o sobrenatural, muito comum a outras expressões religiosas do mesmo fenômeno — relação homem-divindade — na cultura popular brasileira. E acredito que seja por esta razão que a umbanda sempre foi combatida. O combate é desencadeado sobre a nova identidade dos umbandistas que se difere da identidade oficial imposta, pela cultura e pelas instituições religiosas, como modeladora oficial de identidades convites com o poder político e social. Isto equivale dizer sobre o lugar privilegiado que a Igreja Católica (outras igrejas cristãs) ocupa na sociedade, como se pode dizer, uma ordem onde os poderes políticos disputam o direito de impor determinado comportamento e deter-

minadas crenças invalidando outras (16). Neste sentido é que a umbanda é considerada herética em relação à religião oficial e à sociedade.

Na umbanda um aspecto preponderante para o culto e o exercício de prestação de serviços, não é a autoridade concedida pela instituição, mas algo que o filho-de-santo vai conquistando. Não é qualquer um que pode exibir uma grande quantidade de guias — o seu número se associa à importância do médium — sua antiguidade o terreiro corresponde ao seu posto na hierarquia (17), daí a importância do rito de iniciação chamado sessão de desenvolvimento que não é aberta ao público. Estes médiuns, depois de iniciados, passam a ser designados com o nome de (yano baô) que não faz separação entre homens e mulheres, todos são "feitos-no-santo" (18) por poderem incorporar a entidade pelo transe. Nesta experiência o fiel encontra sua identidade na complementariedade existente entre o profano e o sagrado na existência quotidiana. Não existe a oposição entre dois mundos distintos mas, a relação entre o símbolo e o seu significado. Esta relação fundamental é que está presente nos rituais, nos fundamentos, desde uma simples consulta ao "exu" ou na doação do ashê (obrigação) que fazeteca o entrosamento entre o orum (santo) e o atyê (filho-de-santo e seu mundo) (19).

Mas, o que nos interessa mais explicitamente é o aspecto sócio-simbólico do culto, pelo qual a umbanda se torna herética e tomando parte dum único sincronismo das religiões marginalizadas.

Na umbanda há toda uma práxis que leva a uma percepção instrumental da religião e a recorências ao místico como forma de se situar no quotidiano, de desenvolver-se a solucionar problemas. Aparece neste universo uma valorização da identidade pessoal do homem, "tratando-se de cada caso, de cada filho, pai ou mãe-de-santo, está sempre situando o particular, o individual no universo místico. Nenhuma obrigação é igual a outra, mesmo nos pequenos detalhes, nos atos ou gestos mínimos. Cada um é um. Nada substitui nada, ninguém substitui ninguém" (20). Esta é a regra.

Dentro desta regra, o universo simbólico de apreensão e comunhão com as entidades, revela a ruptura com a ordem estabelecida. Os exus são referidos, habitualmente, como "povo-da-rua" e pomba-gira a mulher prostituta que no culto toma posição de destaque e de poder. Isto realiza exatamente o contrário da realidade fática. Há um protesto e uma inversão da realidade sócio-religiosa estereotípica. Um paradoxo experiencial. As entidades

mais valorizadas na umbanda são pensadas pelos umbandistas como seres inferiores e subalternos ao homem branco. Só podemos pensar na Patrícia "que a subalternidade tem um valor positivo para a religião. Daí poder dizer-se que o poder religioso da umbanda (grife meu decorre de uma inversão simbólica em que os estruturalmente inferiores, na sociedade, são os detentores de um poder mágico particular, este advindo da própria condição que possuem" (21).

O grande triunfo da umbanda é a inversão de valores da hierarquia que ordena os espíritos. Estes "mestres" em vários aspectos, passam a "mais" em outros. O homem branco imagem ideal colocada no topo da ordem evolutiva, não tem os poderes que possuem os seus subalternos (22). E na força dos subalternos que fica revelado o santo protetor (23) e o dono da cabeça: "xangô das almas", apelativo de São Pedro do catolicismo popular ou oficial (24).

O que se pode afirmar é que na umbanda, o filho, a mãe ou o pai-de-santo encontra a sua identidade. Também aquele que busca a consulta ou a iniciação, experimenta a paridade de tratamento em relação aos semelhantes encarnados ou desencarnados que baixam, incorporam o cavalo; cavalo — médium ou aparelho como diz o espiritismo). Aparece a sua identidade dignificante consigo mesmo e com a divindade. Em suma, não há diferença no experimento de consumir o bem religioso simbólico.

2 — Unidade Sincrônica

Depois desta penetração no universo da religião popular das camadas populares de nossa gente, alguns pontos merecem uma atenção pela unidade que formam.

2.1 — A busca de Sentido

Uma casa de umbanda é como qualquer outro templo do povo: oratório ou casa da bênção. As pessoas e procuram da mesma forma como buscam o médico, o advogado, o deputado, o amigo, a cartomante ou ainda Nossa Senhora Aparecida, Menino Jesus de Praga, Santo Antônio etc. A busca é para a solução de problemas, de situações concretas do quotidiano ou existenciais.

2.2 — Encontro e Identidade

A busca de solução não significa a absoluta aceitação do conteúdo mítico, mas somente dos resultados. São os efeitos benéficos que impulsionam e constante busca da umbanda, do pentecostalismo e das expressões católicas populares. Isto

porque lá nestes "mosteiros" há a confluência do homem com a sua identidade dignificante e originante na contradição e da **contra-posição** aquela identidade que lhe é imposta pelas estruturas religiosas mantenedoras da estrutura social e da divisão de classes.

2.3 — Dialética da Revolução Simbólico-Política

Nas expressões religiosas, aqui estudadas, aparecem a explicitação e a configuração das estruturas

constitutivas do campo religioso. Nas Igrejas oficialmente aceitas pela sociedade, há uma legitimação da ordem política — divisão de papéis na conformidade da divisão de classes — pela ordem simbólica de gêneros e consumo do **capital religioso** como bem de produção. Nas expressões populares acontece a **subversão simbólica** da ordem simbólica afetando a ordem política estabelecida. A subverte na experiência ritual que possibilita a evidência do homem sujeito do seu próprio pro-

cesso de realização como aquele que gera e consome o **bem religioso**.

Epílogo

O que caracteriza as religiões populares: é aquilo que as originam e as sustentam: **gestão e consumo do bem simbólico religioso**, isto bem fora da divisão social de classes, possibilitando a confluência do homem com a sua **auto-identidade** na **identidade homogênea** dos crentes.

NOTAS

1. **Capital religioso** e compreendido aqui como um bem de produção numa analogia ao **capital**, que controla as relações entre os elementos de modo a criar uma estrutura de dominação e marginalização entre os consumidores deste bem. Nesse sentido, os bens de produção religiosa legitimam a real divisão de classes e a oposição entre dominantes e dominados, mantendo os bens de produção como resultado da divisão de trabalho, repositando na exclusão de religiosos pela marginalização do gênero próprio bem de consumo, que pertence ao especulador, cuja atitude ideológica defende sua posição na praxis ritualística. Cf. BOURDIEU, J.

2. **Gênese e Estrutura do Campo Religioso**, in *A Economia das Trocas Simbólicas*, Perspectiva, São Paulo, 1977, pp. 35-39.

idem 43.

3. Pode considerar isto quando (14/05/85) visitava, juntamente com um colega, o Centro de Umbanda da rua Hyde Penteiro, Botafogo, no Rio de Janeiro. Na ocasião chegavam três universitários da PUC-RJ e se apresentaram "sejam os pesquisadores e que é o chefe desta Igreja?". Ao que respondes o presidente do Centro: "terreiro e de qual? Há no plano do terreiro e o qual? Não sei, irmão bagunça". Retornam um estudante "queremos uma entrevista, só uma pergunta". O Presidente: "sejam nas mãos levant a mão e eu não vou esgarar a meu latim com vocês. Caso queiram assistir, fiquem calmos" e resumia muito.

4. Cf. MEB/Cultura Popular, notas para Estudo, in FAVERO, O. Cultura Popular e Educação Popular, Graal Rio, 1981, pp. 77-78.

5. Cf. BOURDIEU, J., op. cit. 40.

6. É interessante a que às orações de massa gente, o povo se ocupa a Deus contra a lei das mais fartas e das opressoras. Cf. CNBB, Doc. n.º 17, Religiosidade Popular, Paulinas, São Paulo, 1974.

7. OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. "Comunidade e Massa - Desafio da Pastoral Popular", in REB n.º 41, fasc. 174, Junho de 1984, pp. 288-299. OLIVEIRA, P. R. de, et alii. "Evangélica e Comprometimento Religioso Popular. Caderno de Teologia Pastoral, n.º 06, Vozes, Petrópolis, 1978, pp. 71-74.

8. Cf. OLIVEIRA FILHO, J. J. "Notas de Sociologia das Seitas", Cad. ISER, n.º 01, Rio, 1975-48.

9. Este ano (1985) acompanhei a gerência e o consumo do **bem religioso** durante o mês de maio, na Paróquia S. João Batista da Lagoa (Rio). Naí, mulher que conhece as ideias, conhece os carismáticos para as funções do culto à N. Senhora. Depois da preparação, a serviço foi assim distribuído: Helinda

usa o tempo com varas e ilustrações. Teresa coordena e toca os cantos. Para os cantos não conta a história, melhora (ou distorve) a história de copiar para o vizinho. Não houve lugar para o vizinho. Não houve lugar para a mulher. Contado disse-me alguém: "o bento mesmo foi a igreja da coroação, mas não que a missa".

10. Este ano (1985) em observando a decoração 5.ª Antônia (73,06) coletou muitos mensagens, cultivos, orações da igreja brasileira (a fora do círculo) via e dando pedidos e agradecimentos nos tercos: 5.ª Antônia como este ano não não mais, ele serve para andar sempre e vos pedir dinheiro. Segue os pedidos: saúde, igualdade vida com os outros, etc. Também encontro várias famílias, inclusive num recente de família de família (divina da Santalva de 5.ª Antônia) descrevendo este ritual: "Rezar 5 Pai Nosso, 3 Ave-Marias e 5 Glórias ao Pai, durante 3 horas finais com uma vela acesa, aguardando no final da oração. Usar sempre a mesma vela. Pedir 3 graças, sendo 2 impossíveis e outra para a melhoria geral ou a que quiser pedir. No último dia da oração deixar a vela queimando no final. Passar uma vela a cada dia da oração".

11. Dentre os vários ramos pentecostais temos: Congregação Cristã do Brasil, Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal da Igreja para Cristo. A análise presente tem como unidade representativa o grupo "Evangelho Quadrangular", que visito quatro vezes em junho de 1980 no Rio de Janeiro.

12. Cf. ROLIM, Francisco C. — "Religião e Classes Populares", Vozes, Petrópolis, 1980, 162.

13. A expressão **Dois-Nova** não é tomada no sentido teológico, mas na perspectiva sócio-simbólica de superação da divisão de classes.

14. ROLIM, F. C., op. cit. 170.

15. Naíma conversa com Edgar e dois companheiros na igreja Quadrangular (18/06/85). Após sendo escutado num culto, ele me respondeu: "não sou pastor, sou um crente que paleia profetiza e evangeliza. Não sei nem ler, meu filho lê a Bíblia em casa e eu estudo com a catequese a passagem, e, aqui repito e dou mensagem e até o pastor gosta, Aleluia".

16. Cf. BIRMAN, Patrícia — "O que é Umbanda", Brasiliense/Abril, São Paulo, 1985, pp. 7-14.

17. Idem, 44.

18. COSTA, Neusa Mendes — "Misticismo na Experiência Religiosa do Candolô", in Ciências da Religião, Ano II, n.º 2, Junho, 84, pag. 95.

19. Cf. BIRMAN, Patrícia — "O que é Umbanda", Brasiliense/Abril, São Paulo, 1985, pp. 7-14 e COSTA, N.M., op. cit. 108-111.

20. Lá no centro de Umbanda (vide nota 3) quando eu pagava a obrigação (chamada vela), deixava uma moeda da vela obrigada, mesmo que seu irmão tenha pago, ele só poderá ter o vértice por isso. Vide COSTA, N.M., op. cit. 111-114.

21. BIRMAN, Patrícia, op. cit. 45-46.

22. Na visita ao centro, encontro-me com a entidade que incorporava o mediador principal, não havia nenhum parassensível (porfusão) e pareceu ficar ríspido dos sentidos. Foi na França, São-Mateus e Centro Geral. Não aconteceu o morto para entrar no trabalho.

23. No meu caso, os profetismos eram os traços da vida futura: as crianças, os animais, Oxum e Iansã representando o mundo marginal.

24. Como não foi revelado naquela noite de 11/06/85.

Bibliografia

BIRMAN, Patrícia — "O que é Umbanda", Brasiliense/Abril, São Paulo, 1985.

BOURDIEU, J. — "Gênese e Estrutura do Campo Religioso", in *A Economia das Trocas Simbólicas*, Perspectiva, São Paulo, 1977.

CNBB — "Religiosidade Popular", Doc. n.º 17, Paulinas, São Paulo, 1974.

COSTA, Neusa Mendes — "O Misticismo na Experiência Religiosa do Candolô", in *rev. Ciências da Religião*, Ano II, n.º 02, Junho/84.

MEB — "Cultura Popular, notas para Estudo", in FAVERO, O. *Cultura Popular e Educação Popular*, Graal Rio, 1983.

OLIVEIRA FILHO, J. J. — "Notas de Sociologia das Seitas", in *Cad. ISER*, n.º 05, Rio, Novembro/75.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de — "Movimentos Carismáticos na América Latina: uma visão sociológica", in *Cad. ISER*, n.º 05, Rio, Novembro de 1975.

— "Comunidade e Massa. Desafio da Pastoral Popular", in *REB* n.º 44, fasc. 174, Junho/84.

ROLIM, Francisco C. — "Religião e Classes Populares", Vozes, Petrópolis, 1980.

A talha do Piauí Considerações sobre o Retábulo de Oeiras

Dagoberto Carvalho Jr.



Retábulo em N. S. da Vitória de Oeiras. (Quarta fase)

Origem

O gosto de decorar igrejas com retábulos de madeira dourada é oriundo de Flandres e da Alemanha, de onde chegou à Espanha. Os chamados retábulos **flamejantes** alcançaram também Portugal. Nos dois países, a esse estilo seguiu-se o plateresco. Define-se, então, em painéis a estrutura do retábulo a que Juan de Herrera (no altar-mor do Escorial, 1579) conseguirá impor a monumentalidade das ordens greco-romanas. A escultura evoluirá, a partir daí, do "papel de (apenas) marcar as verticais" (1), dividindo em espaços inter-colunares o todo pictórico. Essa influência espanhola fez-se em Portugal primeira e principalmente, através dos retábulos de Portalegre (Catedral) e Coimbra (Convento do Carmo) e propiciou o desenvolvimento de nova arte — a talha de retábulos — que em breve (notadamente como arma da Contra-Reforma) ganharia espaço competindo com a arquitetura, fonte inspiradora que muitas vezes logrou superar na força de elaboração.

Estrutura

A composição de nossos retábulos obedece independentemente de sua caracterização estilística a uma trama de quatro divisões principais (2). São elas: o embasamento dos pés direitos, o corpo propriamente dito com a marcação do terço inferior das colunas e o coroamento. Compõem nos, ainda, a banqueta, o sacrário, a imagem orago e a figuração sagrada superior.

Ao emitir em trabalho anterior (Um Santuário do Médio Paranaíba), conceitos gerais sobre arte, notadamente a arte sacra brasileira, dissemos dever, a talha de nossos retábulos, tributo maior à arte do povo. Nessa observação, concordamos ainda com Lima de Toledo para quem, nesse caso, o erudito foi apenas "ponto de partida para manifestações mais ricas de invenção" (3).

Tipos

Em seu estudo clássico sobre **A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil**, ensina Lúcio Costa que as transformações sucessivas porque passaram os nossos retábulos, independentemente de influências regionais e de preferência de ordens e irmandades religiosas, "repetem curiosamente e na mesma cadência, as várias etapas que percorreu o conjunto da arte europeia na sua evolução da idade clássica à Renascença, através dos estilos medievais — românico e gótico" (4). Assim, ao primeiro tipo — consideraremos também quatro os momentos mais significativos da evolução de nossos retábulos — correspondem as obras executadas em fins do quinhentos e primeiras décadas do século XVII. Nessa antiguidade, como bem a chamou aquele mestre, enquadram-se os retábulos eruditos que,

sem serem mais renascentistas, ainda não o são barrocos. Classificamo los como Proto-barrocos. Esse tipo de retábulo é também denominado **Jesuítico** porque, da preferência quase exclusiva dos inacionos. De mesmo risco são, por exemplo os do início do seiscentos que conhecemos: lateral da Graça (pedra), em Olinda e mores da antiga Igreja de Santo Inácio do Rio da Janreira (destruída) e São Lourenço dos Índios (foto) em Niterói.

A segunda fase, dita seiscentista (apesar de deter, o referido altar de São Lourenço, que é exemplar perfeito do primeiro tipo, mais ou menos de 1640), será, marcadamente, de gosto franciscano. Talvez disséssemos melhor, apenas de preferência franciscana pois, vamos encontrar nesse estilo, ainda, os belos retábulos das igrejas da Companhia no Embu (São Paulo), Guru (Sergipe) e na do Colégio do Maranhão. O

este dominou durante boa parte do século XVII e deixou-se caracterizar pelo "partido de colunas torsas revidadas em planos recorrentes".

É a que bem se pode chamar romana. Exemplos magníficos desse período são os retábulos da Capela Dedicada da Ordem Terceira da igreja franciscana de Santo Antônio do Jacinto (foto). Dessa fase é também o retábulo da Igreja do antigo Colégio do Maranhão, atual Catedral de São Luís, coincidentemente, também dedicada à Nossa Senhora da Vitória. A invocação oitrenta da mesma Senhora é de 1696. O retábulo maranhense, segundo o Padre Metendorf, construtor do Colégio, foi executado por Manoel Manços, entalhador português, auxiliado por escultores brasileiros, discípulos dos jesuítas" (6), antes de 1699.

Já em fins do século XVII, o barroco em sua opulência criadora des-
conhecerá os limites da composição regular a que até então se contivera, passando a dominar por toda a primeira metade do século seguinte. Aqui, as colunas já se afastam oferecendo espaço às imagens das pedreiras. Os arcos mais abertos recebem dosséis que protegem os troncos. Ainda, as volutas, a profusão de anjos. A esse barroco nacional já corresponde em Minas Gerais uma segunda fase da escola leste (do D. João V), de vez que a região, ao tendo conhecido o jesuítico, lo-

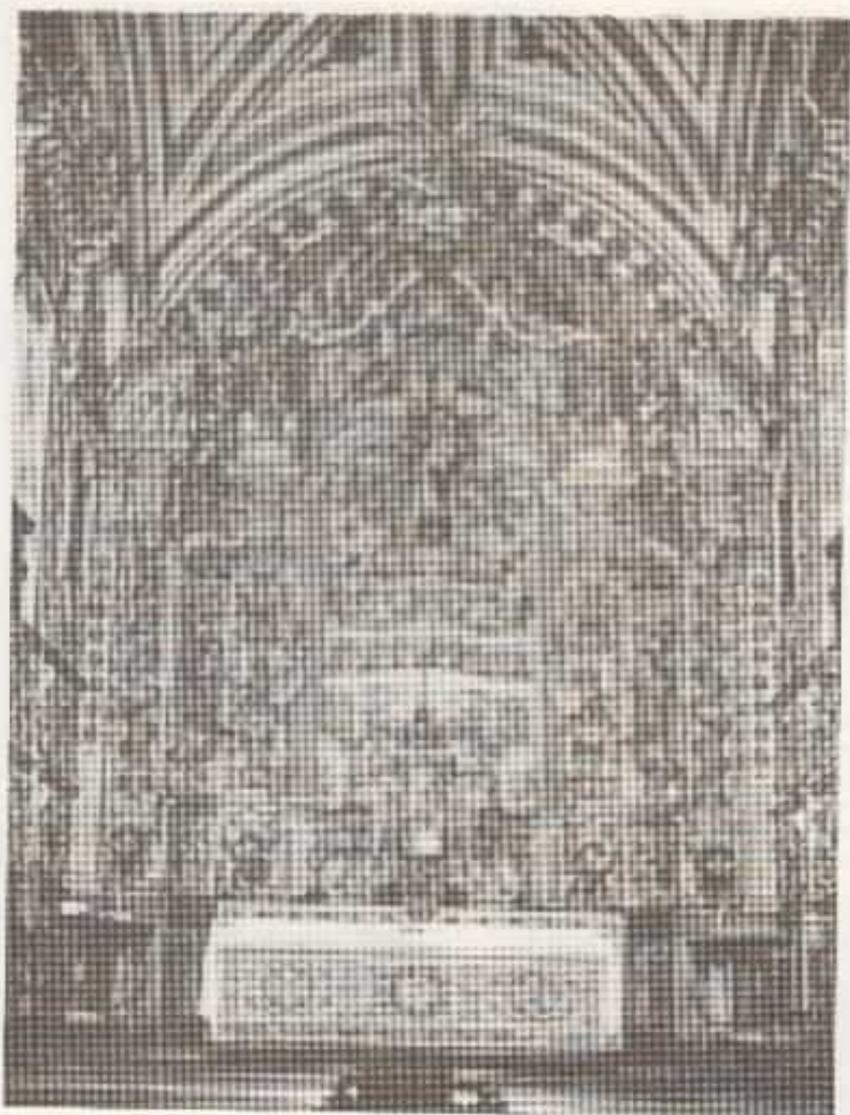


go assimilou o românico, tido por Robert Smith como estilo nacional português.

A segunda metade do século XVIII, correspondente ao novo estilo que, sobretudo, em Minas, é adoto-
do como alternativa ao antigo, e será o partido das grandes matrizes locais. Esta quarta etapa caracteriza-se pelo desafogamento do desenho, numa verdadeira retomada da composição do primeiro momento. Volta a destacar-se a talha aliviada de tanto ornamento e de tanto ouro puro, na observação de Lúcio Costa, muitas vezes perder-se "no requinte, sembo mesmo no enfado" (7). As colunas salomônicas dão lugar a outras apenas estriadas e de capitéis coríntios, "a aplicação de ouro intensiva nos demais tipos sobrevém limitações e é apenas admitida nos relevos delicadamente talhados" (8).

Arte Popular

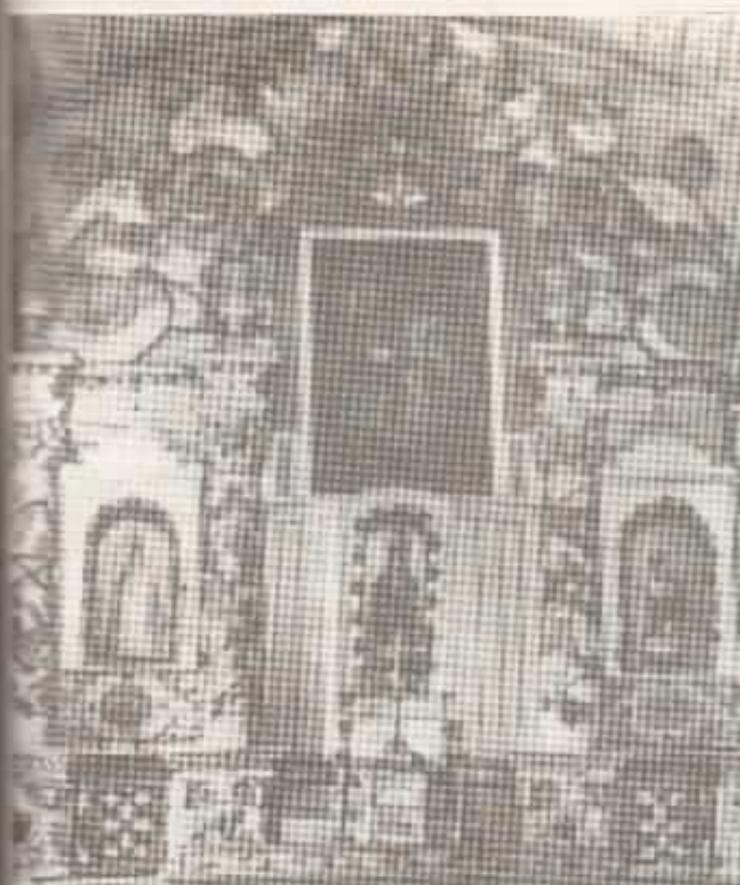
Vimos em largos traços a evolução da talha de retábulos no Brasil. Tentamos enquadrar o estilístico no cronológico mesmo sabendo do perigo a que se expõem tais classificações, se não pela coincidência de mais de uma escola no mesmo tempo, pela influência deste na evolução daquelas. Vale contudo, pelo compromisso vocabular da história de nossa arte sacra. Sem esquecer



anda e, principalmente, as influências locais, como no caso citado por Germain Bazin, do retábulo de capela da Fazenda de Santo Antônio, em São Roque, São Paulo. "O artista que fez a fração desse altar não estava absolutamente a par das formas em uso e na falta de modelos, teve que inventar ao acaso" (9). Para Bazin não é mesmo, "necessário mergulhar no interior do país para que sejam encontrados reflexos tardios das formas elaboradas nos grandes centros". Aqui, pode-se e deve resgatar como **popular**, a produção primitiva de nossas obras de arte. O homem do povo com todas as suas injunções de ordem cultural vai influenciar a arte de maneira cada vez mais espontânea, como executante e consumidor. Essa influên-

quanto mais distante do litoral, estiverem o homem e sua contingência. É o próprio autor de **A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil** que aponta, para legitimar esse posicionamento, o exemplo da Missão Jesuítica da Ilha de São Paulo, a matriz de Viçosa do Ceará que se enquadra do ponto de vista estilístico como obra de meados do seiscentos, só é de, aproximadamente, 1700. Certamente — escreve Bazin — algum padre idoso projetou-o e foi **grosseiramente** executado pelos indígenas. A hipótese não se pode afastar em definitivo visto que, desde 1656, frequentavam os jesuítas, a Ilha de São Paulo. A primeira tentativa de estabelecimento na região foi abandonada já em 1662, datando sua restauração, pelos padres Ascenço Ga-

cia e José, efetivamente, tanto maior go e Manuel Pedrosa, dos primeiros anos da última década daquele século. O que, com efeito, não foi apreendido pelo francês que tanto trouxe ao estudo da história da arte no Brasil, foi o valor da contribuição não europeia à arte brasileira. A execução **grosseira**, por índios e, depois, por negros (aqui, incluídos os mestiços) de riscos e modelos portugueses só fez antiquizar o patrimônio artístico nacional. Exemplo notável da contribuição dos primeiros, as ruínas de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul; de negros e mestiços — destacando-se entre estes a figura genial de Antônio Francisco Lisboa — toda a obra inigualável do barroco mineiro

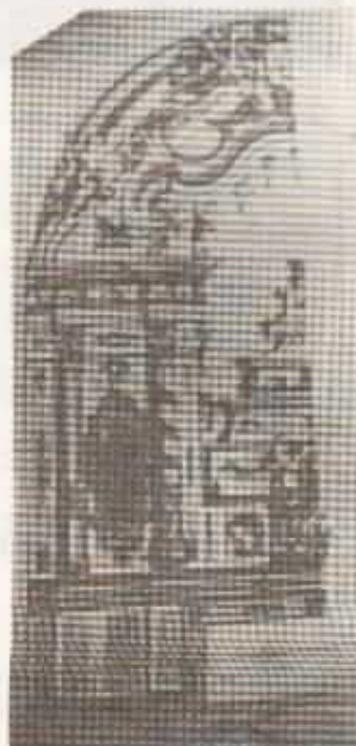


Oeiras

O retábulo da Matriz de Nossa Senhora da Vitória de Oeiras em seu despojamento escultórico, deve ser visto, antes como produto do tempo — sem esquecer as naturais influências do mar — que como resultado tardio de gosto surpreendido, por volta de 1700, no retábulo do Colégio dos Reis Magos, no Espírito Santo. É, próprio, o da atual Nova Almeida, retábulo intermediário entre os da primeira e segunda fase e, mesmo assim, de características muito locais. Não podemos descobrir, contudo, possível influência jesuítica nas obras da Matriz de Oeiras, sobretudo, pela coincidência de sua conclusão (1733) com a presença atuante de inicianos no médio Camindé. Só portanto, a partir da definição em pedra e cal da igreja, ter-se-á pensado e executado o atual retábulo.

Com data provável de 1768, encontramos documento fotográfico (que reproduzimos) de "Risco de retábulo para a Matriz de Santo Antônio da Ilaverava" (10) que muito se aproxima do adotado em Oeiras, pelo espaço do camarim, pelo pró-

prio tronco primitivo de Oeiras dispensava, também, o nicho no oratório envidraçado que conhecemos pelos motivos ornamentais (rocaille sobretudo) que complementam o coroamento. Ponto de união — e dos mais significativos — entre os de Nova Almeida, Oeiras e Ilaverava (risco), a localização dos co-padroeiros, agora em nichos frontalmente encaixados entre as colunas de sustentação da arquitrave, deliberadamente afastadas. Com relação a essa localização frontal de imagens, observamo-la, também, nas igrejas jesuíticas do Colégio de Campos de Gollerases (Estado do Rio de Janeiro) e no Ibiapaba, em grupos simétricos de dois nichos sobrepostos, situados, os da base, quase ao nível do altar e, os superiores, correspondendo ao camarim. Não por coincidência essas obras são mais ou menos contemporâneas e bem poderiam ter tido como fonte o altar-mor da própria Igreja de São Roque de Lisboa. Vale lembrar que tanto o retábulo do Jacapaba como o dos Reis Magos são fruto de interpretação tardia e interiorana do estilo já antigo, enquanto os do Campos e São Luís têm risco atual para o tempo de sua execução.





No retábulo de Oeiras, salientando o espírito rococó da época de sua feitura, "as superfícies vazias de fundo são pintadas de branco, efeito de aplicações sobrepostas, o que sugere uma certa dissociação entre os relevos e o corpo da obra devido aos efeitos de cores" (11). Particularizamos o que, sobre os retábulos desse período, de um modo geral, escreveu Oscar Campiglia. Em Oeiras, pode-se fundamentar, ainda, a influência dos padres ou, só até de obras, da Companhia — no caso, da Igreja de Nova Almeida — nos elementos decorativos que encimam as pilastras, na arquivada.

Conclusão

Não podemos estender às obras de decoração de nossa hoje Catedral, conceito básico de Paulo Thadéu Barreto sobre a própria igreja que: "projetada fora do Estado (e) construída seguramente com apoio oficial... não foram lentos, o conceito, a Matriz de Piracuruçu concebidas pelo povo" (12). Nas obras complementares da Sé de Oeiras, notadamente: no seu retábulo surpreendem-se elementos de gosto popular. Se não no risco, na execução, fato que lhe analise ainda mais as qualidades artísticas.

Referências Bibliográficas:

1. Bazin, Germain; A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil, 1ª ed. Imax, 1983, 1ª vol., p. 257.
2. Costa, Lygia M.; Inovação de Antonio Francisco Lisboa na Estruturação Arquitetônica nos Retábulos in Revista do Patrimônio, n° 18, 1978, p. 223.
3. Zanini, Walter; História Geral da Arte no Brasil, 1ª ed., 1983, vol. 1º, p. 156.
4. Costa, Lúcio; A Arquitetura Jesuítica no Brasil in Revista do SPHAN, n° 5, 1941, p. 43.
5. Costa, Lúcio; ob. cit., p. 45.
6. Bazin, Germain; ob. cit., vol. 1º, p. 291.
7. Costa, Lúcio; ob. cit., p. 47.
8. Campiglia, G. Oscar; Igrejas do Brasil, Ed. Melhoramentos, p. 19.
9. Bazin, Germain; ob. cit., p. 283.
10. Avila, Afonso et al.; Barroco Mineiro — Glossário de Arquitetura e Ornamentação, 1980, lot. 47.
11. Campiglia, G. Oscar; ob. cit., p. 19.
12. Barreto, Paulo T.; O Piauí e sua Arquitetura in Revista do SPHAN, n° 2, 1938, p. 223 e 222.

Visite, em Campo Maior - PI
o Museu do Couro
e o Monumento do Jenipapo

Padre Chaves



A. Tito Filho
Presidente da Academia
Piauiense de Letras

A 15 de setembro de 1935, em Teresina, ordenava-se sacerdote o jovem Joaquim Raimundo Ferreira Chaves, nascido na cidade piauiense de Campo Maior a 9 de março de 1921, filho de Raimundo Chaves e Antônia Herondina da Silva Chaves. Na capital do Piauí desempenhou muitas missões religiosas e intelectuais. Vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo, desde 1941, tornando-se arcebispo em 16 de janeiro de 1950, secretário do Bispo de Dom Severino Vieira de Melo, Reitor do Seminário Menor, Diretor do Colégio São Francisco de Sales, Vigário Capitular, por eleição da Arquidiocese, quando morreu o arcebispo Dom Severino.

Vigário Geral no governo de Dom Avelar Brandão Vilela, Chanceler do Arcebispado nos governos de Dom José Falcão e Dom Miguel Angelon Câmara Filho.

No magistério adquiriu conhecimentos, lecturando português, francês e história. Professor do Seminário Menor, do Colégio São Francisco de Sales, do antigo Liceu Piauiense (hoje Zacarias de Góis), Mestre Universitário.

Jornalista. Fundou e dirigiu o órgão "O Dominical", com segurança e equilíbrio.

Em 1952, terminou com grande ajuda popular as imponentes torres da igreja do Amparo.

Historiador e pesquisador. Primeiro lugar em concurso promovido pelo Governo sobre a participação do Piauí nas lutas de independência nacional.

Publicou as seguintes obras: "Teresina - Subsídios para a História do Piauí"; "O Índio no Solo Piauiense"; "O Piauí nas Lutas pela Independência do Brasil"; "A Batalha do Ipanapa"; "Como Nasceu Teresina"; "A Es-

cravidão no Piauí"; "O Piauí na Guerra do Paraguai" e "Apontamentos Biográficos e Outros", em dois volumes.

Membro da Academia Piauiense de Letras, ocupa a cadeira pronunciada por Lucido Freitas.

Por elevados serviços prestados, possui o título de Cidadão Teresinense.

Pertence-lhe o título honorífico de **Monsenhor**, concedido pelo Papa João XXIII.

Domingo, 15 de setembro de 1985, cercado dos aplausos de todas as classes sociais, Padre Chaves completou 50 anos de ordenação sacerdotal.

Padre Chaves, como ele gosta de ser chamado, faz muitos anos que se dedica de corpo e alma à igreja do Amparo, a primeira de Teresina, a igreja de seu amor. Sacerdote virtuoso, coração de bondade e sentimento, venera o a paisagem teresinense, a que ele tem dedicado o melhor de uma vida de trabalho espiritual intenso, rezando missa, batizando meninos, casando noivos, confessando pecadores, confortando fiéis. Todos

gostam das práticas religiosas que ele realiza, pois nelas gasta apenas os instantes preciosos, com o que exonerar a gente da frequência das demoradas cerimônias e práticas prolixas. Adota recolta segura para não propiciar a paciência do próximo, ao mesmo tempo em que se põe sempre solícito e amigável, leal e correto, inoxidável no querer bem aos outros. Ao lado da plenitude, diverte-se à pesquisa histórica, persistente, sustentado por capacidade de observar, e desse esforço surgiram escritos de valor, lítos, honestos, rico patrimônio para repastar os estudiosos. O seu livro sobre Teresina, que se incorporou às fontes comemorativas dos primeiros cem anos da cidade como documentário expressivo, lembra as fases iniciais da capital piauiense: — as ruas, os cafés, os templos, as casas comerciais, o teatro, os festejos carnavalescos, as manifestações religiosas, os episódios cívicos, o telégrafo, o barão vapor, a higiene, a polícia, a escola, os passeios de cavalo, enfim o que ia nascendo; o que se foi criando, os passos inaugurais dos costumes e do progresso da comunidadezinha plantada por João Antônio Saraiva entre dois rios. E os torres, E os serenos de baile. E a discursiva laudatória. Quantas coisas antigas, com cheiro de mofo, o bom do padre buscou em registros velhos e delas fez obra saborosa. Nele o pesquisador preocupa-se sobretudo com a verdade e tem coragem de assentá-la e de escrevê-la. As lições dos seus livros constituam um fonte segura para conhecimento de variado aspecto da história do Piauí. — que ele expõe e analisa com critério. Oferece estilo plástico, prosa ágil, sabe reviver o passado e os homens que o construíram, e os critica de forma imparcial e cuidadosa. De mim, julgo o historiador sereno, hábil, metódico, às vezes irreverente, apoiado todas as vezes sobre invulgar capacidade de discernir e interpretar.

Ministro da Cultura visita o Piauí



O Ministro da Cultura, Aluísio Pimenta, fez sua primeira visita ao Piauí, depois de investido nas funções, no início de agosto, demorando quase dois dias em Teresina, quando prometeu ao Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti, atender as reivindicações formuladas pelo Governo do Estado.

Aluísio Pimenta chegou a Teresina no dia 2 de agosto às 18:00 horas, participando logo em seguida, no Palácio de Karnak, da solenidade de entrega da Medalha do Mérito Renascença do Piauí ao escritor e jornalista Álvaro Pacheco. No aeroporto, o ministro foi recebido pelo Governador Hugo Napoleão, pelo Secretário Jesualdo Cavalcanti e diversas outras autoridades.

VISITAS

No dia 3, sábado, o ministro Aluísio Pimenta, na companhia do Secretário Jesualdo Cavalcanti e da Subsecretária Lena Monteiro de Carvalho, visitou vários órgãos da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, como o Museu do Piauí, o Palácio da Cultura e o Arquivo Público, a Biblioteca Estadual e o Teatro 4 de Setembro.

Em Teresina, o ministro Aluísio Pimenta ouviu do Secretário Jesualdo Cavalcanti um relato das atividades desenvolvidas pela sua pasta. O Secretário mostrou o que já foi feito para a preservação da memória do Estado, através da criação do Museu do Couro, em Campo Maior, e do Museu de Arte Sacra, na cidade de Oeiras, e da ampliação do acervo documental da Casa Anísio Brito, em Teresina, com o recolhimento a ela de papéis dos poderes Legislativo e Judiciário. Falou, também, do trabalho realizado na recuperação de prédios históricos, entre eles a "Casa Odilon Nunes", na cidade de Amarante, e voltou a pleitear a liberação de recursos para transformar a Casa Grande de Simplicio Dias, em Parnaíba, e a Usina Maria Bonita, em Floriano, em espaços culturais.

Ao final da visita, o ministro Aluísio Pimenta prometeu que o Ministério da Cultura dedicará uma atenção especial às reivindicações do Piauí, num reconhecimento ao trabalho que aqui está se desenvolvendo.

Semana do Folclore

A Semana do Folclore do Piauí foi comemorada no período de 15 a 22 de agosto, numa promoção da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo. A abertura da semana foi feita com uma exposição no Museu do Piauí, reunindo indumentárias de grupos folclóricos do Estado, desde o popular bumba-meu-boi ao menos conhecido tambor de crioula.

Na abertura, o professor Cinéas Santos fez uma palestra sobre temas folclóricos e comentou os filmes sobre os encontros de folguedos promovidos pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

No dia 21, também no Museu do Piauí, foi realizado o concurso de desenho livre "Figuras do Folclore", com um grande número de participantes.

A exemplo do ano passado, a Semana do Folclore do Piauí atraiu um grande número de pessoas ao Museu do Piauí.



O FOLCLORE PIAUIENSE

William Falha Dias



Assim como a língua é o conjunto de hábitos convencionais de uma coletividade, de um povo, resumida em gramática ou dicionário e, por assim ser, considerada idioma de uma nação, o folclore é o conjunto de crenças populares de uma época ou de uma região, traduzido espontaneamente pelos contos, provérbios e cantares que possam encarnar as suas lendas, seus costumes, suas tradições. O vocábulo é masculino e de origem inglesa — de *folk* povo e *lore* ciência ou conhecimento. Destarte, cada povo, cada nação ou minimizando cada região pode e deve ter um folclore. O Piauí, posto que de pouco ou desconhecido folclore, concorre, de qualquer maneira, para o enriquecimento do folclore brasileiro, vez que, de que possui condensado no gênero, pode se orgulhar de sua genuinidade. Quem por aí, a não ser nós piauienses, tem uma "Não se Pode", um "Cabeça de Cula" ou uma "Miridan"? Ninguém. E, ainda mais agora estas lidimas exclusividades, ainda temos nossos ditos, provérbios, canções populares e lendas outras de que tanto podemos nos orgulhar. E, para que não fiquemos apenas em conversa, ilustremos esta crônica com o "Cavalo Piancó" e o "Pagode". Este não é tão autêntico piauiense quanto aquele, desde que se não tent por certo em que parte do Brasil foi mais primitivamente difundido. Todavia, sabe-se que é uma dança afro-brasileira e com muita acatização para as bandas das Alagoas, de onde se espalhou Brasil afora até atingir o interior piauiense, em data imemorial. Foi, porém, no Piauí, onde o "Pagode" encontrou melhor acatização. Em consequência disto, muito modificou-se e enriqueceu-se de originalidade. Sendo uma dança que não obedece regras e nem técnicas, dança-se aos pares e ao som de tambores e maracás. Em alguns locais do Piauí, especialmente em Floriano, é usado em época de festejos juninos quando os caboclos, em traje caipira, vão pelas ruas da cidade conduzindo um bai-fantasia e com ele vão cantando e dançando seu pagode. Noutros locais, entretanto, o canto e a dança se realizam em redor da fogueira de São João e os dançadores se vestem, igualmente, de traje caipira.

CANTU PARA O PAGODE:

Bol estrelo mangueira,
bol estrelo mangueira,
bol estrelo mangueira,
quem te ensinou a cantar...

Redou trocou no pilar café (bis)
quero me casar mas papai não
querr,
bol estrelo mangueira.

Atire a roda gente no sereno bar-
rufando
de baixo do arvoredor eu vi meu
bem chorando.
É todo o povo no pilar café,
quero me casar mas papai não quer

...



A cobra salamanca
é uma cobra de agonia,
se pisar o rabo quebra
se pisar no meio chita, chia,
chia...

Penerou, penerou, penerou
queviu de mala para penerar
Mamaê, mamaê, mamaê
olha o moço do bonê (bis)

Em cima daquela serra
olha o moço de bonê,
tem uma fita balançando,
olha o moço de bonê
Não é fita não é nada,
olha o moço de bonê,
é meu amor que vem chegando,
olha o moço de bonê

Quebra o coco não (bis)
eu não vou lá não

Na jornada, os versos poderão
ser aumentados a critério dos canta-
dores em desafio.

O outro número folclórico a que
queremos nos referir é o menciona-
do "cavalo piancó". Este, genuina-
mente piauiense (parece que de ori-
gem gê ou tapuia), nasceu nas fér-
teis margens do rio Canindê. Ali,
nas noites enluaradas, quando, os
canindezeiros vigilantes guardavam

suas vazantes para afastar e so-
no, agarrovam suas amadas e, qua-
se num trotar impenitente, salam
aos pares a cantar e a dançar em cír-
culos, cavalheiros por fora e as da-
mas por dentro, todos em traje cai-
pira. Assim, iam manqueijando de
uma perna no ritmo característico
da cantilena:

1 - O meu cavalo é piancó
o meu cavalo é piancó
o meu cavalo é piancó
bonito pra vadiaz...
cavalheiro troca o par

Neste momento exato os cava-
lheiros vão trocando de par, um pas-
sa à frente pegando a dama do ou-
tro, enquanto o da frente pega a da-
ma do que estava atrás de si, e, as-
sim, continua a função em que todos
vão cantando em coro:

2 - O meu cavalo é piancó
o meu cavalo é piancó
o meu cavalo é piancó
cavalheiro volta o par

3 - Corre, corre elegante
corre, corre elegante,
corre, corre elegante,
na estrada de Amarante
(bis)

4 - Corre, corre ligeirinho,
corre, corre ligeirinho,
corre, corre ligeirinho,
no camim da veredinha
(bis)

5 - Corre, corre bate o pé,
corre, corre bate o pé,
corre, corre bate o pé,
vai parar no Canindê (bis)

6 - Corre, corre bem ligeiro,
corre, corre bem ligeiro,
corre, corre bem ligeiro,
vai até o Rio de Janeiro
(bis)

7 - Upa! upa! meu cavalo,
upa! upa! meu cavalo,
upa! upa! meu cavalo,
continua a galopar (bis)

8 - Corre, corre piancó,
corre, corre piancó,
corre, corre bate o pé,
vai até o Canindê (bis)

A pequena demonstração acima
vale por uma confirmação de quant
o Piauí poderá contribuir para o en-
grandecimento do folclore brasilei-
ro. O que nos falta, é apenas est-
mulo para que possamos compila-
um mundo de coisas que dizem d
nosse potencialidade neste gênero.

Livros

Lendo os piauienses

Enéas Athanázio*

EMBORA já acompanhasse o que lá se passava no terreno literário, após a minha visita ao Piauí e o contato direto com as coisas e gentes da terra, venho incursionando pelos seus escritores e poetas. Admita que o modesto Estado nordestino, apesar da precariedade dos seus recursos, lute com ardor pela afirmação no mundo da cultura, publicando, discutindo, divulgando os seus valores. Valores onde se incluem alguns nomes de reconhecimento nacional, de reputação firmada e cuja leitura é indispensável.

Nestas anotações quero começar por uma coletânea de contos não apenas porque seja o meu gênero preferido e tenha lido com interesse todos os trabalhos nela contidos; mas principalmente, pelo excelente ensaio que o precede, assinado por Francisco Miguel de Moura, apresentador, organizador e participante. "Piauí: Terra, História e Literatura" é uma introdução perfeita para quem deseja penetrar esse Nordeste "diferente e característico" como é o chão banhado pelas águas do Parnaíba — o "Velho Mongo". Numa síntese segura e precisa, mostra Chico Miguel a história secular de isolamento e pobreza em que o Estado, contrariando as regras regionais, empreende um desenvolvimento do sul para o norte, levando numa "civilização do couro" em que a criação do gado é atividade quase única e compatível com as condições locais. "Toda a civilização do couro — escreve ele — foi uma luta de primitivos: Viviam na os nossos avós, desamparados, isolados, lutando contra as pestes e as secas, contra os índios e a inércia que nos convidavam o sul abrasador e a terra adusta, nos tabuleiros, nos beijos e vales, lutando contra a malícia e as verminhosas e mosquitos. Lutando, não: sendo vencidos."

Não obstante esses tropeços, vai chegando o progresso — material e cultural. Vão os piauienses estudar no Recife, na Bahia e no Rio. Encorpou-se a produção literária, no verso e na prosa; surgem as "gerações literárias" exercendo influências e se fixa a tendência natural de uma literatura que reflete a seca, o gado, a terra e especialmente o rio, esse "mar interior" com "os mitos, as lendas e os costumes avoengos". Essas circunstâncias, no entanto, não fazem acentuar o regionalismo nas letras do Estado. "Contudo — explica o ensaísta — devido ao bombardeio das influências e do nenhum poder econômico, podemos dizer até de sua indefinição como

atividade produtiva da Nação, tende a receber todas as contribuições e a aceitar as mais conservadoras. Se nosso regional não existia na prosa, no passado, talvez não mais se realize. Nosso destino como ilha cultural é integrar-se no todo."

Num trabalho pioneiro em que procura reunir os contistas mais expressivos do Estado, sem olhar suas inclinações "Piauí: Terra, História e Literatura" dá bem uma mostra do que lá se escreve no gênero. Publicado em coedição da Editora do Escritor (São Paulo) e da Editora Ciandinha (Teresina), o volume reúne produções de Assis Brasil, Barros Pinho, Carlos Castello Branco, Deusdeth Nunes, Dodó Macedo, Esdras do Nascimento, Fontes Ibiapina, Francisco Miguel de Moura, Francisco Pereira da Silva, Geraldo Borges, Gregório de Motais, H. Dobaí, Hercúlio Moraes, João Falcão, João de Lima, Lindbergh Pirajá, Magalhães da Costa, Meneses y Moraes, Nilson, Maldonado Avante, O. G. Régio de Carvalho, Paulo Machado, Pedro Celestino, Pedro Marques, Rosa Maria dos Santos e Ruberval do Nascimento.

Desses autores, além de curiosidade de uma única presença feminina, observo que alguns são jornalistas profissionais (Carlos Castello Branco, Hercúlio Moraes), outros são predominantemente poetas (H. Dobaí) e/ou ensaístas (Francisco Miguel de Moura), o que indica sua condição de contistas bissetores. O livro abriga também nomes como Magalhães da Costa, Fontes Ibiapina, Esdras do Nascimento, Assis Brasil e O. G. Régio de Carvalho, figuras de expressão nas letras piauienses e cuja obra obteve repercussão fora do Estado. Contistas os dois primeiros, ambos autores de obras consistentes e criativas, Ibiapina é reconhecido como a maior figura do regionalismo do Piauí. Os demais são romancistas conhecidos do público leitor e bafejados pela crítica.

Dentre os contistas reunidos por Francisco Miguel de Moura na coletânea "Piauí: Terra, História e Literatura" (Editora do Escritor/SP), três são mais conhecidos como romancistas e nesse gênero se insere quase toda sua produção. Assim ocorre com Esdras do Nascimento, autor de diversos romances de sucesso junto ao público e à crítica; com Assis Brasil e O. G. Régio de Carvalho, dos quais apenas o último continua radicado no abrasante Teresina.

Assis Brasil, escritor profissional e autor de uma obra vasta e exerce incansável atividade cultural. A abertura do "quinto ciclo" em que vem se desdobrando sua produção ficcional revela a riqueza de sua criatividade neste "O Destino da Carne" (Ed. Nordica-Rio 1982), romance em que desponta a figura de Celina, personagem perturbadora e desbocada cujo "segredo" vai aos poucos se desvendando. Obra de um autor maduro, dono da técnica, esse romance agrada em cheio. Mas não se pode omitir, já que se fala no Piauí, uma referência à "Tetralogia Piauiense", conjunto de romances que tem como palco a sofrida terra natal, retratada em suas grandezas e misérrimas.

Em O. G. Régio de Carvalho tem a crítica visto até o melhor romancista brasileiro de hoje. Criador de uma ficção densa e desconcertante, seus personagens vivem com intimidade a própria vida interior e para a qual poucos fatos, muitas vezes ocorrências aparentemente menores, interferem de forma decisiva. Seus romances são profundos e complexos, mas ele consegue manter a tensão em nível elevado, em todas as variantes por que passa a vida íntima dos seus personagens. Em "Rio Subterrâneo" considera do o malhar dos seus romances já publicados, a presença de Ozeiras se revela apenas pelas vagas referências à ponte de madeira, às ruas estreitas e aos velhos casarões. A ci-

dade natal do autor concorre com ingredientes que em nada a identificam para deflagrar o turbilhão íntimo das criaturas que ele engendra. Sem qualquer eiva de regionalismo, esse romancista, morador da sua Província, é tão universal como os que mais o sejam.

A obra de O. G. Rêgo de Carvalho foi analisada por Francisco Miguel de Moura em excelente ensaio crítico: "Linguagem e Comunicação" (Ed. Artenova, Rio, 1972). Sua leitura é indispensável para bem apreender o sentido dessa ficção séria e trabalhada que nos dá o grande escritor nordestino.

Uma vez que falamos em Oeiras, não é demais lembrar o nome de Rugça Brito, também filho da antiga capital piauiense, e autor de uma biografia de Clóvis Bevilacqua, lá comentada em outra ocasião.

Mas também na poesia tem o Piauí os seus expoentes. Sem diminuir os demais, lembro aqui os dois pratas de Amarante: Da Costa e Silva (o antigo) e Clóvis Moura (o atual).

Da Costa e Silva (Antônio Francisco — 1885/1950) é a maior figura da poesia piauiense, tendo produzido uma obra que obteve expressão nacional e com muitos de seus poemas caindo na "boca do povo", repetidos de boca em boca e assim se perpetuando no sentimento popular. Como disse com precisão M. Paulo Nunes, na apresentação da "Antologia" publicada em 1982, "foi ele, sem nenhuma dúvida, um dos raros poetas de nossa terra a adquirir expressão nacional, tornando-se, por outro lado, como que a própria consciência do povo piauiense, que o incorporou ao seu folclore".

Nessa "Antologia" organizada de acordo com a escolha dos poemas feitos pelo próprio Da Costa e Silva, colhe-se uma visão bem nítida da vida dessa personalidade sensível e que produziu uma obra de grande beleza e refinada técnica.

Nascido na Rua das Flores, na cidade de Amarante, no sertão do Piauí, começou a publicar seus poemas muito cedo e na juventude já dedicou à pintura e à escultura em madeira, chegando a ser conhecido como *santelro*. Bacharel em Direito e funcionário do Tesouro Nacional, perambulou ao longo da vida por diversos Estados, acabando por falecer no Rio de Janeiro, "emocionalmente destruído, imerso em tristeza e desengano".

Na sua poética, desde a estréia, três temas estão sempre presentes: entrelaçados ou isolados, e que Alberto da Costa e Silva assim resume: "O sentimento do amor materno; o apego, na distância e no exílio, à terra natal; e a identificação do poeta com o rio Parnaíba." Foi também um poeta ecológico e a degradação da natureza é uma preocupação presente em muitos dos seus poemas. A leitura do "A Queimada" evoca em mim, com grande força, a tela de Alfredo Andersen, onde o pintor mostra em cores o mesmo que o poeta em sugestões.

Seus versos, iniciados dentro de cânones clássicos e tradicionais, evoluem mais tarde para o modernismo. O nosso Cruz e Sousa, pelo menos nas fases iniciais, foi de sua predileção e sobre ele há de ter exercido alguma influência. Teresina, a capital de seu Estado, homenageou numa praça, insculpindo em mármore alguns dos seus mais belos trabalhos.

"A Moenda" e "Saúde", ambos sonetos, são, no entender dos conhecedores, suas mais populares composições. Mas é neste último que ele fala no amor à terra, na dor da saudade e no Parnaíba, "o velho monge" substituído do mar e tão presente nas letras daquele Estado quase sem litoral. Por isso, vai aqui transcrito:

"Saúde: Olhar de minha mãe remando,
E o pranto lento deslizando em fio...
Saúde! Amor de minha terra... O rio...
Cantigas de águas claras selogando.

Noites de junho... O cobrir com tra,
Ao luar, sobre o arvoredo, plando, prando...
E, ao vento, as folhas lívidas cantando
A saudade mortal de um céu de estio.

Saúde! As de ter do pensamento!
Gemidos vãos de carnavais ao vento...
As mentelhas de névoa sobre a terra...

Saúde! O Parnaíba — velho monge
As barbas brancas alongando... E, ao longo,
O mugido dos bois de minha terra.

Mas Amarante, essa pequena cidade feliz, foi berço de outro grande poeta (e também sociólogo) — Clóvis Moura. Também ele se identifica com a cidade natal nos poemas que reúne no livro "Argila da Memória" (Ed. Corisco - Teresina - 1982) e cujo título já revela o dom mágico de que dispõe Amarante para se fixar na memória e no coração de seus filhos.

"Lendo esta belo e comovente livro — escrevi M. Paulo Nunes — sentimos que, se em Da Costa e Silva a identificação com a cidade natal é feita através do sentimento de exí-

lio, presente em sonetos como *Saudade* ou *Amarante*, em Clóvis Moura ela se faz porosamente pelos sentidos, pelas vivências, pela memória, pela reconstituição proustiana de um mundo perdido, mas guardado intacto na lembrança."

E com efeito, a cidade sertaneja se impõe nítida, quando o poeta desvenda as origens dele próprio de reconhecer nela a cidade mítica de sua existência, evoca seu tempo de menino, o rio Parnaíba (o mar interior do qual o Piauí se diz uma dival), as lendas, as cantigas das praças da Rua Nova, o boi, o luar. Ela se impõe mesmo quando e lança desafios à geografia, rememora paisagens ou busca definições. Tudo é inútil porque, mesmo na ausência,

"Uma cidade (linda e nessa solidão e persiste eterna, viva presente. Cidade onde há silêncios prolongados (depois do silêncio todas as formas ou misturam a voz da consciência).

(Resiste em silênciosa memória."

São poemas repassados de sentimento e sinceridade, reveladores de um poeta. Um pequeno livro que não provoca saudades de Amarante, e dele que não conheci mas de quem sinto ter um encontro marcado.

Não quero encerrar este comentário sem uma referência a Martí Napoleão, cujo "Calendário Geral em dois volumes recentemente publicados, tetra do ostracismo e o poeta de copiosa produção e cujas obras se lê com prazer. E, por fim, uma palavra sobre "Bar Carnaíba", conjunto de poemas de Francisco Miguel de Moura, expoente CLIP (Círculo Literário Piauiense) grupo que exerceu profícua e fértil e valiosa atividade na cultura local. Com esse livro, Chico Miguel renova seu compromisso com a poesia e gênero de sua predileção, ainda que tenha gozado renome como crítico e contista. Apreciei os seus versos e acredito no sucesso, numa terra de muitos e bons cultoras da poesia.

Publicado no jornal "A Notícia Joinville SC, edições de 14.10.84 e 21.10.84 e 07.11.84.

dade natal do autor concorre com ingredientes que em nada a identificam para deflagrar o turbilhão íntimo das criaturas que ele engendra. Sem qualquer eiva de regionalismo, esse romancista, morador de sua Província, é tão universal como os que mais o sejam.

A obra de O.G. Régio de Carvalho foi analisada por Francisco Miguel de Moura em excelente ensaio crítico: "Linguagem e Comunicação" (Ed. Artenova, Rio, 1972). Sua leitura é indispensável para bem apreender o sentido dessa ficção séria e trabalhada que nos dá o grande escritor nordestino.

Uma vez que falamos em Oeiras, não é demais lembrar o nome de Bugija Brito, também filho da antiga capital piauiense, e autor de uma biografia de Clóvis Bevilacqua, já comentada em outra ocasião.

Mas também na poesia tem o Piauí os seus expoentes. Sem diminuir os demais, lembro aqui os dois poetas de Amarante: Da Costa e Silva (o antigo) e Clóvis Moura (o atual).

Da Costa e Silva (Antônio Francisco — 1885/1950) é a maior figura da poesia piauiense, tendo produzido uma obra que obteve expressão nacional e com muitos de seus poemas caído na "boca do povo", repetidos de boca em boca e assim se perpetuando no sentimento popular. Como disse com precisão M. Paulo Nunes, na apresentação da "Antologia" publicada em 1982, "foi ele, sem nenhuma dúvida, um dos raros poetas de nossa terra a adquirir expressão nacional, tornando-se, por outro lado, como que a própria consciência do povo piauiense, que o incorporou ao seu folclore."

Nessa "Antologia", organizado de acordo com a escolha dos poemas feitas pelo próprio Da Costa e Silva, colhe-se uma visão bem nítida da vida dessa personalidade sensível e que produziu uma obra de grande beleza e refinada técnica.

Nascido na Rua das Flores, na cidade de Amarante, no sertão do Piauí, começou a publicar seus poemas muito cedo e na juventude se dedicou à pintura e à escultura em madeira, chegando a ser conhecido como *santeiro*. Bocheiro em Distrito e funcionário do Tesouro Nacional, perambulou ao longo da vida por diversos Estados, acabando por falecer no Rio de Janeiro, "emocionalmente destruído, imerso em tristeza e desengano."

Na sua poética, desde a estréia, três temas estão sempre presentes, entrelaçados ou isolados, e que Alberto da Costa e Silva assim resume: "O sentimento do amor materno; o apego, na distância e no exílio, à terra natal, e a identificação do poeta com o rio Parnaíba." Foi também um poeta ecológico e a degradação da natureza é uma preocupação presente em muitos dos seus poemas. A leitura de "A Queimada" evoca em mim, com grande força, a tela de Alfredo Andersen, onde o pintor mostra em cores o mesmo que o poeta em sugestões.

Seus versos, iniciados dentro de cânones clássicos e tradicionais, evoluem mais tarde para o modernismo. O nesso Cruz e Souza, pelo menos nas fases iniciais, foi de sua predileção e sobre ele há de ter exercido alguma influência. Teresina, o capital de seu Estado, homenageou numa praça, insculpindo em mármore alguns dos seus mais belos trabalhos.

"A Moenda" e "Saudade", ambos sonetos, são, no entender dos conhecedores, suas mais populares composições. Mas é neste último que ele fala em amor à terra, na dor da saudade e no Parnaíba: "o velho monge", substituído do mar e tão presente nas letras daquele Estado quase sem litoral. Por isso, vai aqui transcrito:

Saudade! Olhar de minha mãe rezando,
E o pranto lento deslizado em fita...
Saudade! Amor de minha terra... O rio
Centenas de águas vivas soluçando.

Noites de junho... O cajué com fita,
Ao luar, sobre o atvovivelo, piando, piando...
E, ao vento, as folhas lividas contentes
A saudade mortal de um céu de este.

Saudade! As de dor do fmeamento!
Gemidos vãos de corcovas ao vento.
As mortais de névoa sobre a terra.

Saudade! O Parnaíba — velho monge
As barbas brancas alorovendo... E, ao longe,
O mugilo dos bois de minha terra...

Mas Amarante, essa pequena cidade feliz, foi berço de outro grande poeta (e também sociólogo) — Clóvis Moura. Também ele se identifica com a cidade natal nos poemas que reúne no livro "Argila da Memória" (Ed. Corisco Teresina - 1982) e cujo título já revela o dom mágico de que dispõe Amarante para se fixar na memória e no coração de seus filhos.

"Lendo este belo e comovente livro — escreve M. Paulo Nunes — sentimos que, se em Da Costa e Silva a identificação com a cidade natal é feita através do sentimento de exí-

lio, presente em sonetos como *Saudade* ou *Amarante*, em Clóvis Moura ela se faz porosamente pelos sentidos, pelas vivências, pela memória, pela reconstituição proustiana de um mundo perdido, mas quando intacto na lembrança."

E com efeito, a cidade sertense se impõe nítida, quando o poeta desvenda as origens dele próprio de reconhecer nela a cidade motiva de sua existência, evoca seu tempo de menino, o rio Parnaíba (o mar e o toror do qual o Piauí se diz uma diva), as lendas, as contigas das janelas da Rua Nova, o bul, o luar. Ele se impõe mesmo quando e lança desafios à geografia, ramifica paisagens ou busca definições. Tudo é inútil porque, mesmo na ausência

"Uma cidade distante e nossa solidão
e pesada eternada, mas presente.
Cidade onde há silêncios prolongados
ilêpulos do altopos todos dormem
ou mastigam a veia da consciência."

Resiste em silêncio na memória."

São poemas repassados de sentimento e sinceridade, reveladores de um poeta. Um pequeno livro que me provoca saudades de Amarante, cidade que não conheci mas com quem sinto ter um encontro mesmo do.

Não quero encerrar esta comentário sem uma referência a Martinho Napoleão, cujo "Calendário Geral" em dois volumes recentemente publicados retira do ostracismo um poeta de copiosa produção e que obra-se li com prazer. E, por fim uma palavra sobre "Bar Carnaúba", conjunto de poemas de Francisco Miguel de Moura, expoente do CLIP (Círculo Literário Piauiense), grupo que exerceu profícua e bem valiosa atividade na cultura local. Com esse livro, Chico Miguel renova seu compromisso com a poesia gênero de sua predileção, sendo que tenha granjeado renome como crítico e contista. Apreciei os seus versos e acredito no sucesso, numa terra de muitas e boas culturas da poesia.

Publicado no jornal "A Notícias",
Joinville-SC, edições de 14.02.84,
21.10.84 e 07.11.84.

POETAS DE ONTEM, HOJE

O pós-vanguardismo poético de PAULO MACHADO

Carlos Estanislau Eulália

"Tu és a parte da parte, um Talisma produz,
Sua parcela do Caco, de onde nasceu o Luz!"

J. W. GOETHE

"Teresina — um véu. Vago pela cidade e logo fico sabendo: cidade foi toda destruída; levanta caso, destrói casa, tudo mesmo lugar, uma sobre a outra: só vestígios, restam tudo muito apagado. Cidade de pressa, essa. Pouca ou nenhuma tradição cultural" (1).

O depoimento é de Miguel de Almeida no seu mais recente livro "Trilha nos trópicos". Mas antes, muito antes de Miguel de Almeida, o registro dessa realidade vem sendo esculpido liticamente nos versos pouco difundidos do poeta PAULO MACHADO. Sua poesia, em especial a reunida nos livros "lá pronto, seu lobo?" e "A paz do pantano" constitui-se no mais fiel e autêntico testemunho poético em nosso meio que documenta com rara sensibilidade as transformações sócio-culturais de Teresina, verificáveis nestes últimos 20 anos de muito progresso os quais, para o poeta, repercutem férteis em decadência e demolições:

Impassível esquecer:
a fúria das águas, impenetráveis
sabões-de-peixe, comendo neblinas,
da fúria da maré, na caça
aos pontos, variando a ruína, tanta
que deida a praia perto segundo
em duas paisagens distintas

Impassível esquecer
a última sêbada de cada mês
quando os benditos, bem falantes,
reunidos no bar do ameto,
construíam com gestos perdidos
um intrincado labirinto
aguardando os cascos vermelhos
das bráquilas a rede das mesinhas

Impassível esquecer um tempo cheio de
certeza)

(PERSPECTIVA)

No quadro literário brasileiro, o início da produção poética de Paulo Machado coincide com o irromper do ciclo pós-vanguarda dos anos 70, em meio à abertura poética de 1975

que antecede à abertura política de 1979. Poucos até aqui têm estudado a proposta poética desse período, com a profundidade crítica que o movimento requer, pois boa parte da sua produção divulgada geralmente em equipes, por meio de edições marginais mimeografadas, isto é, desvinculadas da série literária empresarial, ou ainda publicada por diversas firmas artesanais de construção, encontra-se praticamente dispersa, fato este que se constitui num dos obstáculos à referida pesquisa.

No caso específico de Paulo Machado, observamos que sua obra embora nos pareça vinculada à chamada Poesia Marginal (2); tem, por outro lado, procurado firmar sua individualidade, trilhando caminhos próprios, originalmente bem definidos. É a partir dessa perspectiva que procedemos à leitura de seus poemas, buscando não só estabelecer relações com a linha poética dos anos 70, mas também tentando surpreender as tendências estilísticas do poeta que lhe permitem separar os contornos estéticos de sua geração.

Para a crítica especializada, a poesia dos anos 70, por coincidir com a repressão do governo militar, não poderia ser sendo de resistência: de sufoco de mobilização. De um modo geral, os artistas e intelectuais dessa época produziram textos significativos, numa tentativa de exprimir as angústias de uma geração sem voz, procurando romper o seu silêncio. A resistência poética, alicerçada sobretudo no imediato, mo da linguagem, preferiu esquivar-se de qualquer preocupação com a pesquisa da linguagem ou da realidade, distanciando-se, dessa forma, do classicismo da geração de 45 e das experiências formalistas das vanguardas de 1956.

Nutrido nesse clima, a poesia de Paulo Machado não poderia deixar de assumir a forma linear e discursiva de composição:

"meu avô, um repouso em concreto,
guardou, com indistigável orgulho,
o certo poema, pelo qual o país virou
da república dos estados unidos do Brasil,
por decreto de 19 de maio de 1910,
o nomeava capitão assistente da 35ª
Brigada de Infantaria da guarda nacional,
da comarca de piracema
no estado de paulista"

(revisão)

Se este aspecto confirma os vínculos com a sua geração, é bem verdade que o poeta não desiste de buscar o novo que lhe possibilita dar o salto, transcendendo os limites criativos que o confinam. Assim, os versos livres de seus poemas, antes atribuídos ao modelo poético que adota do simbolismo que nas formas descompromissadas com a nossa tradição literária, demonstram uma clara preocupação com o fazer poético, adotado quando quanto num a complexidade da poimática:

"fazer poemas é fácil
como emendar um tubo"

(postulado)

O "postulado" poético de Paulo Machado, a partir desse poema, completa-se nos dois seguintes, "esthoço" e "poética". Neste último, no entanto, os princípios diretrizes do seu projeto:

fica o fecho das metáforas,
o estivo na valia aquática,
no porta fuz,
a lembrança de que velas,
fica o alívio
o estivo do poeta, as músculos
itais é esperô dougria
Não é certeza de combater e
em linha reta,
não fugir nunca,
fazer contra a corrente, lutar
sem temer os golpes surtos
que rasgarem, como cães,
reento no oitavo da antecio
fica a linha
de sentir o sangue que flui
nas veias até o último momento,
fica um princípio
não temos o direito de traç
a poesia, crucificá-la
numa sala cheia de pastilhas

jamais expô-la como símbolo
de uma vanguarda precária, inerteza,
a poesia é torção a nível,
não podemos cumplir-la
de balança pesa

a escuridão das calabouços,
as câmaras de tortura
nada fará cair as portas.
a poesia sobreviverá às bombas de gás
no túnel
resurgirá das cinzas
no voo dos pássaros.
(A tróia os homens troitam, os pássaros
ligeiramente)
sonhemos:
com a verde da tarde esperança
a branco da paz traída.

(Poética)

Concebendo a poesia também como instrumento social vivo e capaz de expressar os sentimentos da sua época e de seu povo, em "Tá pronto, seu lobo?" o poeta, envolto no jogo temporal passado/presente, expõe-nos de modo simultâneo quadros ou cenas que assinalam as transformações de Teresina, ameaçando torná-la cada vez mais sem identidade. Conforme Círculo Santos, "grande parte dos poemas que constituem este livro tem a gosto de reportagem de rua: são flashes de uma cidade que se transforma, que se desumaniza (perdoem o lugar comum) pela ação (in)consciente dos donos da vida." (3)

Para compor estes quadros o poeta acrescenta ao procedimento verbal a técnica de montagem em sequência que consiste na articulação contraditória de planos, numa combinação harmônica, rítmica e organizada. Assim, o contraste entre duas épocas se apresenta como forma de espelhamento:

Par card/67

um lobo o carne faria preso no cruzamento
da barreira com a senador pacheco sem saber
que há sempre existe a guerra fria

nas verticais do clube dos diários
uma geração embucada no matama
esquecendo tudo mais

no cruzamento da barreira com a senador
pacheco
há um sinal que reitera
evidência desafiante rotina

não há tertúlias nocturnas dos diários
as baratas medrasas sem as bocas-de-lobo
admiram os calotes de cerveja empilhados fogem

no bar oarrilha a sol taia o merrem
das tabuletas das mesinhas ao passo que
os homens de casaca caza fazem plains

na paisagem os bebados
pregavam a subversão
e um balota esquentava as entranhas da noite

não há bar carnalite mas os homens
de casaca caza continuam fazendo plains
copitando não usando irreverências

a paisagem agora
os bebados já não falam terria
e a tróia da noite venceu o calor dos boeiros

Por consequência talvez dessa combinação harmônica de planos contrapostos, surpreendemos finalmente na produção poética de Paulo Machado a coexistência dos gêneros lírico e épico. Perfilhando o ponto de vista de Emil Staiger, para quem nenhuma obra pode ser enquadrada exclusivamente num determinado gênero, constatamos nos poemas de Paulo Machado, por mais afetivos que possam da imediato parecer, a presença do épico, na medida em que um narrador, ao surgir como anti-herói da modernidade, diante do caos, na "paz do pântano" registra, em primeira pessoa, o sombrio desaparecimento das marcas e dos símbolos que fossilizam a herança cultural: de uma cidade, numa linguagem cujos efeitos da discursividade épica imbricam-se nos interstícios da torrente emotiva que caracteriza a atmosfera lírica:

Caminho solitariamente pelas ruas da minha cidade
e quando me para desvendar seus segredos.

Os paralelepípedos da Rua da Glória
dilem a desordem do sono nas tardes de verão.

O tempo não apagar a que falavam os operários
da Companhia de Fluído, nos dias cinza da ditadura
Vergat

O imperialismo saia do Casa Olympia
para as mesas do Bar Carvalho
a Casa Inglesa pertencera a vida dos camponeses.

NOTAS

(1) — Almeida, Miguel de — Trilha nos Trópicos, edição Marco Zero, Rio, 1982, p. 113.

(2) — A esse respeito cfr. Aracilho Vasconcelos da Silva. Na designação corrente, o termo "marginal" é tomado no sentido denotativo e não num sentido crítico. A marginalidade estaria na precariedade das publicações, normalmente codiciladas em mimeógrafo, no limite da legem, termente excedendo quinhentos exemplares, e na distribuição, quase sempre feita pelos próprios autores, não raro com a ajuda de amigos, na porta de letras e faculdades. A designação é feita, portanto, em conformidade com a exterioridade do produto e não em função da criação poética.

(3) — Santos, Círculo — Nada de novo em "Tá pronto, seu lobo?" Edições Círculo, Teresina, 1978 p. 9.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Miguel de, Trilha nos Trópicos — edição "O turista aprendiz" Marco Zero/Rio, 1982.

MACHADO, Aracilho — Sérgio M. Eisenstein, "brasileiro, encanto radical", São Paulo, 1982.

MACHADO, Paulo — A paz no pântano — edição Corlino, Teresina, 1982.

— Tá pronto, seu lobo? — Edição Corlino, Teresina, 1978.
— Teresina, Co-edição Edições Círculo/FLIPP, Teresina, 1980.

SANT'ANNA, Afonso Romano de — Anos que saíram a Poesia brasileira de 1925-1982 in Livro de Seminário, Anais do 3º Encontro da Literatura Brasileira 1981, L. R. Ed., São Paulo, 1983 p. 271.

SILVA, Aracilho Vasconcelos. Lírica Moderna e Pesquisa Literária Brasileira: T. Rio, Rio de Janeiro, 1979.

STAIGER, Emil, Conceitos Fundamentais de Poética, Tempo Brasileiro, Rio, 1975.



DADOS DO AUTOR

Nome: Paulo Henrique Castro Machado
Local de nascimento: Teresina - PI
Data de Nasc.: 23 junho de 1956

Trabalhos publicados:

"Tá Pronto, Seu Lobo?"

Trabalhos Coletivos:

"Cidade"
"Glossário"
"Ó de Casa!"
"Aviso Público"
"Diversível"
"O Rio"

Trabalhos Premiados:

"POST CARD" — prêmio de Poesia F — Revista "Fuzil", São Paulo.
"A Paz do Pântano" — prêmio Odylo Filho — Teresina.

Crítico literário, membro do Conselho Editorial da revista Presença e do Projeto União Portela

**CONCURSO DE
MONOGRAFIA
SOBRE O
PROJETO VALE DO
PARNAÍBA**

**ABERTO A TODOS
OS ESTUDANTES DE
NÍVEIS SECUNDÁRIO E
UNIVERSITÁRIO**

PRÊMIOS:

- 1º COLOCADO: Cr\$ 3 MILHÕES
- 2º COLOCADO: Cr\$ 2 MILHÕES
- 3º COLOCADO: Cr\$ 1 MILHÃO

INFORMAÇÕES:

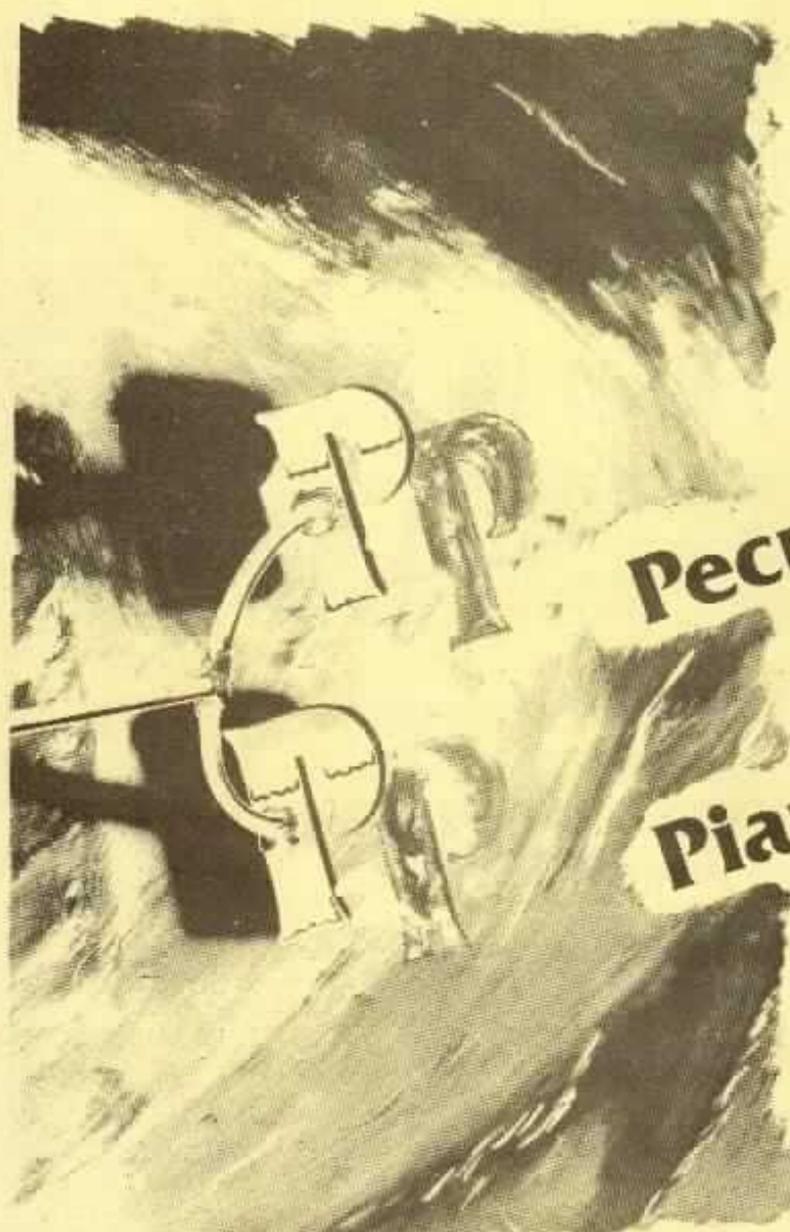
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
SOCIAL DA SEPLAN-PI
AV. MIGUEL ROSA 3190-SUL
FONE: 223-5565

**PRAZO DE ENTREGA DOS TRABALHOS:
ATÉ 15 DE JANEIRO DE 1986**

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO
CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA





Ano
da

Pecuária

Piauiense

SECRETARIA DE AGRICULTURA



PIAUI ADOPA